Lisboa—Typ. Universal—1877

HISTORIAS DE HOJE

EDUARDO COELHO

HISTORIAS DE HOJE

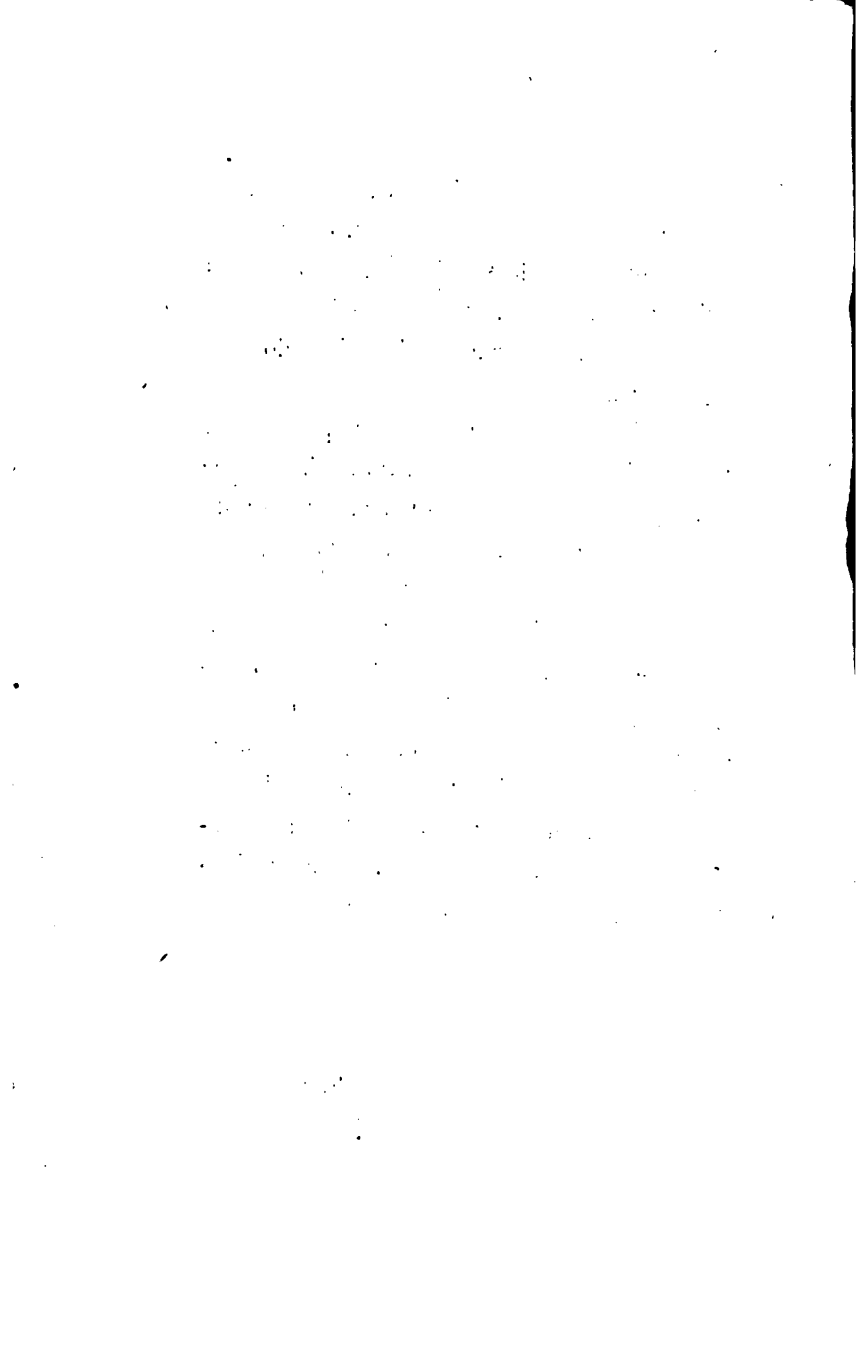
LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1877

Começâmos hoje a reunir em livro os escriptos litterarios do auctor, produzidos em diversas epocas e circumstancias, dessiminados, na sua maior parte, por folhas politicas, litterarias, e noticiosas de que elle tem sido collaborador ou redactor no decurso da sua agitada e laboriosissima carreira. Nos volumes que vamos publicar, e de que este inaugura a serie, estão comprehendidos trabalhos recentes, alguns inedictos, fixando certas idéas de critica, e de reforma dos costumes sociaes, e domesticos, a par de outros que pertencem ao periodo dos seus primeiros ensaios, simples tentativas de fórma, modestos exercicios de estylo, phantasias despretenciosas, tentamens e nada mais. Se exceptuarmos o livro *Passeios na provincia*, o pequeno romance historico *A vida d'um principe*, uma col-

lecção de versos, dois dramas, e algumas comedias, não ha publicado um livro do auctor, tendo elle, aliás, subsistido exclusivamente dos lavores litterarios, ha pelo menos, 19 annos, que até essa epocha a sua existencia foi uma lucta cruel, e tenacissima com o infortunio, originada principalmente na sua indomavel ambição de viver honestamente a vida das lettras. É que os modestos productos da sua penna iam abysmar-se n'esse golphão sem fundo, que alguem chamou o cemiterio das lettras, o jornalismo diario, e o auctor lidava n'este trabalho improbo, muitas vezes util, mas sempre inglorio, dos artigos, das chronicas, das correspondencias diarias, tendo sido largos mezes correspondente do *Nacional* e *Porto e Carta*, do Porto, do *Douro*, da Regua, da *Gazeta do Meio Dia*, de Evora, do *Conimbricense*, da *Rasão*, de Valença, cinco annos chronista e folhetinista do *Conservador*, e simultaneamente tres redactor effectivo da *Chronica dos theatros*, de que foi fundador com o sr. Eusebio Simões, mais de tres annos encarregado da secção noticiosa da *Revolução de Setembro*, e agora, nos ultimos doze annos, redactor do *Diario de Noticias*. Um capital immenso de traba-

lho, irreproduzivel pela maior parte. Colligimos, de entre esses milhares de columnas, estes escriptos e os que hão de seguir-se-lhe, nos quaes figurará um volume de *Tradicções nacionaes*, producto de successivas excursões ás ruinas do passado. Quem conhecer a biographia do auctor, e souber as tribulações e o abandono em que passou a sua mocidade, devendo ao exforço individual isolado, o pouco que poude aprender, e a honrada mediania a que chegou, sem haver, como tantos outros, farto patrimonio de estudos e as protecções que abrem todas as portas, e rasgam todos os caminhos, ha de apreciar com justiça o frùcto dos seus esforços. E principalmente o ha de acolher com affecto o vago protector que nunca lhe faltou e que o animou a derribar todos os obstaculos, e a robustecer a sua confiança no trabalho honesto — o publico. A esse, no seu conjuncto, são consagradas estas publicações.

O editor.

A EDUCAÇÃO

AO MEU ANTIGO AMIGO

MANUEL JOSÉ EDUARDO MARTINS

A EDUCAÇÃO

Elvira estremeceu ao ler a carta que um dos creados lhe trouxera no momento mais phrenetico do baile. Furtando aos olhares importunos das centenas de pessoas que se removiam nas salas as lagrimas que involuntariamente se lhe desprendiam dos olhos, e iam confundir-se com os brilhantes do collar que lhe circumdava o seio, saiu do baile, onde estava martyrisada de lisonjas e banalidades.

N'uma camara interior, longe d'aquelle bulicio e agitação, e como que extranha a elle, estava assentada, ao pé de um buffete antigo, lendo alguns capitulos da *Biblia*, uma senhora edosa, que o pae de Elvira, mais por acaso que por intelligente sollicitude paternal, lhe dera por dama de companhia e mestra. A donzella entrou convulsa e pallida, com a respiração comprimida, a circulação alterada, e foi esconder o rosto no seio de Bertha, que a achegou a si com o carinho e delicadeza de uma mãe. Depois, obedecendo ao impulso nervoso resultante de uma idéa sombria, abriu o riquissimo collar, e dando-o machinalmente á sua confidente, disse:

—Affoga-me isto, mistress Bertha; não posso com tão grande desgraça!

—Desgraça? O que é que a afflige? por que deixa assim uma festa tão alegre, e feliz? Não devia sair das salas; hão de ter reparado; é o baile dos seus annos.

—O ultimo baile, minha amiga, o ultimo baile!

E Elvira innundava em lagrimas a sua brilhante *toilette*.

A dama enxugando-lh'as com a maior doçura e serenidade, observou:

—Animo. Esquece-se das suas promessas? Chora, por uma contradição; porque é hoje, segundo diz, o seu ultimo baile. Estranho-a. Costumo vel-a mais rasoavel. São poucos os males que mereçam as nossas lagrimas; só os que se não remedeiam... a perda dos nossos parentes mais amados, dos nossos mestres e amigos, e antes, e depois d'essas...

—A da honra, mistress Bertha, continuou a attribulada menina, enxugando ella propria então as suas faces com as pontas dos dedos; a da honra, ai! e é a honra... que nós perdêmos!

E tornou a esconder o rosto no seio de Bertha balbuciando:

—Que humilhação, e que desgraça!...

Bertha estremeceu tambem por sua vez. Erguendo com resolução Elvira, fixou-a por modo ao mesmo tempo delicado, e severo. Mas, vendo que o olhar da sua pupilla se cravára no seu, lacrimoso, sim, mas sereno e firme, respirou e achegou docemente ao peito a cabeça sympathica da donzella, pousando-lhe com ternura os labios na fronte, e dizendo a meia voz:

— A da honra? Como assim? Faz-me tremer; sinto-me tambem perturbada; explique-se, minha filha...

E erguendo-se de mansinho, segurou no fecho a porta da camara, voltando a indagar o extraordinario acontecimento que lhe era annunciado. Elvira desdobrou a carta que recebera no baile, e offereceu-a á leitura de Bertha.

A prudente dama poude lêr com surpreza esta nova cruel:

«Minha senhora:

«Perdoe-me, se a respeitosa sympathia que me inspira me faz ousar avisal-a de uma grande desgraça. O pae de v. ex.ª está gravemente compromettido nos seus negocios. Ameaça-o ámanhã uma fallencia desastrosa. Soube-o agora de um negociante meu amigo, e abuso de uma confidencia para prevenir a v. ex.ª, porque sei que ha de fazer uso prudente d'esta revelação.

Um respeitoso admirador.»

Reprimindo a impressão de terror que lhe contraia os musculos faciaes, e a punha em invencivel excitação nervosa, Bertha tomou a carta da mão da donzella, e disse respirando:

—Mas é uma carta anonyma!

— Não é, mistress Bertha; conheço a letra; é de um logista honesto, incapaz de faltar á verdade.

— Não estará bem informado: pode lá ser uma coisa assim...

— Bertha, é a senhora que m'o tem ensinado;

a gente deve atter-se ao peior. Estes bailes, estas vaidades, estes brilhantes, estas despesas exageradas, que tanto sempre me teem contrariado... ai! eu sinto que a fortuna de meu pae está arruinada... que a desgraça chegou... o que havemos de fazer, meu Deus!

A dama comprehendeu tão bem como a sua pupilla que debaixo d'aquella casa se abria desde essa noite um abysmo profundo. Os que alli não andassem desvairados pelos deslumbramentos do luxo haviam de ver claro no fundo d'aquelle abysmo; e Elvira e Bertha observavam com discreto desgosto as causas da ruina. Mas Bertha sentia que a gloria maior do homem ou da mulher n'este mundo é saber ser forte e digno, principalmente nas crises da adversidade. Como que recordando n'um olhar maternal á sua pupilla, esta idéa, que era fundamental na levantada educação moral que tinha podido transmittir-lhe em suas lições quotidianas, sem que os paes de Elvira se apercebessem claramente d'esta modulução robusta que ella ia operando gradualmente n'aquelle caracter fragil e impressionavel, Bertha aconselhou:

— Torne ás salas, Elvira; algumas vezes o disfarce é virtude; componha a physionomia, e exforce-se por apparentar tranquilidade. Depois de acabar o baile conversaremos com o papá.

Os sons da orchestra propagávam-se na atmosphera, de envolta com o ruido das danças, e das conversações. Revoluteavam nas valsas os vultos mais esveltos das damas da sociedade elegante, cujas toilettes, allumiadas pelos jorros de luz de numerosos candelabros, brilhavam em variegados

matizes, perfumadas de flores, transparentes de gazes, scintillantes de pedrarias, indo reflectir-se n'uma successão de espelhos, que multiplieavam ao infinito aquellas explendidas choréas.

— Magnifico! dizia ao dono da casa um dos convidados.

— Soberbo! exclamava outro a sua mulher; tudo respira gosto e distincção.

— Onde iriam estes patifes desencantar tantos objectos raros, e o dinheiro para elles; segredava um elegante ao ouvido de outro, fixando atrávez da luneta o olhar cobiçoso n'uma pequena mesa de tampa de marmore, cujo centro representava em bello mosaico venesiano do seculo XVI a ceremonia do casamento dos doges com o mar.

— Eu tambem casava com este oceano de bonitas bogigangas, tornou o outro, alludindo ao mosaico, se soubesse que tudo isto representava uma fortuna solida e real.

— Pois duvida-o?

— Ouvi rosnar muito; dizem que isto é tão superficial como o era a fortuna do commendador Silvestre, com a filha do qual meu primo apanhou uma *preciosa ridicula* com um dote de trinta réis, e como aquella celebre do *visconde das Tercenas*, que esteve para te cair em sorte a ti.

— Ora! falas assim, porque Elvira não te dá trella.

— Pois asseguro-te que dá, mas é uma sensaborona, que quando se lhe fala em amor, mistura-lhe logo muito habilmente a idéa fossil e patriarchal da responsabilidade da familia e da seriedade do casamento. Olha, olha, ahi vae a enteada do

banqueiro Adrião; com aquella é que eu me entendo.

E seguiu a apparatosa beldade.

Tinha rasão. Havia profunda homogeneidade entre a depravada educação de ambos. Elvira não era caracter talhado para servir o amor impudico d'aquelle exemplar dos elegantes fatuos e inuteis, que constituem um dos elementos corruptores nos salões lisbonenses.

*
* *

Na manhã seguinte os jornaes resenhavam a festa anniversaria de D. Elvira de Mendonça com todas as phrases encomiasticas e lisongeiras, usadas n'esta especie de registros, dizendo que o commendador Henrique de Mendonça, abastado negociante, recebera em suas explendidas salas tudo o que havia de mais distincto na aristocracia, na politica, no commercio, e nas classes que são a força e o ornato da sociedade. Avançavam até que depois das ultimas festas do marquez de... não havia memoria de tão opulenta reunião.

Concluiam promettendo pormenores; mas quando as damas que haviam tomado parte na funcção procuravam nos jornaes do dia immediato a este as minucias que deviam lisongear o seu animo, deparou-se-lhes, em um d'elles, uma noticia que dizia assim:

«Cessou pagamentos, deixando a descoberto um passivo avultadissimo, um antigo negociante d'esta praça, que se tornára notado pela magnificencia

quasi principesca com que franqueava os seus salões á alta sociedade lisbonense.»

Tratava-se de Henrique de Mendonça.

*

* *

Toda a gente se recorda d'essa recentissima catastrophe, e ao ouvir ou ler esta simples narração reconhecerá os personagens, apezar da impropriedade das tintas, e das incorrecções do desenho com que os retrato.

Quem não assistiu aos seus ruidosos saraus, quem não foi conviva nos seus pantagruelicos jantares, socio nos seus elegantes *pic-nics*, ou pelo menos, quem não transaccionou com aquella casa? Henrique de Mendonça, tendo começado com pouquissimos recursos o seu negocio de commissões, e consignações chegou a ter um largo credito, e a trazer em gyro annual 800 a 1:000 contos de capital seu e extranho. Homem de muita energia e perspicacia no periodo da sua mais febril actividade, realisou felizes transacções, d'essas que constituem o jogo dos arrojos mais audazes no commercio, e que não são para caracteres timidos. Chegou a accumular algumas dezenas de contos de réis. Adquiriu assim bastante importancia na praça, e era considerado como um dos negociantes mais florescentes, vendo ao redor de si essa corte numerosa de lisongeadores que formigam habitualmente na orbita dos astros luzentes do capital.

A mulher de Henrique, filha de um fanqueiro abonado, vendo o marido elevado a taes alturas,

entrado nos circulos do grande commercio, e ella mesma recebendo, como elle, as pareas reverentes de um vasto cortejo de vassallos, começou a excitar os estimulos de vaidade do consorte, que tantas influencias funestas do meio social punham em movimento, e a mettel-o em cavallarias altas. Ouvia dizer de muitos negociantes que receberam ou obtiveram uma commenda pelo processo mercantil inaugurado pelo ministro Rodrigo da Fonseca, que fez do estado mascate d'estas distincções, e insinuava-lhe repetidas vezes:

—O' menino, olha que eu quero que compres uma commenda; toda a gente tem d'isso, e é bonito.

E como a considerava coisa tão facil de obter, que já nos seus sonhos a suppunha vêr reluzir na casaca de Henrique, dava um passo mais além, e segredava a meia voz:

—E ainda me has de fazer baroneza.

A Henrique não lhe desagradava esta perspectiva, que o poria a par de alguns dos seus collegas, que, com menores habilitações, tinham chegado mais depressa ao fastigio das honrarias postiças. Por isso animava aquellas esperanças tornando:

—Não seria metter nenhuma lança em Africa. D'essa massa é que as baronezas se teem feito.

Veio a commenda, e Angelina, antegosando as delicias da sua miragem aristocratica, ia insensivelmente tomando os ademanes mesurados, o ar impertigado de algumas baronezas das suas relações, ou de outras que pelo modo pretencioso lhe parecia habilitarem-se para o ser, alheiando-se a este mundo pequeno e miseravel da gente que olha di-

reita e sem esgares uma para a outra e ao falar não faz boquinha, desfechando dislates á conta de espiritualidades; entrando, emfim, nas regiões asfixiantes das visões absurdas, das vaidades comicas, dos orgulhos malcreados. No collegio, na sociedade, e na familia recebêra em cheio os elementos geradores de taes desvairamentos da rasão, que fazem perder á mulher os seus mais naturaes encantos, a simplicidade e a doçura. Prescreveu em sua casa a cosinha á franceza, tomando um Vatel improvisado, que produzia dispepsias chronicas em toda a familia, e vomitos violentos no *porte-monnaie;* quiz e teve carroagem propria, assignatura em S. Carlos, *toilettes* da Aline, *chalet* em Cintra, *maison de plaisance* na Granja, e bailes em Lisboa, nos quaes contradançava com o ministro do reino, o que era caminho direito para o baronato.

O marido, não tinha de si essas tendencias, mas caracter maleavel, indeciso e irresistente, não desgostava d'aquelle prurido fidalgo, e ia-se deixando empurrar no plano inclinado das magnificencias balofas, em que tinha visto alguns equilibrarem-se heroicamente. Aquelle brio, pundonor e gravidade do negociante, que o tinham elevado no conceito publico, ia-se enfraquecendo ao contacto de uma opulencia sobre posse. Felizmente que elle fizera alguns additamentos ao programma de Angelina. Esta, leviana como certos governos, que curam só de alindar e opulentar o apparato superficial do estado, deixando abandonadas na ignorancia, e na perversão physica e moral as multidões humildes, havia-se esquecido de cuidar na instrucção, e educa-

ção de sua filha Elvira, a quem, como muitas, julgava dar o sufficiente ensino na escola das suas vaidades, tendo por mestra o figurino francez, por moral a de certos romances, e por aspiração o casamento futuro com um visconde qualquer, visto que Elvira viria a ser a filha da rica baroneza de Mendonça!

Uma das modificações foi a apparição da *dama de companhia* de Elvira n'aquella casa.

Henrique lia repetidas vezes nos jornaes annuncios de senhoras que se offereciam para esse mister, e sabia de algumas familias abastadas que as possuiam; entendeu que era *chic* tomar uma para sua filha; communicou o seu pensamento a Angelina; esta assentiu, visto que uma dama de companhia para a menina podia ser considerada objecto de luxo. Acceite a idéa, Henrique principiou a fazer d'ella galla publica, e com tanta fortuna, que, fallando n'isso a um negociante hamburguez da nossa praça, este lhe disse:

— É o melhor que póde fazer. Usa-se muito no estrangeiro; dama de companhia e mestra. Eu conheço uma, que posso inculcar-lhe, pessoa muito capaz, e muito instruida. É viuva de um medico meu patricio e amigo, que falleceu de uma affecção pulmonar na casa de saude á Estrella, aonde se recolhera por se terem aggravado os seus padecimentos quando aqui passava de viagem para ir procurar allivios no clima da Ilha da Madeira. A senhora ficou ahi sem meios; a doença do marido arruinára-os; deseja trabalhar para não ser pesada aos seus compatriotas, e não acha digno viver senão á custa do seu suor. Mestra, aia, ou

dama de companhia, ou tudo isto junto, convem-lhe, e desempenhará bem as suas obrigações, porque é digna, e a educação que recebeu habilitou-a para todos os misteres. Henrique contratou-a.

*
* *

Era Bertha. Tinha 46 annos quando foi dada por companheira e mestra a Elvira. Esta estava então nos treze, menos seis do que á data d'estes successos. Poder-se-ia dizer que boas fadas haviam embalado o berço de Elvira, porque aquella senhora foi como que o genio do bem, posto pela providencia ao lado da sympathica menina, a evitar que o influxo do mal, a influencia do ambiente viciado em que ella aspirava o ar da vida, lhe pervertessem a alma; e a fortificar-lhe esta com a consciencia da verdade, e da dignidade, e o conhecimento seguro das noções legitimas do bom e do mau, do justo e do injusto.

Bertha era scandinava: passára a infancia em Stockolmo e Copenhague; fôra educada nos costumes puros e suaves dos povos do norte, em que predomina uma moral sincera e uma virtude robusta, que causam estranheza aos habitantes do meio dia da Europa; recebera ali a educação litteraria a que a lei obriga os dois sexos antes do sacramento da confirmação, que representa a entrada na vida social: além do lêr, escrever e contar, da historia sagrada, da geographia, e historia geral, aprendera a gymnastica, o canto, o desenho linear, o allemão, inglez, francez; tivera depois um curso completo de economia domestica, comprehendendo

todos os trabalhos e obrigações do lar, desde os lavores e prendas de simples ornato até aos processos e serviços manuaes mais indispensaveis. Frequentára os estudos dez annos, como é vulgar n'esses paizes, em que a instrucção e a educação são tomadas tão a serio. A sua maxima fundamental do arranjo de uma casa era:

— Que tudo tivesse o seu logar, e tudo estivesse no seu logar.

No tocante á educação da mulher ella entendia que esta não seria completa senão tivesse como resultado dar-lhe a consciencia do seu logar na sociedade, do seu pundonor, das suas complexas obrigações no lar, sem lhe fazer perder a meiguice natural, os habitos simples, as maneiras nobres e affaveis, a despretenção no vestir, no fallar e no proceder.

E a base reguladora da felicidade domestica na sociedade familiar, em suas relações com as exigencias materiaes da vida e da sociedade era, como o expõe sabiamente o bello livro de madame Hippeau, e a Bertha o haviam ensinado:

—Que nenhuma mulher casasse sem que o noivo lhe expozesse lealmente os meios de receita sobre os quaes ella devia formular o orçamento, para que todas as despezas fossem regradas dentro d'esse limite, qualquer que fosse a fortuna dos conjuges; que a economia bem ordenada, e a sobriedade em tudo fossem os principios reguladores da harmonia do lar.

Isto ensinava-o ella por uma maneira menos pretenciosa, que eu realmente não sei expôr. Seguira em Fionia o curso de uma *alta escola primaria*, tal como a que existe em Valdekilde, que as pro-

prias camponezas frequentam, e onde se ensina a todos, além dos que receberam na escola rudimentar, o conhecimento da litteratura scandinava e hollandeza, as *Eddas*, os *Sagas*, a descripção dos caracteres constitutivos das diversas nacionalidades, traços essenciaes dos costumes e usos de outro tempo, noções de historia natural, de anatomia, de chimica, de physica, de agronomia, e mechanica. Concluira as suas habilitações n'um curso de pedagogia, e viera para Berlim onde já aos vinte annos leccionava uma classe n'um dos principaes institutos. N'essa cidade contratára casamento, que devia realisar-se passados cinco annos, com um joven estudante de medicina, que só findo aquelle praso completava os seus estudos.

Estes contratos verbaes n'aquelles paizes valem pela mais solemne escriptura; e ficaria deshonrado aos olhos da sociedade aquelle que o quebrasse. Seria tido tal proceder como vil e indigno; pois lá considera-se, e com rasão, que ninguem tem direito a illudir com falsas promessas uma donzella, ou a fazel-a perder por ellas muitas vezes uma posição vantajosa na sociedade. Tal abuso, tão frequente entre nós, daria até direito a severas indemnisações.

O brioso estudante ao receber o seu diploma de approvação em todo o curso, que lhe abria o campo pratico da clinica, tomára Bertha por esposa, e levára-a para o seu paiz natal. Alli viveram felizes muitos annos, não só porque se amavam, como porque Bertha povoava de encantos o lar, menos com sua belleza, do que com a doçura do seu caracter, a casta meiguice de suas maneiras, a deli-

cadeza dos seus sentimentos, os enlevos da sua educação. Pobres que elles fossem, e a pobresa era impossivel em pessoas tão aptas para adquirirem por muitos modos diversos os seus meios, em troca dos seus serviços, viveriam egualmente felizes. No dizer do negociante que a inculcára a Henrique de Mendonça, e ao qual eu ouvi fazer a descripção do viver do mallogrado medico, e de sua esposa, Bertha era uma d'estas mulheres que teem o irresistivel attractivo de uma educação primorosa; affaveis, modestas, simples, de uma instrucção que entre nós excede a medida até dos estudos superiores, e que faria a fortuna de certos *parvenus* pretenciosos da sciencia e das lettras; emfim, capazes de inspirar affectos tão profundos como respeitosos; e cujo contacto corrige, melhora, fortifica, e póde até transformar as naturezas mais rebeldes.

O marido era um biologo dos mais entendidos; theorico de vastos recursos, que lhe tinham custado demoradas insomnias, um trabalho sem repouso de quinze annos; na pratica retraido e timorato, mas consciencioso, e bem succedido. Constituição debil, temperamento lymphatico, vida meio sedentaria, e caracter melancholico, surprehendera-o no meio da sua carreira uma phtisica pulmonar, que elle conheceu desde os primeiros symptomas, e contra a qual empregou durante cinco annos um regimen alimentar e hygienico rigorosissimo, que poude tornar mais lenta a marcha da fatal consumpção, prolongar aquella vida, além do praso que rasoavelmente deveria esperar-se em tão cruel enfermidade. Os extremos de dedicação, a delicadeza de affectos

de Bertha, as consoladoras solicitudes do seu amor suavisaram-lhe as lancinantes dores d'aquella extensa agonia. Trabalhando pouco, ganhando pouco, com a seiva da vida a esvair-se-lhe, resequido, mirrado, sem vêr brilhar um luzeiro de esperança nos horisontes do futuro, nunca phtysico algum passou como elle dias mais povoados de lindas miragens, de illusorias e voadoras phantasias, cheios de arroubamentos deliciosissimos, de relampagos de felicidade.

Os sorrisos de Bertha disfarçavam lagrimas; a doçura do seu amor escondia os pungimentos da dôr intima. Os resultados finaes das suas sensatas e methodicas economias foram destinados á viagem á Madeira: era o ultimo recurso, a final esperança, se esperança chegava a ser o dever santo de tentar fugir com elle á morte que o agrilhoava.

Não chegou o misero a receber nos pulmões escaldados pela febre o ar refrigerante e vivificador da viridente ilha oceanica. Em vez das aromaticas rosas d'aquelle clima encantador só foram corôa de gloria ás dedicações da esposa os desconsolados goivos de um cemiterio.

Recebeu o ultimo alento do pobre medico a atmosphera de Lisboa. Bertha quiz disputar-lh'o n'um longo beijo, mas o enfermeiro da casa de saude não lh'o consentiu. Acompanhou o corpo do marido ao cemiterio com a força varonil de quem cumpre um dever do amor verdadeiro, silenciosa na sua afflicção infinita, e tentando, em vão, suster as lagrimas. Quando se retirou, depois de lêr alguns psalmos na sua pequena biblia, pareceu proferir a meia voz algumas palavras, e como que es-

quecida de si mesma, e absorvida em pensamentos que iam esvoaçando para o ether, apertou a mão do negociante hamburguez que a acompanhára, e balbuciou:

—E hei de cumprir.

—Cumprir o quê? interrogou elle admirado.

—A promessa que faço áquelle infeliz de viver o mais tempo que puder na terra que m'o recebe no seu seio.

—Não pensa então em regressar a Hamburgo?

—Só se aqui ninguem quizer utilisar os meus serviços em troca do meu pão.

Tal é a historia resumida da companheira de Elvira de Mendonça.

*
* *

Sob o seu conselho, Elvira regressára ao baile, anciada e pallida, mal podendo conter as lagrimas. A mente e a vista perturbadas, representavam-lhe todos os explendores que a cercavam como um pandemonio medonho em que tripudiassem em danças infernaes todos os vicios, e todos os opprobrios, cuspindo sarcasmos sobre a virtude modesta e obscura. Procurou o pae com um olhar terno, e viu-lhe na physionomia o tom sombrio de uma preoccupação profunda. E todavia elle ria e conversava animadamente com alguns convidados. A donzella sentiu o coração opprimir-se-lhe ás compressões de uma angustia pungente. Como que lhe faltára o vigor muscular para manter o equilibrio. Ia talvez cair n'uma syncope, quando um homem se aproximou offerecendo-lhe o seu braço, e dizendo:

— A honra d'este *cotillon*.

Deixou-se arrastar, e esvoaçou alguns minutos n'um redomoinho vertiginoso, ao impulso do *cavalheiro*, automaticamente, sem o fixar sequer. Quando acabou a figura Elvira ia desfallecer. O *cavalheiro* como que a arrastou ao gabinete proximo, onde então não estava pessoa alguma, e, ao deixal-a recostar-se quasi inerte n'uma ottomana, pousou-lhe os labios na face pallida e flaccida, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Amo-te!

Foi como se uma pilha electrica lhe houvesse tocado, este verdadeiro abuso de confiança. A donzella ergueu os olhos, fixou-os no seu par, e como que acordando do adormecimento dos sentidos em que andára, reconheceu-o, e erguendo-se hirta e nervosa, disse:

— Suppunha-o um cavalheiro incapaz de fazer uma offensa d'estas a uma senhora, e em sua casa.

— Offensa? Oh! quando se é assim formosa!

— Não aggrave o insulto, sr. visconde.

— Uma cousa tão vulgar minha senhora...

— Vulgar talvez, mas indigna...

— Então o amor...

— Não é amor o sentimento que dicta uma tal grosseria. O amor legitimo é casto e respeitoso. A acção do sr. visconde é uma affronta. Queira ter a bondade de se afastar.

— Porém, minha senhora, eu peço desculpa, por que cuidava...

E Elvira retirou-se lentamente para uma das salas interiores, mais anciada e afflicta, em quanto que o visconde, cheio de confusão, e momentanea-

mente humilhado, foi esconder-se na multidão que percorria as salas, corrido d'èsta lição. O tom de profunda convicção, e a fixidez com que a filha do negociante se exprimia, fizera-o estremecer, a elle que era sempre vencedor n'estes torneios da astucia com a candidez.

Elvira tivera de resistir energicamente a muitas investidas da mesma sorte audazes e violentas a que a expunham aquelles bailes, e que são a expressão habitual dos sentimentos crassos em que se educa o coração e o caracter de um certo numero de filhos familias da sociedade actual, que aliás se vangloriam, com mais ignorancia do que cynismo, de educação aprimorada.

Mas por que não a acompanhava Bertha? Por que D. Angelina sentia que a respeitavel senhora não se acclimava n'aquelle ambiente de ostentação irritante, com a qual a simplicidade do seu trage, e a sinceridade do seu trato estavam em inconciliavel antagonismo. Bertha mesma havia pedido dispensa, e apenas apparecia uma vez por outra ás portas a observar Elvira.

Angelina, ascendida nas nuvens de incenso que em torno d'ella condensavam os mil thuribulos da lisonja baixa e insensata, que é o facil tributo dado aos idolos de muitos dos nossos bailes, havia perdido de vista sua filha durante a meia hora em que se passaram os episodios narrados. Quando a procurou achou-a n'um estado de agitação extrema. Considerando ser-lhe agradavel, tão mal ella comprehendia o seu caracter, e o fundo moral da sua educação, que a candida menina retraia em tudo que podesse contrariar sua mãe, disse-lhe, no tom

inconveniente em que algumas mães tratam estes seriissimos pontos:

— O visconde estava muito lisongeado de lhe teres concedido o *cotillon*. É realmente um cavalheiro de grande distincção, e muito amavel; e já percebi que não lhe és indifferente...

— Mamã, tornou Elvira, vencendo a respeitosa timidez que sempre conservava diante de sua mãe, perdoe-me que eu não queria desgostal-a, mas é preciso deixarmos este circulo de illusões e de falsidades... O visconde é dissoluto e indelicado como muitos outros...

— Philosophias, tornou D. Angelina com o ligeiro sorriso de indifferença com que ouvia certas reflexões, aliás muito sensatas, que Elvira modestamente fazia nas situações mais graves.

— Oh! minha querida mamã, não são philosophias... são tristes realidades. Não só o visconde, como muitos dos que ahi nos cercam de lisonjas, e até o proprio baile que enche de echos de alegria as nossas salas, são uma affronta ao infortunio que nos investe.

E Elvira teve uma convulsão de choro, que a afogava em lagrimas...

— Infortunio!? exclamou D. Angelina, erguendo-se, como que offendida em seu amor proprio, e, a seu pezar, sobresaltada.

— Sim, minha querida mamã, affirmou a donzella com voz ao mesmo tempo energica e tremula: o papá está mal nos seus negocios; tem compromettida a sua fortuna, talvez o seu credito; precisamos de muita força e resignação para receber o choque que vamos talvez soffrer, e essas

virtudes só nol-as podem dar... a consciencia do dever, e a dignidade.

— Que loucuras estás dizendo, filha?

— Mamã, desculpe á minha afflicção, e ao meu amor estas reflexões; eu nunca a magoei, nunca lhe desobedeci, nunca a contrariei; fui, sou e serei a filha submissa á sua vontade, e grata á sua ternura, mas é a hora de lh'o dizer: a melancholia que me tem sempre observado no meio d'estas grandes e brilhantes festas, em que me rodeiam de todos os extremos que o seu amor sabe dar-me, e me cercam de todos os explendores que poderiam seduzir e enlevar o animo fraco de uma menina, procedia do meu desaffecto a taes pompas, do receio de que chegasse um dia em que nós tivessemos de descer, de cair, talvez, de ver trocadas em sarcasmos e humilhações, as lisonjas e os gabos... Eu sabia-o, porque m'o havia revelado o estudo que:— «A vaidade é o algoz da virtude.» — «O luxo é a ruina das familias.» Perdoe-me pelo seu amor, mas eu precisava dizer-lhe isto; e se o faço em momentos que eram de tanto gosar, é porque faltaria ao meu dever se não a preparasse para os acontecimentos que se aproximam. Não se assuste, mamã... encha-se de vigor, e pense que, se a fortuna nos desamparar, ficam-nos as duas immensas forças redemptoras dos tristes... a honestidade e o trabalho...

Elvira, quasi que sem reparar, tirára do bolso a terrivel carta. D. Angelina começava a empallidecer, e a deixar-se vencer de um terror implicito. Não via a claro na situação financeira da casa, mas sentia e sabia até, por um ou outro facto, que as

coisas não iam bem ao marido, o qual aliás pouco lhe contava dos seus negocios. Não acreditava no infortunio de que sua filha lhe falava, mas sabia que ella não era dada ás expansões levianas de sentimentos irreflectidos; e nunca a vira tão transtornada de physionomia, e tão energica nas suas affirmações. Tomou repentinamente o papel da mão da attribulada donzella, e bem que esta tentasse delicadamente evitar que ella o lesse, relanceou com espanto o funesto aviso. Soltou um grito, e caiu desmaiada no sobrado. Acudiram alguns familiares. Elvira ajudou-os a erguer sua mãe, e a encostal-a n'uma *causeuse*, dizendo serenamente:

—Foi o calor das salas. Tomára que acabasse o baile. Deixem-n'a. Chamem *mistress* Bertha.

A dama de companhia não se fez esperar. Elvira narrou-lhe em poucas palavras o incidente, e deixando D. Angelina entregue aos seus cuidados, reentrou no baile, onde logo fez constar que a mamã estava bastante incommodada, e não poderia voltar a cumprir os seus deveres com as suas amigas. Eram mais de 4 horas da madrugada. Os convidados já haviam começado a retirar-se. Elvira acceitou as despedidas das ultimas damas, desculpando a sua tristeza com a doença de sua mãe.

Meia hora depois os salões estavam quasi desertos. Só restavam alguns parasitas, sorvendo as ultimas chavenas de chocolate, alguns jogadores sugando os derradeiros cobres dos parceiros, e alguns maldizentes aborrecidos bocejando as finaes insolencias a respeito do caracter e educação das pessoas da casa, que haviam successivamente es-

gotado para os receber e obsequiar todos os recursos.

Quando se erguia o sol tibio e meio velado do novo dia o palacete de Henrique de Mendonça apresentava um tom funebre. As janellas todas fechadas; silencio quasi absoluto; e na camara vermelha, apenas illuminada por dois castiçaes, assentadas n'uma ottomana, tres damas, uma das quaes *mistress* Bertha vestida de luto, que era o seu trage de viuva que nunca largára, e as outras duas, tendo ainda, porém muito amarrotados, os fatos brilhantes do sarau, carpindo e soluçando a medo.

Henrique, findo o baile, conversára com sua mulher e com Bertha, e pretextando um negocio urgente no norte do reino, partira, depois de ter dado um longo beijo em sua filha, a quem dissera:

— É preciso este sacrificio.

Todas se resignaram, porque conheciam a verdade cruel; Bertha, que alli representava a prudencia e a fortaleza da razão, entrava, pela primeira vez n'aquelle momento solemne, nas confidencias intimas da familia, e continuára a cumprir a sua missão. Dera prudentissimos conselhos, por que, emfim, n'este momento lhe eram pedidos; confortára a agonia de Elvira; contivera as exclamações inuteis em que a dôr e a surpreza de D. Angelina se teria desentranhado; e fôra sua amiga utilissima e desinteressada, como o teria de mais cedo demonstrado, se a mulher de Henrique de Mendonça, reconhecendo, como reconhecia, a superioridade d'aquelle espirito, não lhe escondesse systematicamente os seus erros e vaidades, do convivio dos quaes a afastára cuidadosamente, no que Bertha parecia

sentir prazer. Não obstante concedia-lhe de tempos a tempos algumas d'essas horas de desenfado na intimidade do lar, quando a alma, livre das influencias corruptoras da sociedade, se absorve toda nos puros affectos da familia, e o espirito se entrega a instructivas praticas e passatempos que encantam e dulcificam. E alli ellas eram realmente uteis, porque diante de Bertha e da sua discipula não se fallava nas vidas alheias, nem nas ostentações e orgulhos, nos luxos e desvairamentos.

*
* *

Estallára, porém, a catastrophe; e a casa de Henrique de Mendonça apenas recebêra no vestibulo a visita de alguns curiosos que iam indagar dos criados a verdade dos boatos que circulavam na cidade, e se liam nos jornaes.

Se Henrique de Mendonça escutasse os commentarios odientos, e as vociferações perversas da maioria dos seus antigos convidados, e d'aquelles que lhe haviam ajudado a cavar o abysmo em que se afundára, ao impulso mesmo de muitos d'elles, receberia n'essas vilanissimas ingratidões, a punição mais pungente de todas quantas para os seus erros pudessem ter inventado os codigos humanos.

O seu ultimo baile precipitára a sua queda. Henrique consumira nos gastos extraordinarios do seu viver principesco a fortuna ganha no commercio, que ia abandonando, e via-se, havia muito, em serias difficuldades para satisfazer compromissos commerciaes de capital responsabilidade.

Nas vesperas do baile com que depois de cinco annos celebrava o anniversario de sua filha, e que não podia deixar de realisar, para que não caisse a douradura da falsa aureola de riqueza de que o seu nome apparecia cercado aos olhos de quasi todos, tinha de pagar letras de quantias avultadas, e não lhe restavam absolutamente meios alguns, porque depois de certo tempo os capitalistas e os banqueiros andavam um tanto acautelados com a sua firma. N'um momento de allucinação, e depois de exgotados todos os recursos, praticára até uma imprudencia que era um crime á face da letra do codigo. No baile, o portador de certo escripto commercial dera-lhe a entender que reconhecêra a sua má fé. Além d'isso a fallencia era infallivel porque tinha de deixar protestar algumas letras que no dia seguinte se venciam. Considerava-se perdido, mas callára comsigo o segredo da sua desgraça, segredo que, como vimos, uma carta revelára a Elvira.

*
* *

A familia abandonára a casa á entrada da auctoridade, deixando integralmente aos credores, por um escrupulo nobilissimo de Elvira, appoiado por Bertha, e consentido com apparente resignação por sua mãe, todos os haveres que alli existiam, incluindo até objectos de valor, exclusiva propriedade da menina e da senhora. Elvira dissera:

—Deixemos tudo, mamã; quanto mais se pagar do que se deve mais ricos ficamos na adversidade; e tudo o que o nosso trabalho nos puder dar d'aqui

para o futuro é mais precioso que quanto ahi fica, e que algum crédor altivo poderá dizer que não nos pertence.

Mãe e filha, porém, obedeceram ás imposições da fraca natureza ao verem fecharem-se sobre si, talvez para sempre, aquellas portas, e ao separarem-se de tantos objectos queridos. Uma voz meiga e insinuante balbuciára até por entre as lagrimas:

— Não chega a ser heroismo cumprir á risca o dever, mas ha deveres muito dolorosos.

Dias depois a turba indifferente invadia o palacete, disputando ao leilão as riquissimas mobilias, guarnições e ornatos d'aquellas salas, com tanta opulencia dispostas e adornadas.

Tanto os numerosos credores, como os que nenhum direito tinham a tripudiar sobre as ruinas de uma familia, em quem ao menos se devia respeitar a convicta resignação na adversidade, exprobravam affrontosamente o procedimento de Henrique de Mendonça, e dirigiam os mais fulminantes motejos contra a sua familia. Apenas poderia observar-se o ar da commiseração e da tristeza n'um ou n'outro semblante. Um caso d'estes fôra notado pelo olhar prescrutador do pregoeiro. Um moço lojista, estabelecido havia pouco tempo em Lisboa, e ao qual, pela variedade do seu sortimento na especialidade modas, pelo seu todo sympathico, e pela gravidade e delicadeza instinctivas dos seus modos muitas familias procuravam, tendo-se a de Henrique de Mendonça afreguezado com elle desde muito tempo, parára diante de uma carteira de senhora, que tinha no espaldar uma moldura com

a photographia, *carte visite,* de Elvira, e fixando-a por instantes empallidecêra, e um soro de lagrimas lhe havia injectado as orbitas:

— Quer o movel, sr. Andrade? dissera o pregoeiro; ponho-o em praça de preferencia... Era talvez amigo da casa, hein?

— Era. Cubra os lanços até dez libras.

— Não ha de chegar a tanto.

— Pobre menina, concluiu Andrade, abafando um suspiro.

— Será sua a carteira, deixe estar.

Passavam n'este momento dois elegantes, e mirando o movel perguntou um d'elles ao pregoeiro:

— Ó seu aquelle, não se poderia vender isolado o retrato?

— O seu aquelle não móra aqui; o pregoeiro, criado do sr. visconde, informa-o de que o retrato não se vende, dá-se...

— Então venha elle.

— Dá-se... a quem comprar o movel pelo maior preço que a praça produzir.

— Póde guardal-o; leva uma boa prenda quem o levar. Pobre, feia e tola, uma bancarrota completa.

— Quizeram hombrear com os titulares, foi bem feito, accrescentou o companheiro do visconde, um vadio, que lhe servia de *bull dog.*

— Peço licença a v. ex.ª, interrompeu com resolução Andrade, tirando o chapéo e fixando o visconde, para lhe observar que a pessoa a quem se referem as palavras de v. ex.ª, é effectivamente pobre, e poderá ser feia; porém tola ninguem tem direito a chamar-lhe, olhando a que é uma menina modesta.

— Bem se vê pelo retrato!
— Modesta e honesta, digna do respeito dos homens de bem.
— O suprasumo da virtude! é parente ou procurador da familia? insistiu o visconde, fixando a vista no interlocutor.
— Sou... amigo da verdade.
— Ah! já sei, o auctor dos artigos que apparecem ás vezes nos jornaes com esse pseudonymo; estimo muito conhecel-o... Tudo pelas damas, como o cavalleiro de La Mancha.
Andrade, tomado da maior excitação, ia por certo deitar-se ao visconde quando o pregoeiro bradou:
— Duas libras esta carteira de senhora... de uma verdadeira senhora... muito instruida... e muito digna, accentuou elle, como que para castigar o atrevimento do joven titular. Cobre o lanço, sr. visconde?
O visconde encolheu-se, e Andrade exclamou, como que fóra de si:
— Quatro libras!
Um marceneiro picou:
— Cinco.
O visconde, que via na offerta do lojista uma provocação, affrontou:
— Cinco e meia.
Andrade tornou:
— Dez libras!
— Já se vê que é um insolente com dinheiro, disse deslavadamente o visconde a meia voz, dando o braço ao companheiro e afastando-se do grupo.
No dia immediato Elvira de Mendonça recebia

na sua nova habitação a carteira, acompanhada de uma carta em que se dizia:

«Minha senhora. O retrato de v. ex.ª não devia ir parar ás mãos de algum homem indigno que não respeitasse a virtude que elle representa. Arrematei este movel que pertencia a v. ex.ª, e peço licença para lh'o restituir.

Um respeitoso admirador.

Elvira ao ler estas palavras pensou:

— Ainda ha corações dedicados e generosos.

Quando D. Angelina soube d'esta nobre acção, ella que, apesar da tremenda lição, ainda não tinha perdido as suas illusões, observou:

— É uma acção de fidalgo. A não ser do visconde não atino com quem podesse ter comtigo tão grande attenção.

— Está enganada, minha boa mãe; as acções do visconde são de outra natureza.

E, depois de contar-lhe a scena do baile, mostrou-lhe uma carta indigna, em que o impudente elegante, affrontando a santidade do infortunio e a castidade modesta e convicta da donzella, lhe offerecia uma vilissima posição.

A resposta de Elvira foi simples: — «Guardo, e esconderei o vergonhoso escripto de v. ex.ª, menos por consideração ao seu nome do que á minha dignidade.»

— Quem foi então o homem generoso que praticou acção tão fidalga?

— Foi um logista, mamã; foi o sr. Andrade. É d'elle a letra da offerta.

D. Angelina, fazendo violencia ás suas antigas tendencias, não poude deixar de balbuciar a phrase:

— Nobre alma!

*

* *

Accusam a civilisação actual de não se ter feito acompanhar em seus progressos materiaes e intellectuaes, visiveis e incontestaveis, pelo progresso moral, isto é, de não ter aperfeiçoado os sentimentos e corrigido os costumes; e um brado unisono sae da bocca de todos os pensadoros: «Elevemos o nivel moral da familia e das multidões, por que sem moral todo o progresso é falso.» É esta verdadeiramente a obra dos reformadores de hoje, nem ha outra que mais cuidados deva merecer: e o seu instrumento principal está na instrucção e na educação. Que se aprenda tudo, o bem e o mal, porque todas as paixões funccionam livremente na sociedade moderna, mas, ficando-se com o amor sincero do bem, e o odio do mal. Que se conserve a candura e a pureza de alma proprias do estado de innocencia e ignorancia, sabendo-se tudo e sendo-se civilisado. Emquanto se não chega a este estado, alvo dos esforços dos philosophos e dos sociologistas honrados, a epocha será de transição.

N'este acanhado quadro, em que reproduzo em toda a sua verdade acontecimentos e individuos cuja historia e physionomia recortei da tela social, estão representados todos os elementos da lucta e da reforma. Henrique de Mendonça e Angelina são productos genuinos da nossa imperfeita civilisação; receberam, embora de longe, os

clarões e influencias d'ella, sem o bafejo benefico do sentimento moral. Bertha representa um estado mais perfeito; sabe e sente; é forte e bôa; é util e pode ser feliz, no seu proprio abandono; Elvira é uma resultante d'ella, e o seu ensino solido e puro, que nenhum collegio ministraria tão cheio de luz e de amor, foi uma renovação; intelligencia clara, alma robustecida pela educação, caracter candido, e espirito suave, tem a meiguice de um anjo, junta á gravidade, prudencia e bom senso de um sabio, podendo com esses predicados operar prodigios de valor na lucta da virtude com o vicio, e seguir sem naufragar a viagem tormentosa de uma mulher, que, em mar tão combatido de tempestades, e tão eriçado de recifes, e de baixios, deseja chegar ao desejado porto da sua independencia pelo trabalho, sem perder nada do precioso thesouro com que se aventurou ás ondas—a castidade. Andrade, o novo personagem, tem um caracter differente. Vive em Lisboa, sem que lhe corrompessem ainda o organismo os seus ares mephitisados.

Não se civilisou, porque nada aprendeu, nem frequenta os grandes centros, mas em troca, conserva a simplicidade de costumes, o culto da honra e da virtude que são religião tradiccional na sua aldêa, n'um valle entre montes inaccessiveis, á beira de um rio, no seio da natureza inculta. Não tardaria talvez a perder-se tambem ao contacto dos elementos viciosos que se accumulam n'uma grande capital, mas está salvo; salva-o o amor de Elvira.

Elvira é o anjo e a providencia do lar. Mora com sua mãe e com Bertha n'um segundo andar de uma rua proximo das mais frequentadas. Na

hora triste dos desfallecimentos, lembrou-se de mil expedientes para se erguerem do infortunio, todos baseados no trabalho. Não pensou em pedir, como tantas no seu caso fariam, subscripções, beneficios, empenhos, collocações de favor; não sollicitou benevolencias, que ás vezes custam o preço do pundonor.

Não se ficou inervada n'um sentimento de falso brio, que é só o orgulho disfarçado, a chorar as inconstancias da fortuna, receiando, como muitos nas suas circumstancias, *descer da sua dignidade*, se lançasse mão de qualquer recurso honesto, embora humilde, para se rehabilitar.

Quando uma senhora, assaltada por infortunios que não creou, se soccorre aos recursos do trabalho honrado, não desce, sobe. Isto respondêra ella com desassombro a uma antiga conhecida, que eivada da falsa noção da dignidade lhe observára, ao expor-lhe ella os seus planos:

—É descer muito.

A sua variada instrucção abria-lhe o caminho de diversas occupações. Lembrou-se de uma:— o ensino. Requereu mistress Bertha para que se lhe associasse; esta acceitou com alvoroço; nada mais consoante ás suas tendencias e desejos. Annunciaram que recebiam meninas para educar. Obtiveram as sufficientes para occorrer ás suas despezas. A casa volveu-se escola e officina. Lidava-se ali dia e noite. Alem do ensino, faziam-se muitas obras de costura, e bordados, diversas curiosidades artisticas, *toilettes*, tudo o que a vontade esclarecida pode produzir. Nos primeiros tempos a delicada menina até dispensou criada. A sua actividade e methodo sa-

tisfaziam a todas as exigencias internas e externas da casa. Erguia-se aos primeiros alvores da manhã e depois de cuidadosamente se haver lavado e feito a sua singela e delicada *toilette*, punha um avental branco de *bonne*, e eil-a a fazer a limpesa de casa e moveis, a tratar dos fornecimentos, a cuidar da cosinha, distribuindo o tempo methodicamente, de modo a ter o sufficiente para o trabalho que lhe havia de dar a subsistencia.

E tudo isto com o jubilo de quem vence um inimigo poderoso.

Veio o pão honroso do trabalho, a independencia, a gloria. Ah! como Elvira preferia os seus simples e encantadores vestidos lisos de percale, áquellas ruidosas e roçagantes *toilettes* dos saraus de outr'ora! E como o seu corpo esvelto e elegante, e o seu semblante virginal e sympathico sobresaiam n'aquelle trage singelissimo. Por isso todas as pessoas que se lhe aproximavam se sentiam attraidas pelo suave perfume da timida violeta.

Ao fim de dois annos ella podia dizer, satisfeita, beijando com ternura sua mãe, assentada no sophá modestamente estofado de cretone:

— Mamã, descance aqui tranquilla; somos ricos, porque não devemos nada a ninguem; e felicissimos, porque quanto aqui está o ganhou a nossa actividade, que os outros utilisaram.

*

* *

Andrade havia outr'ora conversado algumas vezes com Elvira no seu estabelecimento por occasião de

ella ir ali comprar com sua mãe ou seu pae, e encantava-o a discrição, e a modestia que aquella alma revelava. Mas, parecendo-lhe temeridade erguer tão alto o olhar, jámais ousára fazer a mais elementar manifestação do seu affecto. Todavia mostrava pela sua fregueza uma sollicitude, e um interesse tão cheios de respeito, e de candura, que despertára n'ella espontanea sympathia, tanto mais franca e sincera quanto que Elvira não pensava que podesse haver distancias de posição entre negociante e negociante, embora variassem os graus de altitude monetaria.

Uma vez Henrique de Mendonça dissera ao moço logista, n'um momento de desenfado, ao pagar-lhe metade de uma conta:

— Ó sr. Andrade, olhe que se apparecer lá no baile de ámanhã, já se vê encasacado, e elegante como sabe apresentar-se, não se lhe fecha a porta, e minha mulher ha de estimar vel-o.

— Obrigado, sr. Mendonça, tornára elle.

E não foi; mas andou toda a noite a suspirar em frente do palacete.

— Não quiz ir ao nosso baile? disse-lhe Elvira passados dias.

— Tive acanhamento, minha senhora, mas gosei da festa na rua; ouvi cá fóra a musica e o ruido das danças.

Elvira, sentia-se attraida para elle por uma certa affinidade de tendencias, porque o via fazer um áparte aos pretenciosos superficiaes e falsos com quem habitualmente a obrigavam a tratar. E aqui está explicado o porque ella fixára a fórma da sua letra, a ponto de reconhecel-a nas duas cartas não

assignadas. O facto do aviso, e depois o da offerta da carteira revelavam a mais entranhada dedicação. O agradecimento que a donzella lhe fez continha esta phrase:

«Dá-se a gente parabens quando póde extremar na multidão dos falsos, dos egoistas, e dos perfidos uma pessoa honesta, verdadeira e desinteressada, como o sr. Andrade.»

Este não parára na prestação dos seus serviços, que sabia seriam agora de maior preço. Fôra offerecer a D. Angelina credito na sua loja para tudo quanto precisassem, costura, se a ella quizessem dedicar-se, como lhe parecia que o faziam, cooperação em tudo para que a sua influencia chegasse. A Elvira fallou-lhe largamente de seu pae; explicando o estado da fallencia, e prometteu-lhe fazer quanto estivesse ao seu alcance para attenuar os tormentos do infortunio que o precipitára, e abrandar a ira dos credores. A ternissima filha, tocada fortemente nos mais suaves sentimentos de sua piedade filial, baixou os olhos, a que assomaram as lagrimas da gratidão, e apertando a mão a Andrade, dissera:

—Interessa-se tanto por nós, que quasi o considero uma pessoa de familia, sr. Andrade.

—Oh! minha senhora, tornou o joven negociante, comprimindo tremulamente a alva mão da donzella; se tivesse a honra de o ser, considerava-me absolutamente feliz.

Elvira ergueu timidamente o olhar a encontrar-se com o d'elle, e disse, deixando-o descair de novo

sobre a tela onde bordava: — É muito bom comnosco.

Um dia, Andrade, depois de ter muito pensado e estudado, atreveu-se a fallar mais claramente.

— Sr.ª D. Elvira, se V. Ex.ª alguma vez pensar em que lhe poderia ser util... o auxilio de um marido, que... apreciando-a em quanto vale, a estimasse, amasse e respeitasse, eu... sei de um que consideraria a maior das felicidades, poder ser esse braço auxiliador.

A Elvira custou-lhe a responder, mas venceu, por fim, as difficuldades, e como tudo isto já ella tambem o pensava, havia certo tempo, porque quando se ama deveras, estas coisas sentem-se antes de se dizerem, tornou:

— N'essa occasião eu poderia informar o sr. Andrade que o destino natural da mulher é casar, para formar a familia, mas que eu por mim não seria completamente feliz se não tivesse podido ganhar pelo meu braço, ao menos, os meios de fazer o meu enxoval completo, para o que não precisaria menos de dois annos...

— Tanto tempo, minha senhora?...

— Seria esta a maior gloria da minha vida de solteira!

— Pois minha senhora, direi ao tal... sujeito, que espere.

Elvira estendeu-lhe a mão, que elle apertou com a maior effusão.

Entretanto, Andrade, pagou algumas dividas a pequenos credores de Henrique; obteve dos maiores credores promessa escripta, uma especie de concordata particular, de que não o perseguiriam,

e buscou alcançar-lhe uma collocação como administrador de uma fabrica fóra de Lisboa, para o tirar do meio homizio em que a vergonha o trazia. Findo o praso, indicado por Elvira, esta declarou a Andrade, que tinha concluidos os arranjos do enxoval, e Andrade ao designar o dia do casamento, disse-lhe, apresentando-lhe a carta de admissão do pae no seu novo emprego:

—Aqui está o meu presente de noivado.

Bertha, que todos tratavam como se fosse uma santa, tinha resolvido separar-se dos noivos, receiosa de importunal-os. A sua obra alli ficava completa. A sua pupilla estava realmente tornada uma mulher forte e independente. Fôra essa a missão da educadora.

Continuaria, em casa pobre, a educar as meninas que então estavam confiadas aos seus cuidados e aos de Elvira, e de sua mãe. Nem Andrade, nem Elvira, porém, consentiram n'esta separação. Elles bem comprehendiam o papel providencial que a illustrada viuva do medico hamburguez desempenhára n'aquelle drama de familia.

—As cousas continuam como até aqui, dissera Elvira, só com a differença de que vamos morar n'uma casa maior, e de que temos mais um socio... capitalista, que é... meu marido.

Andrade, notou:

—Mistress Bertha, com o seu systema de educação foi a redempção d'esta familia.

Bertha, attenuando o calor do gabo, tornou-lhe:

—Se assim fosse, o sr. Andrade teria sido então um Cyrineu, que levaria a sua dedicação... além do Golgotha.

Temos a certeza absoluta de que Elvira de Andrade será o exemplar das mães de familia, e, senão receiassemos quebrar alguma das leis que nos velam, e vedam o seu viver actual, que pertence todo á santidade do lar, ao sacrario da sociedade conjugal, poderiamos affirmar que o é, e que vive felicissima.

UM DRAMA DA RODA

UM DRAMA DA RODA

I

O realismo na arte, a verdade desornada, nua e crua, com todos os seus enlevos ou a sua hediondez, vasada nos modelos do romance, do drama, do poema ou da pintura é a palavra de ordem do grupo numeroso de reformadores litterarios que anda consumindo agora a actividade material, e as faculdades intellectuaes na demolição do passado, e na reformação do presente para a edificação do futuro [1]. Pois bem: sirvamos os alveneos do progresso; a obra intentada é grande e carece do auxilio de todos os braços; acarretemos um pedrinha para o monte commum; que a aproveitem os mestres á medida das exigencias do plano, e que seja para bem.

Não creio que se possa ser mais realista do que eu vou sel-o. Supponho até que irei tanto além das aspirações da escola que este rapido esboço de um facto ficará, sim, com a eloquencia da realidade, mas sem os ornatos da arte, porque, infelizmente, falta-me a arte para contar bem esta cruel verdade.

[1] Isto escrevia-se ha 5 annos (1872).

II

Morava eu ha 13 annos n'uma acanhada viella ali ao pé da Mouraria, em que só habitavam em esguios casebres, gente, não direi tão pobre como eu o era então, pois todos teriam mais ou menos com que temperar o seu caldo espartano, mas, emfim, gente que pagava a renda média de 1$000 a 1$200 réis mensaes, quando a pagava. A minha orçava por 700 réis.

Trabalhavam na sua logita defronte da minha unica janella um carpinteiro, rapaz de seus 26 annos, desembaraçado, musculoso, activo, de physionomia intelligente e olhar sereno e firme em que parecia reflectir-se um alma pura.

Tinha modos de muita distincção, e uns certos instinctos de delicadeza que fariam d'elle um homem notavel e reparado entre esse exercito de ociosos, que, se nem sempre conseguem ser a gloria ou o esteio, são pelo menos o ornato das republicas, —os elegantes de profissão. Era o que se designa por mais facil interpretação—um typo fino.

A sorte, n'esta permanente loteria da vida, saira-lhe em numero distante dos premios ainda os mais somenos, e deixára para ali o pobre rapaz abandonado á propria iniciativa, sem a luz da instrucção, que eleva o homem tantas vezes do nada ao nivel dos heroes, e sem o dinheiro nem as protecções que podem resgatar da escravidão da ignorancia, em que a iniquidade dos governos os deixa, esses proscriptos da civilisação.

Se lhe tivessem aberto a alma ás naturaes aspirações, com a educação intellectual, poderiam ha-

bilital-o a ser, não direi já um activo burocrata, que á farta ha ahi quem deseje n'esse officio de caixeiro das officinas de escripturação do estado sorver os succos orçamentaes, pois é essa uma das manias do tempo; nem um deputado, que tambem abundam os candidatos ao sacerdocio no templo das leis, onde se faz, é certo, ás vezes do direito torto, e onde muitos usam á feição de caprichos e interesses nem sempre justos a suprema faculdade civica, que tão altas obrigações impõe á consciencia; mas, emfim, um negociante habil, um industrial illustrado, —quem sabe?—um litterato, um contista melhor que eu, pois não é isso menos facil que ser qualquer cousa rasoavel ahi na galeria social, tão cheia de sem rasões.

Mas não! deixaram-n'o obscuramente a carpintejar sem saber a razão das cousas, ensinando-lhe apenas a ler, e a ler mal, um mestre escola, a quem tambem nada haviam ensinado para que elle o ensinasse, nem ao menos a noção do direito, que uma vez comprehendida deixa o homem andar de cabecinha levantada a encarar de frente, e fixamente, tudo o que se faz de bom e mau por esse mundo fóra, examinando o direito e o avesso das cousas, e dos homens, desde os falsos beatões, que convertem a religião em instrumento de odios, e fazem de Deus a negação da luz, até certos philosophos egualitarios que intentam arrasar Deus, patria e lei para construirem um mundo á sua vontade onde elles possam ser tudo isso.

Leandro nascêra... nem elle sabia aonde. Os elementos capitaes da sua biographia resumia-os elle ás vezes, quando estava serrando, raspando ou aplai-

nando táboas, n'aquella melancolica trova do romance popular:

> **Eu não tenho pae nem mãe**
> **Nem n'esta terra parentes,**
> **Sou filho das frescas hervas**
> **Neto das aguas correntes.**

Era filho... da santa casa da Misericordia.

A mãe, isto é, a femea que o gerára, porque, —perdoae-me, vós ó martyres de alguma situação verdadeiramente irremediavel, que eu não desacato a vossa dôr, —não têem jus ao alto titulo de mãe as mulheres que em certas condições engeitam os filhos, ou subscrevem sem reluctancia nas horas afflictivas da maternidade a que lh'os façam engeitar, pois o ser verdadeiramente mãe é o primeiro sacerdocio social: —gerár, aviventar, e educar para o bem —; a que se suppozera mãe porque o trouxera no seio, deixara-o caír dos braços mornos e molles no seio frio e duro da roda, e abandonára-o para sempre. Talvez tivesse depois remorsos, mas não teve amor, nem piedade, quando devia tel-os.

A mulher de mestre Antonio, carpinteiro do beco do Jordão, tivera uma creança morta, e, para aproveitar o leite, mitigar a sua dôr, e, tambem, coitada! ganhar alguma cousa, fôra buscar um exposto á Misericordia.

Fazem d'isto algumas almas boas, resgatando essas victimas dos erros alheios.

Esse exposto era Leandro.

Amamentou-o carinhosamente. Depois o menino cresceu em lindesa e galanteria. Ella foi bebendo o amor do pequenino nos effluvios, que com os bei-

jos lhe sorvia da rosada boca, e foi-se atando e prendendo a elle com as lias do affecto por tal arte, que, quando acabou o periodo da amamentação, não teve forças para ir restituir a creancinha:

—Olha, tambem deixal-o; disse mestre Antonio. É uma criaturinha de Deus, e Deus sempre nos ha de dar um bocadinho de pão para elle.

—Ha de, sim, tornava a sr.ª Anastacia; e ainda que o Senhor não nos quizesse fazer essa mercê, eu até era capaz de vender a camisa do corpo para sustentar o meu menino.

E beijava-o com effusão, continuando:

—Pois não é tão bonita esta carinha? não o achas mal empregadinho em voltar lá para aquella casa para a mão de pessoas, que, quem sabe? ás vezes não lhe terão o amor, que lhes tem a gente quando os cria?

—O demonio do pequeno, concluia mestre Antonio, mirando-o todo baboso; até parece, que se parece comigo.

E parecia, mas era na bondade innata, que tanto o pae adoptivo como o adoptivo filho eram duas nobilissimas almas.

III

E ficou em casa o pequenito, que foi pelo andar do tempo o aprendiz, o official, e mais tarde o auxiliar de seu pae convencional.

E olhem que a este nunca lhe escaceou o pão por acrescentar mais aquella boca ao orçamento da despeza.

Pelo contrario, cresceram-lhe os bens. Toda a gente d'aquelles arredores o procurava.

E Leandro saiu tão habil operario, que era um regalo vêl-o trabalhar. Ninguem fazia com mais elegancia que elle um banco, uma tábua de engommar, um caixilho de janella, uma porta, um alisar.

Mestre Antonio incutiu-lhe o habito do trabalho, e o costume da honra, da fidelidade e da lisura no trato das relações sociaes, de modo que elle já tinha credito por si e todos o estimavam e desejavam.

Antonio e Anastacia reviam-se na sua obra, e pediam ao ceu lhes deixasse gosar por muitos annos a felicidade de viverem a seu lado. Mas Deus não o permittiu assim. E ainda mal.

Não sei como foi aquillo, porém é certo que em mez e meio se foram os dois esposos para a terra da verdade,—affirmemos a expressão popular, já que o mundo é tão cheio de mentiras. Dir-se-ia que nem na morte queriam estar um sem o outro.

Leandro ficou orphanado d'aquelles nobres affectos, e chorou lagrimas de sangue.

O triste moço parecia que estalava de dôr.

—Deus te abençoe, filho, e ponha a virtude no teu trabalho. Estás já um homem, e não te ha de faltar aonde ganhar a vida.

Foram pouco mais ou menos estas as ultimas palavras da virtuosa mulher ao communicar-lhe o derradeiro beijo; e mestre Antonio, andando já adoentado, dera-lhe a maior prova da santidade da sua alma.

Fôra com elle a um tabellião e fizera uma declaração em fórma de que lhe doava, em signal de amisade e gratidão, e para pagamento de serviços,

tudo quanto tinha na loja, que então foi inventariado e relacionado.

De sorte que Leandro ficou com a lojita do beco do Jordão.

O primeiro trabalho que fez desde que se viu orphão d'aquelle amor estremecido e doce, foi duas cruzes de pau santo, que por suas proprias mãos poliu, e que foi collocar, com as devidas licenças, sobre as sepulturas de Antonio e Anastacia no cemiterio do Alto de S. João, mandando n'esse dia dizer na egreja da Graça uma missa da esmola de doze vintens por alma dos seus defuntos.

Por tal signal, que a esse piedoso suffragio, em que elle consagrava a saudade e a gratidão pelos seus bemfeitores no altar do Deus Vivo, assistiram quatro ou cinco pessoas do sitio, e amigos d'aquella familia, sendo uma d'ellas, — (este facto não o presenceei eu, contaram-m'o) — uma rapariga dos seus 24 annos, a menina Maria, palheireira de cadeiras, e graciosa creatura, clara, de olhos azues e cabello louro, que morava, pode dizer-se, paredes meias com o mestre carpinteiro, e que brincára com elle nos tempos da sua infancia alli pelo beco e largo proximo, sentindo ambos um pelo outro irresistivel sympathia.

Quando acabou a missa, Leandro limpou uma lagrima, que resumia um poema, e olhando para a donzella viu-a tambem seccar, com as pontas dos dedos, não sei que gotasita que se lhe desprendera da palpebra direita... por os modos orvalho da alma. Elle apertou-lhe a mão, e disse-lhe baixinho, assim como em tom de arrulho de pombos:

—Não chore, Mariquitas; é caminho que todos havemos de levar.

—É verdade, mas a gente custa-lhe a conformar-se. Aquillo sempre foi uma tal cousa! Ambos em quarenta e cinco dias! E a sr.ª Anastacia era muito minha amiga.

—Era, era, tornou o carpinteiro suspirando. Ainda me lembro, como se fosse hoje, o que ella uma vez me disse a seu respeito...

—Então que foi?

—Eu lh'o contarei n'outra occasião, que já por ahi está gente a pasmar de nos vêr conversar tanto aqui.

E sairam do templo com as outras pessoas.

Cá fóra estava um rapaz assentado vendendo d'estas estampas religiosas coloridas que veem de França, e Maria examinando uma da Familia Sagrada, deixou cair esta phrase sem segunda tenção:

—S. José era carpinteiro, como vocemecê.

—E a Virgem Nossa Senhora chamava-se Maria, tornou Leandro, fitando a singela palheireira, que baixou os olhos e córou, não sei porquê. Ó Mariquitas, dá-me licença que lhe faça um presente?

—Ora essa! Então o que é?

—É esta estampa mettida n'uma moldura de madeira de caixa, que eu lá tenho na loja.

—Se é do seu agrado, não rejeito.

—Muito obrigado.

—Obrigada, eu.

E apoiando-lhe ligeiramente a mão direita no braço esquerdo relanceou-lhe um olhar de ternura e interrogou:

—O que foi então que lhe disse a mãe a meu respeito?

—Ora, que eramos um bonito par...
—Por vocemecê, é verdade.
—E pela menina, não?
—Eu sei...

IV

Apontava a noite de S. João, e os dois companheiros de infancia, com o consentimento da mulher em casa de quem Maria estava, e que lhe era tutora de facto, combinaram ir á Praça da Figueira, já que n'este asphixiador prosaismo da capital não ha outro logar mais apropriado para duas pessoas que se estimam irem n'esta noite deliciosa receber as confortaveis orvalhadas, aspirar o perfume das plantas odoriferas, desafogar o animo dos cuidados da vida e trocar os suspiros que formam dentro do peito as suaves impressões dos affectos castos.

Lá foram acotovelar-se com muitos impudentes, muitos impertinentes e muitos semsaborões.

Depois de offerecidas as maçarocas de alfazema, os cravos de papel e os corações de seda, a que geralmente pouco inspirados vates alliam algum quarteto de moral duvidosa e de quasi sempre certo dislate, sentaram-se alli para um lado, ás escuras, ao pé do poço.

Perto estava um cantador popular entoando ao som de uma guitarra algumas endeixas muito conceituosas das que vogam na tradição verbal do vulgo, modulando-as n'essa toada caracteristica e nacional denominada o fado, a qual, sendo garganteada a primor e animada pelo calor da paixão, tão fundamente vae accender nas almas singelas as

aspirações do amor. Parecia dedical-as a uma trigueirinha a quem momentos antes viera offerecer um pequeno vaso de mangericão.

—É a noite dos namorados esta, disse com certa malicia a tia Angelica, a voluntaria tutora da graciosa palheireira, alludindo ao cantador. A cada canto seu Espirito Santo. Mas aquelle ao menos vae para alli dizendo á viola tudo quanto sente. Não é como alguns que andam a arder como as fogueiras d'esta noite, mas tão calados que parecem mudos. Essas cousas, affirmou ella fitando o carpinteiro, fallam-se e conversam-se, senão nunca se fazem. Não está mal a ninguem dizer o que sente, e muito principalmente quando não offende a Deus.

—E' que o que eu sinto, tornou Leandro, com voz tremula, vivamente embaraçado, e apertando muito a mão de Maria, nem eu mesmo o sei contar. Gosto da Mariquinhas desde que me intendo; vocemecê bem o sabe; creei-me com ella; temos sido quasi dois irmãos; ando triste e apoquentado por viver sosinho depois que fiquei sem meu pae, e sem minha mãe, estimava que ella estivesse em minha companhia, que governasse a minha casa, mas...

—Bom remedio, interrompeu a tia Angelica; olha a egreja não está longe; pede a S. João que te faça o milagre; para que demonio veem vocês comprar corações de alfazema á praça da Figueira? Tu és solteiro e ella tambem; estás emancipado; quem é que lhes põe embargos? Arranja para ella as licenças da Santa Casa e ala!

Maria não desgostava do dialogo, mas estava assim a modo que compromettida e envergonhada.

Suspirava por casar, e se o fizesse não havia de ser com outro que não fosse o moço carpinteiro, mas tinha tanta confiança com elle, travada no ponto de vista das relações de uma amisade casta e fraternal, que não se atrevia a soltar uma palavra de amor.

Diziam muito os seus olhos na languidez com que ás vezes fictavam Leandro, fallavam os brandos suspiros, com que ao pé d'elle significava que a andava queimando algum secreto desejo, o visivel arfar de seu lindo seio era um livro aberto onde o observador perspicaz leria todos os segredos d'aquella alma ardente e virginal, mas os seus labios não ousavam formular uma só expressão a confirmal-o. Nem ella as sabia d'essas frias e convencionaes que se aprendem nos romances e nas comedias, e que têem tanto de banaes como de falsas, ainda que quizesse proferil-as.

Erguera-se, pois, instinctivamente, e fôra cortar a um vaso de uma floreira sua conhecida um amor perfeito para trazer a Leandro, dando assim tempo a que acabasse a conversa d'elle com Angelica.

—Mas é que eu... retorquiu o mancebo baixando os olhos.

—Eu, que? disse Angelica.

—Não queria...

—Não querias?!

—Não queria... verdadeiramente casar...

—Que é lá isso? volveu com energia a protectora de Mariquinhas, que dizes tu? que patifaria é essa? Explica-te e já, que eu quero saber a lei em que vivemos, Se não és um homem honrado dil-o para ahi de vez. Vamos, fala claro e desenganado.

—Olhe, tia Angelica, eu bem sei que sou doido,

mas então, a gente tem obrigação de dizer o que sente. Gosto muito da Mariquinhas, mas não a desejava propriamente para minha mulher, nunca pensei em que ella o pudesse vir a ser; queria, estimava que ella fosse assim como se fosse minha irmã...

—Sim, senhor, bravo! é bonito; é bonito e tem novidade! No theatro não o faziam melhor. E' bem engenhado. E para isso andas a enganal-a ha tanto tempo! Ora, has-de fazer favor de não me tornar mais a olhar para a pequena, ouviste meu *sansadorninha?*

—Mas perdão, tia Angelica, não cuide que eu... eu não quero enganar a Mariquinhas... eu tenho-lhe muita amisade.. isto é um modo de dizer... eu queria que ella fosse minha irmã, mas isso bem sei que não póde ser, e então deixal-o, caso com ella...

—Olha, e se é contra vontade não o faças; não se querem casamentos forçados...

—Contra vontade não é...

—Então trata d'isso quanto antes, senão faço-te despejar o beco.

—Pois sim, senhora, eu vou tratar d'isso.

Maria tinha voltado alegre e cheia de felicidade, como quem houvesse adivinhado o desfecho do colloquio. Veiu dar o amor perfeito a Leandro com este requebro, que estudara pelo caminho.

—Este amorinho vem-lhe agradecer o bonito quadro de que vocemecê a semana passada me fez presente.

—E' verdade, observou Angelica, que era bastante supersticiosa, cuidam vocês que aquillo de terem encontrado essa estampa logo ao sair da egreja

depois da morte do mestre Antonio e da sr.ª Anastacia foi obra do acaso? Pois nana! Aquillo é assim como quem diz: Vocês gostam um do outro? Casem. A porta da egreja está aberta.

—A minha mãe sempre tem coisas! notou Maria suspirando.

A sr.ª Angelica tem rasão, tornou Leandro, levando aos labios a flor, que lhe dera Mariquinhas. É preciso tratar do casamento.

—Se vocemecê leva isso em bem... disse a honesta rapariga, enfiando na casa da jaqueta do mancebo um raminho de alecrim.

—Levamos todos em bem, e toca cada um para sua casa, que se vae fazendo tarde, e vocês em sendo dia teem que dar voltas.

E sairam da praça da Figueira.

Não foi este o unico casamento que ali se ajustou n'aquella noite.

Maria ainda foi queimar as alcachofras com que o seu estimado a presenteara. Leandro foi deitar-se, e antes de adormecer levou um bom pedaço a scismar n'aquella esquisita idéa que lhe pairava como visão singular nas ficções da alma, concluindo com um soliloquio intimo, que seria isto, pouco mais ou menos:

—Já se vê que irmã não póde ser. Foi o costume, que me deu esta illusão. Ha de ser mulher. Nem eu encontrava outra mais digna.

V

Se querem vêr os prodigios da actividade indi-

vidual é espreitar os dois futuros noivos nos dias que decorrem até ao do casamento.

Elle aluga o primeiro andar por cima da loja, tres casitas, por 12$000 por anno (agora até já nem os pobres têem d'isto, que só se edificam casas para ricos) pinta os tectos, portas e alisares, caia as paredes, põe prateleiras, faz bancos, cabides e mesa de jantar.

Ella talha camisas, faz colletes e saias, compra dois vestiditos com o dinheiro das suas economias, lenços, meias, cabeçãosinho, até empalha duas cadeiras velhas que lhe deu a sr.ª Angelica, e que ficaram parecendo novas, depois de polidas por elle.

Leandro estava emancipado desde que chegára á idade legal. A misericordia, que via n'elle um dos seus mais dignos tutelados entregara-lhe, a pedido seu, a declaração e signaes com que 26 annos antes a mão mercenaria de uma recoveira o depositára, recemnascido, na mysteriosa voragem da roda, invenção a um tempo philantropica e assassina, christã e barbara, providencial e desmoralisadora.

Para Maria obtiveram-se as necessarias licenças.

Antes de um mez o honrado rapaz cumpria a sua palavra, e a singela rapariga satisfazia os seus castos votos. Foi padrinho o sr. Thomé, bojudo official de diligencias de um cartorio da Boa Hora, bom homem, intelligente e immortal tabaqueiro. A madrinha foi a sr.ª Angelica, que mesmo no meio da egreja deu um belliscão de prazer no braço da noiva e um murro de satisfação nas costas do noivo.

Acompanhou-os na ceremonia religiosa a sr.ª Anna

da Madre de Deus, antiga parteira, pessoa da intimidade do padrinho, e que já se penteava para freguezа do novo casal.

Quando os noivos sairam do templo unidos com todas as formalidades canonicas, os rapazes e raparigas do bêco do Jordão e largo de S. Jorge, que tinham feito o espontaneo cortejo de nupcias, diziam-lhes muitas palavras de parabem, e uma velhota chegou a aventar-lhes este comprimento:

—Benza-os Deus. São o mais bonito par que se tem unido por estes sitios. Nasceram um para o outro. Parecem até dois irmãos.

Leandro, em quem estas palavras causaram impressão, olhou para a sua noiva e exclamou com um sorriso melancholico:

—Até dizem que nos parecemos.

Effectivamente, nos traços geraes das duas physionomias havia muitos pontos de similhança.

O casamento foi a um domingo. O padrinho, o sr. Thomé, que era homem folgasão, e pacato frequentador das hortas, offerecera o jantar das bodas, que era um jantar sobrio e modesto, conforme ás suas posses e á condição dos noivos, quizera que elle se realisasse n'um novo retiro ahi para o lado das portas de Arroyos, onde havia consistente torreano, por conta do lavrador, bom cosinheiro e variedade de sobre-mezas.

Os abastados costumam ir, por exemplo, para o União, de Queluz, para o Victor ou Nunes, em Cintra, quando não querem banquetear-se em casa.

Os pobres escolhem estes outros logares de recreio.

O jantar serviu-se debaixo de um parreiral do

vasto quintalão do estabelecimento, que é um dos muitos que cobrem os terrenos d'aquelle valle que se estende á raiz dos montes de S. Gens, Penha e Alto de S. João, e d'onde se descobre um bom pedaço de ceu, e se gosaria purissimo ar se fosse mais de accordo com as exigencias da hygiene o systema de esgoto d'aquelles sitios.

A refeição correu socegada, apimentada com as narrações picarescas do padrinho, e com as pilherias da sr.ª Angelica e da sr.ª Anna da Madre de Deus, que as sabia d'essas de se lhes tirar o chapeu.

Maria estava satisfeita. A alegria da alma brilhava-lhe nos olhos; o sorriso da felicidade franzia-lhe os labios finos e rubros.

Leandro, de indole mais concentrada, não se julgava menos feliz, mas não traduzia a sua satisfação em mostras exteriores.

Dir-se-ia até que algum secreto presentimento assombreava o seu gesto, e, a seu pesar, trahia o jubilo que elle ahi desejaria patentear para corresponder ás francas e naturaes expansões da sua noiva e dos seus commensaes.

Quando á sobre-mesa o sr. Thomé começou a fazer saudes, em que era acompanhado de copo abaixo pela sr.ª Angelica e pela comadre de mil comadres, dirigiu este espiche ao carpinteiro:

—A quem se póde gabar de possuir por mulher uma das mais galantes raparigas da nossa freguezia.

—Faço a razão, disse Angelica erguendo o copo; e vá seu Leandro; abrace e beije a sua noiva, que

agora já tem licença para o poder fazer, pois lh'a concedeu hoje o prior por meia moeda.

O engeitado beijou a face da engeitada. Os seus labios estavam frios e tremulos. A cara de Maria escaldava. Agitava-lhe a alma uma tempestade de idéas desencontradas, e referviam-lhe no coração sensações ardentisssimas que lhe alvoroçavam o sangue e a punham n'um estado quasi febricitante. Ora lhe parecia vêr de braços abertos, a chamal-a, risonha e meiga, a imagem da ventura, ora julgava vêr os sonhos encantadores do seu espirito, e os desejos mysteriosos do seu coração envolverem-se em sombras, e afundirem n'um abysmo.

Leandro, ao corresponder modestamente á saudação do padrinho, relanceou por acaso a vista ao longe pela orla do horisonte, e viu lá umas arvores tristes, silenciosas, verde-escuras, que lhe trouxeram uma idéa, uma lembrança e uma saudade.

Pousou o copo, e conservando-se de pé disse com firmeza:

—Aquellas santas creaturas que me serviram de pae e mãe n'este mundo ensinaram-me a dar graças a Deus depois de comer. Agora que já rimos, devemos resar. Mariquitas peço-te um Padre Nosso por alma do unico pae e mãe que conheci, e que acolá em cima descança no cemiterio por baixo d'aquelle ceu, e ao pé d'aquelles cyprestes.

Voltaram-se todos para o logar indicado e resaram, em religioso recolhimento de alma, um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Anna da Madre de Deus, que dez ou doze vezes durante a refeição fizera enthusiasticos elogios ao vinho torreano emborcando outros tantos copos, e

que estava, porque assim digamos, com o calculo na algibeira, e a consciencia na bocca, pois tem de bom o vinho o tornar muita gente sincera, fazendo-lhe dizer verdades que em outras occasiões se lhe não arrancariam nem com saca-palavras de ouro, exclamou:

—Boa acção! Mas já agora resa tambem por teu pae e mãe verdadeiros, que talvez já morressem.

—E póde muito bem ser que estejam vivos, observou a tia Angelica.

—Póde, suspirou Leandro.

—E talvez ricos e felizes, continuou Thomé.

—Ora! disse Maria, impacientando-se com a conversa, passando o braço ao redor do pescoço de Leandro, e fitando-lhe um olhar languido, e amoroso; tambem nós somos felizes, e ricos... da graça de Deus, não é verdade, Leandro?

—É.

—Não sei, continuou Angelica, como ha gente rica que tenha animo de engeitar os filhos que Deus lhe deu.

—Ha de tudo, como na botica, affirmou a parteira, bebendo mais um golito; ricos e pobres. A mim me teem passado pelas mãos para a roda ha trinta annos a esta parte um par de creanças... de infelizes raparigas recolhidas, ás escondidas das mães ou sabendo-o ellas só, de casados pobres com o consentimento de ambos, de solteiros abonados, que assim o teem querido, e até de viuvas. Se não fosse a roda que seria de tantas creancinhas desamparadas, e de tantas pessoas infelizes!

—Se não fosse a roda, senhora Anna, objectou

com amargura e a meia voz o carpinteiro, não havia tantos engeitados!

— O meu doutor delegado, interrompeu Thomé, que era homem de casos e discursos, ainda diz mais; diz que isto das rodas devia acabar; porque é uma capa que serve para encobrir quanta immoralidade por ahi querem fazer.

— Lá isso é verdade, confirmou Anna; mas tambem é uma cousa de muita caridade, emendou ella.

— Caridade sim, porém que dá aso a muita crueldade, proseguiu Thomé tomando posição oratoria, conforme a um delegado que lhe dava muito no goto. Que uma desgraçada mulher, por sua fraqueza e inexperiencia, fiada em promessas de um maroto, caia n'uma asneira, e, disposta a arrepender-se, e a emendar-se, e, para esconder a sua vergonha, sacrifique á roda o fructo das suas entranhas, é triste, mas vá; tem ainda certa desculpa, diz lá o meu doutor delegado; parece-me que ainda o estou a ouvir. (E n'isto, o sr. Thomé sorveu uma pitada de simonte e esfregou o nariz.) Que outra mulher, não tendo que comer, e havendo caido em desgraça, deixe arrebatarem-lhe o filhinho, que o seu amor desejaria amparar, mas que a sua falta de meios lh'o não consente inteiramente, tambem ainda vá, porque se procura para acudir a uma desgraça outra desgraça que julgam mais pequena; mas que pessoas casadas tendo que comer engeitam os filhos do casamento só para se livrarem das obrigações que competem ao pae e á mãe; e tambem que muitas mulheres, se sirvam da roda, não para esconder a vergonha, mas para

sustentar o vicio, e tambem que muitos homens enganem mulheres e abusem da sua fraqueza, confiados na escoante da roda; isso é um grande desaforo e patifaria. Assim o fallou, ainda ha tres dias, a lingua de prata do meu doutor, n'uma causa que nos deu a todos agua pela barba.

—E diz muito bem, notou Leandro. E' triste a uma pessoa, ainda que tenha a fortuna de encontrar quem o ampare e lhe dê officio, nunca chegar a saber verdadeiramente quem é a sua familia.

Angelica interrompeu:

—As mães, coitadas, nem sempre têem a maior culpa. Deixam-se levar pela força das circumstancias, e por conselhos dos homens e até das familias, que ás vezes são tambem muito culpadas.

—E' verdade isso, sr.ª Angelica, mas diz o meu doutor, que em muitos casos resistindo ellas a consentir que lhes levem os filhos para a roda se salvariam a si e a elles, vindo muitas vezes a creança a ser o laço, que prendesse os paes a ellas, e a abrir-lhes as portas da egreja. A vergonha não deixa de ser vergonha só porque se esconde.

—Bravo! exclamou a parteira. Falla melhor que um deputado. Bebo á sua saude, sr. Thomé. E deitando mais um golo abaixo fez a seguinte confissão:

—Olhe, de uma menina, sei eu, filha de familia de teres, que se deixou enganar, e da primeira vez se queria matar, e teve de deitar o filho á roda, e quiz mandar para as profundas o rufião, e vae, escondeu-se aquillo, que só eu e ella, e elle e a mãe d'ella o soubemos, e depois,—quem tal havia de dizel-o?—d'ali a dois annos tornou a mandar-me

chamar outra vez para o mesmo fim! Mau é cair na primeira.

Quem anda cá n'esta profissão em que eu ando sabe muitas d'estas, mas cal'te lingua, que demais já eu fallei.

—Vá lá agora uma saude á tia Angelca, que não é como as que deitam os filhos á roda, ou ao meio da rua, para conservarem em logar d'elles os cães, os gatos e os papagaios! Viva quem não tendo filha sua tirou esta da roda, e a fez uma senhora! Assim fallou Thomé.

—Viva, acompanhou Leandro; e vivam todos os paes e mães que conservam os filhos como Deus manda...

—E como a natureza ordena, e a lei determina, concluiu o official de diligencias, já eu disse. Vá lá mais uma saude aos noivos que estão para ahi tristes e amonados.

—Vá de feição, disse Thomé, bebendo. E temos fallado as estopinhas. Toca a dar um passeio para depois os irmos levar a casa.

Assim se fez. Ergueram-se todos, e foram dar um giro pelas terras da Casa da Polvora, indo d'ali a hora e meia deixar os noivos no lar conjugal.

VI

O que para ahi deixo escripto passou-se pouco mais ou menos assim, mais palavra, menos palavra, pois tal m'o contaram quando indaguei as circumstancias do facto que tão desleixadamente vou referindo. Parece-me que ha n'elle uma lição pro-

veitosa ácerca das rodas, que envolvem uma das mais complexas e mais importantes questões sociaes da actualidade entre nós.

E aqui abro um parenthese na narração para agrupar algumas

REFLEXÕES

(Um alto espirito que a egreja catholica declarou santo e a historia profana qualifica de benemerito, movido pela legitima caridade que animava as suas acções, compadeceu-se com rasão da sorte das creancinhas desherdadas do amor dos paes, e lançou ha 200 annos na sociedade christã europea os fundamentos dos hospicios dos expostos e abandonados, que têem jus á protecção social. Mais tarde introduziu-se n'essas instituições a roda, que, acolhendo benigna mas cegamente em seu seio quantas creanças ahi quizessem depositar, veiu, pelo andar dos tempos, e ao contacto da perversão dos costumes, a constituir-se em instrumento passivo de desamor e desmoralisação, afrouxando os laços da familia, corrompendo o sentimento maternal, dando facil extracção aos fructos do amor vicioso, e legalisando por uma especie de direito consuetudinario o abandono dos filhos pelas mães.

A roda entrou nos costumes do povo. Desde a infancia nol-a indicavam, não como recurso extremo para situações extraordinarias, mas como remedio benefico para collisões vulgares. A geração actual recebeu-a implicitamente como uma das mais santas instituições, e todos a abençoámos.

Á mais leve difficuldade, real ou apparente, em manter e educar o fructo do amor peccaminoso ou

legal, vinha a numerosissimas pessoas a idéa, a suggestão ou o conselho de deitar os filhos na roda. —*Manda-se para a avó*, era a phrase, phrase cruel, ironica e impiedosa. E engeitava-se o innocentinho.

Sabia-se que a par do filho da mulher envergonhada, que a seducção sacrificára, e cuja queda é sempre digna de respeito, e amparo, se n'ella é sincero o arrependimento e real a vergonha do erro, ia para a roda o fructo, embora innocente, do amor ocioso e egoista, da devassidão e da torpeza; que ao lado da creança nascida entre a pallidez da fome e as negridões da miseria, de consorcio habitual ou legal, mas desgraçado, a quem a mingua absoluta não deixava cumprir o dever impreterivel e inalienavel da manutenção dos filhos, ia para a voragem sem fim o filho de paes casados, providos de meios, mas desamorados, dos quaes a roda era cumplice no crime odioso do abandono, que desherda do leite e do affecto maternal um ser innocente, roubando-lhe o direito aos bens materiaes do casal, á protecção paterna, ao estado civil, lançando-o muitas vezes nos braços da morte, sempre nos do acaso, e sujeitando-o a rudes trabalhos e baldões!

D'est'arte, a população dos hospicios crescia por modo pasmoso, a mortalidade dos expostos chegou a attingir a proporção estupenda de oitenta por cento, segundo averiguou entre nós uma commissão official e a manutenção d'elles a observar mais de metade da receita dos municipios!

Reconheceu-se até ha pouco que em Lisboa eram lançadas á roda cada anno metade das creanças nascidas!

Estes factos gravissimos deram rebate na cons-

ciencia publica, e fizeram pensar aqui, como já succedêra em França, na necessidade de uma reforma cuidadosa, que, sem tirar á instituição o seu intuito caridoso, a expungisse dos defeitos de que a accusam grandes pensadores e espiritos racionalmente philantropicos, que chegaram a qualifical-a de—*o mais perfeito instrumento de desmoralisação.*

Ultimamente fecharam-se algumas rodas no reino substituindo-as por hospicios de recepção limitada. N'outras introduziram-se reformas tendentes a restringir os effeitos dos costumes viciosos, reformas que ainda terão de soffrer modificações serias, e por toda a parte se estuda o assumpto. O ponto mais delicado a resolver é conseguir que a caridade official abra exclusivamente os seus braços aos filhos da miseria legitima e honesta, ou do erro inconsciente e recatado, procedendo de modo tão nobre, tão digno, cauteloso e circumspecto nas indagações que não haja nunca logar para a mais leve suspeita de inconfidencia e abuso de segredos venerandos, de favoritismo odioso, de criminoso arbitrio ou ainda de infame exploração. E cercar de cuidados taes essa transição de um para outro systema que se evite, quanto possivel, que a malvadez victime os innocentes, ou matando-os, pois ha ainda hoje almas que pratiquem esse crime sem nome, ou abandonando-os na via publica, acto muito aproximado do infanticidio. Se a nossa sociedade actual, recebendo do passado essa instituição com todas as consequencias das suas apparentes virtudes, é só meio culpada por lhe abandonar, com muita indifferença em grande numero de casos, os seus filhos, visto que lhe apontaram como um acto regular e legal

esse abandono, a geração futura seria absolutamente criminosa se, depois de expostos como têem sido por muitas partes ultimamente á luz da publicidade os damnos graves que empanam o brilho do caridoso fim da roda, a consentisse e aceitassé tal como ella tem sido).

VII

Não havia melhor opportunidade para a apresentação do meu conto. Nas linhas que lhe servem de introducção, e nas quaes, como nas que formam o capitulo anterior, quiz indicar certas idéas que tenho presentes á rasão,—chamei-lhe—verdade cruel. Cruel, dolorosa, estupenda, mas talvez, infelizmente, não unica, pois além do caso presente me deram ha pouco um medico distincto, e um consciencioso sociologista, noticia de mais dois da mesma especie em Vizeu e em Coimbra.

O casamento d'essas duas innocentes e sympathicas creaturas, que são protagonistas da narração, digamol-o claramente, porque o leitor já o havia presentido, foi simplesmente uma união incestuosa! legalisada pela sociedade, santificada pela egreja e originada pela roda!

A quantas monstruosidades, é possivel que ainda mais assombrosas, não terá dado logar a instituição!

A visão que occupava a phantasia de Leandro, era—o presentimento da verdade, que é um facto psychico, difficil de explicar, mas frequente na vida do homem.

Os dois esposos, para quem correram ledas e velozes as primeiras horas, convidaram para jantar em sua casa no outro dia, que succedeu ser santificado, o padrinho, a madrinha, e a antiga parteira. Esta, que se pellava por convites d'esses, foi a primeira que chegou. Quando entrou, estava Maria sentada ao pé da janella, tendo a seu lado o marido. Cosia. Estava enquadrando cuidadosamente em seda nova, uns velhos bentinhos da Senhora das Dôres, que andavam rotos do muito uso que a engeitada lhes déra desde que se entendia, trazendo-os sempre ao peito.

—Viva a boa dona de casa, exclamou Anna da Madre de Deus; isso é que é ser arranjada!

—Estou concertando a unica prenda que me deixou minha mãe.

—Tua mãe?

—Sim senhora, a que me mandou para a santa casa.

—Estás brincando. Quem te disse isso?

—Disse-o a sr.ª regente, que me recommendou diversas vezes que não deixasse nunca de trazer estes bentinhos, porque assim o ordenava o papel com que me pozeram na roda.

—Ora! o que tem isso de admirar? quasi todos os engeitados trazem declarações d'essas que não querem dizer nada; aqui tenho eu o papel com que entrei na roda que diz tambem uma cousa bem exquisita.

E Leandro foi buscar a um cofresito de madeira que tinha sobre uma mesa de pé de gallo um papel já meio rasgado, muito amarello e de letra um tanto sumida, em que se liam estas palavras:

«Este menino é filho d'um erro desgraçado. Pede-se por caridade que lhe ponham o nome de Leandro, e lhe conservem a medalha que leva ao pescoço.»

Anna ouvira a leitura, que o carpinteiro soletrou, sem pestanejar. No final estremecera, fazendo-se muito vermelha, e perguntou com mal disfarçada agitação:

—E a medalha?

—A medalha nunca me largou. É como os bentinhos de Maria. E o esposo da palheireira tirou a medalha do peito, mostrando-a.

—Tinha dentro um bocadito de cabello, mas esse roeu-o a traça todo.

A velha parteira conhecia aquella medalha, e pareceu-lhe reconhecer tambem os bentinhos de Maria, bem que não podesse affirmal-o.

Reprimindo a sensação que lhe estava causando o facto singular que se lhe deparava, interpellou Maria:

—Estão bem velhos os taes bentinhos! Devem ter um par de annos.

—Tantos como eu tenho.

—Bem sabes tu os que tens!

—Sei, sim senhora; eu fui deitada na roda no dia da procissão do Corpo de Deus, de 1830, diz o assento da santa casa; já se vê que nasci n'esse dia.

—Nasceste... n'essa noite, tornou insensivelmente a parteira.

—Isso agora é que é muito saber!

—Quero dizer, emendou Anna, bastante perturbada, devias nascer de noite, que é o mais prova-

vel... Ai, mas que demonio terei eu na cabeça, que me doe tanto? continuou a parteira, fazendo-se pallida, e procurando o apoio de uma cadeira.

—Quer uma gotinha de agua?

—Obrigada. Oh, Senhor! isto é castigo! Valha-me Deus!... Ora esta! A tia Angelica estará em casa?

—Ella não deve tardar; mas que tem vocemecê?

—Não tenho nada. Vou até lá para distrahir. Isto é calor. E saiu precipitadamente.

—Que diacho terá a mulher? disse Leandro; parece maluca.

Anna da Madre de Deus, apezar de ser pessoa de muita experiencia, boa casuista, e não arreiar bandeira ainda nas situações mais intrincadas, chegou a casa de Angelica inteiramente transtornada.

—Já não ha jantar, já não ha noivos, já não ha nada! Foi-se tudo quanto Martha fiou, e estamos mettidos n'uma grande alhada, n'uma desgraça como eu nunca vi outra assim. Valha-me a Senhora da Madre de Deus, minha madrinha, que eu não sei o que se ha de fazer.

—Jesus! sr.ª Anna, que me está pregando um grande susto. Então que desgraça aconteceu?

—Aconteceu que é preciso chamar já o sr. Thomé para ver se nos ajuda a desatar este nó cego, que nem eu nem vocemecê somos capazes de lhe achar as pontas.

—Pois chama-se o meu compadre Thomé, mas diga lá alguma cousa, desembuxe, mulher, que me poz toda a tremer.

—O caso não tem que ver. E' uma cousa nunca vista. Saiba, sr.ª Angelica, que nem o Leandro

è marido nem a Mariquitas é mulher d'elle. Irmãos é que elles são; são irmãos um do outro; nem mais nem menos que filhos da mesma mãe, e eu não sei como isto ha de ser!

—Angelica ficou por instantes n'um tremor nervoso, mas, refazendo-se de animo e parecendo-lhe illusão o que estava ouvindo, disse:

—Isso não póde ser; a sr.ª Anna não está em si.

—Não estou em mim? Pois veremos. Venha o Thomé e então saberá tudo.

—O melhor é ir a casa d'elle.

—E já.

Momentos depois as duas mulheres estavam sentadas ao pé do official de diligencias do... districto criminal, e Anna dava-lhe conta minuciosa do occorrido. O que ella referiu póde resumir-se e interpretar-se assim:

VIII

Mathilde de... era uma rapariga elegante, filha de familia abastada, que dispendera rios de dinheiro com a sua educação, mas haviam os mestres e mestras sido tão pouco conscios da importancia da sua missão, que ficára a menina sabendo apenas umas superficialidades, que nem abrilhantam o talento, nem robustecem a moral, nem formam o juizo.

Quando saiu do collegio sabia cantar, dançar, tocar, recitar, bordar... e namorar.

Nenhuma idéa da missão da mulher na familia e na sociedade. Nenhum estimulo nobre na consciencia. Inteiro desconhecimento dos perigos que si-

tiam uma donzella. Absoluta ignorancia das leis da dignidade, que lhe haviam deixado confundir com a vaidade.

Com taes elementos, que mais enfraquecem a natural debilidade do sexo, facil foi a um ocioso precipital-a. Mathilde caiu no abysmo sem fundo da deshonra!

N'essa queda moral deitou ao mundo uma creança.

O pae era pobre: tinha portanto contra si o preconceito social que dominava a familia da mãe de Mathilde. Animoso para esfolhar a corôa de innocencia da donzella, não se atreveu depois a luctar para reparar os seus estragos e assumir junto d'essa desgraçada o logar que o erro de ambos lhe designava e que poderia ter conseguido, se para elle se habilitasse pelo trabalho, que tudo salva, vence e consegue. A mãe de Mathilde, culpada de falta de vigilancia, e de não saber corrigir na filha os defeitos de uma educação viciosa, porque a sua tambem não fôra boa,—que o mal n'este ponto tem raizes na deficiente organisação do ensino publico,—ao vel-a deshonrada sentiu todos os despotismos intimos de uma dôr tremenda. Chorou e gemeu muito, que a desgraça era enorme, mas não soube elevar-se á altura d'essa situação terrivel. Podendo ter conseguido que a filha fosse rehabilitada pelo casamento, que era a unica solução digna em tal lance e que a poderia ter feito feliz, salvando-lhe a honestidade, preferiu esconder ao marido esta catastrophe familiar, e aconselhou a Mathilde o abandono do fructo d'esses amores, que ambas então amaldiçoaram, esquecendo a mãe que o innocentinho era filho de sua filha, que era seu neto, e só lembrando que

tinha por pae um seductor pobre e desconhecido.

Fôra lançado á roda o menino. A incumbida d'esta commissão fôra Anna da Madre de Deus, a quem, como ás outras mulheres da sua profissão, acostumaram a considerar essas commissões como um dos mais simples deveres da sua posição.

Esse engeitadinho era Leandro.

Anna recebera das mãos da propria mãe o bilhete, de cuja redacção se não lembrava, e a medalha, que a fez recordar de tudo ao fim de 26 annos.

Mathilde, que passára horas de cruel amargura antes de chegado o maior perigo, e que maldissera repetidas vezes o homem que a fizera descer tão baixo, logo que se viu salva de uma situação que lhe parecera irremediavel, e nos lances da qual sacrificára a mais preciosa porção do pudor virginal, que é o escudo unico da mulher que a educação não põe á altura da sua dignidade, aceitou de novo os protestos do seu cumplice, que ella, emfim, amava, e desceu até ao fundo da voragem! Deu á roda mais um filho. Era Maria. A data da exposição e os bentinhos eram para Anna provas incontroversas de que a esposa de Leandro era irmã d'elle.

Thomé fartou-se de sorver simonte, que era o seu habitual inspirador, de esfregar o nariz e bater na testa, soltando admirativos *ahs!* e *ohs!* durante a narração de Anna. O caso não era para menos.

Angelica benzeu-se em cruz tres vezes e envinagraram-se-lhe os olhos, pensando principalmente na infelicidade de Maria, em quem ella sabia que havia de produzir perigoso abalo um choque tão violento.

O official de diligencias, porém, costumado ás

decepções e surprezas que dá aos homens da justiça a vida dos tribunaes, professava a theoria dos factos consummados, e por isso invocou a energia que o visitava sempre nas collisões difficeis, e, depois de ter reflectido, disse:

— Minhas senhoras, o caso é gravissimo, e digo até que talvez não haja outro assim, mas o que não tem remedio remediado está. O homem propõe e Deus dispõe. Não nos ponhamos com lamurias e vamos a ver o que se ha de fazer. Em primeiro logar é preciso contar tudo, digo, pôr tudo em pratos limpos áquelles dois infelizes, que não têem culpa d'isto e preparar as cousas de modo que não fallem d'elles com rasão as linguas damnadas do mundo, pois que fallando sem rasão não ha de que temel-as. Depois veremos que volta isto ha de levar. Não fosse elle hoje dia santo que quem eu ia consultar bem o sei eu; era o meu doutor delegado. Ai, em elle sabendo d'este caso quem o ha de aturar. Pede logo que tapem as rodas a pedra e cal.

IX

Os noivos estavam abysmados com o que acontecia. A saida precipitada da parteira, a ida d'esta e de Angelica, que Maria observára da janella, a casa do padrinho, e a demora de todos para o jantar não lhes annunciava cousa boa.

Minutos passados entravam-lhe todos tres em casa; Thomé triste e com ar solemne; Angelica pallida, tremula e com as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos, e Anna da Madre de Deus com cara de caso.

Angelica correu a abraçar a palheireira, exclamando:

—Filha, estás desgraçada. Só Nossa Senhora das Dores te póde valer.

O official de diligencias passava o braço á volta do pescoço de Leandro e dizia:

—Tenha paciencia, afilhado, mas que se lhe ha de fazer? são cousas d'este mundo!

—Mas o que é, padrinho? diga depressa o que é?

—Ora! o que ha de ser? é que a sr.ª Anna descobriu que vocês não podem viver juntos, homem, que commetteram uma grande vergonha casando, e que têem de se separar, porque... tenha paciencia, afilhado, sim, porque... são filhos do mesmo pae e da mesma mãe!

Maria, que estava já banhada em lagrimas, e n'uma anciedade convulsa, exhalou um gemido e caiu com uma syncope no regaço da sua dedicada mestra, tutora e mãe habitual. Ao mesmo tempo saiu-lhe algum sangue pelos cantos da bôca.

—Somos então, sr. padrinho, pelo que vocemecê diz...? interrogou com voz desfallecida e olhar espantado o moço carpinteiro...

—Dois irmãos... casados!

—Ai, Jesus! que grande vergonha!

E o irmão de Maria deixou cair a cabeça entre as mãos apoiando estas no peitoril da janella, e ficou-se n'uma convulsão de choro.

—Vamos lá, Leandro, tem juiso. Isto é mundo. A gente não sabe para o que anda cá destinado. Assim o diz o bom Thomé, procurando dar força e animo ao seu afilhado. É preciso não dar nada a saber á visinhança. A pequena volta para casa da mãe, e tu cá te resignarás como poderes, que es-

tás já um homem em edade de não chorar. Os homens fizeram-se para os trabalhos.

Thomé, não obstante, tinha duas lagrimas nas faces, mas fazia-se valente.

Era já noite quando se passava este tristissimo episodio.

Anna esfregára com vinagre os punhos e a testa da malaventurada rapariga, e fizera-lh'o aspirar.

Maria abrira os olhos, mas estava muito excitada, e perturbada.

A parteira, ajudada por Angelica, que tambem mal se podia ter nas pernas, transportou a palheireira para casa da sua mãe adoptiva, e ahi ambas a deitaram na cama. Thomé ficou com Leandro, que continuou a soluçar dizendo apenas de vez em quando:

—Irmão e irmã! não me bastava ser engeitado. Ai, que grande vergonha!

N'uma das vezes disse:

— Ó padrinho, de duas uma: eu ou fujo d'aqui para nunca mais, ou então dou cabo de mim!

—Pareces uma creança! Tu nem foges, nem dás cabo de ti.

—Mas eu não posso supportar a vergonha.

—Maior vergonha seria fugir, ou matares-te. Fugir, porque? Dares cabo de ti? Pois tu commetteste algum crime, ou ficas agora desgraçado por que te aconteceu isto? Crime, vergonha e falta de brio seria o que tu dizes. Não é homem quem não sabe resistir ás dores do coração. O prazer é de poucos. A gente nasceu para os trabalhos.

Matar-se é o mesmo que desertar diante do inimigo; luctar contra o infortunio é ser soldado va-

lente e brioso. Eu bem sei que te ha de custar, porque és de carne e osso, mas resigna-te.

—E ella, padrinho?

—Ella fica sendo o que d'antes erá... tua irmã, e vivendo em casa da sr.ª Angelica. Assim taparemos a boca ao mundo.

—Eu parecia que adivinhava, sr. Thomé. Foi uma grande desgraça!

E Leandro teve outra convulsão de chôro. O padrinho fel-o deitar-se, e ficou-o velando com affecto.

X

—Mas deixe estar sr.ª Angelica, que eu hei de achar a mãe, por força, dizia Anna da Madre de Deus, assentada á cabeceira de Maria. Juro-lh'o por esta!

E fazia uma cruz com os dedos, beijando-a:—Ha de sabel-o a mãe.

—Mãe? balbuciou a engeitada, fitando nas duas os olhos embaciados pelas lagrimas; a minha mãe é a sr.ª Angelica.

—Mas tens outra, filha, volveu esta; julga a sr.ª Anna que ella vive, e diz que a ha de encontrar, para lhe fazer saber toda esta desgraça, porque ella de mais a mais é rica.

—Eu não preciso nada d'ella, sr.ª Angelica; quem tem vivido sem nada até aos 24 póde muito bem passar assim o resto da vida, que não ha de ser muita; e em eu melhorando, deito-me de novo ao trabalho, e Deus ha de ajudar-me; paciencia, coração ao largo... De quem eu tenho pena é d'elle...

Custa-me ter de ficar assim separada para sempre... nem casada, nem solteira, nem viuva... é triste, faz pena...

Maria desatou a chorar, e pronunciou-se-lhe mais uma tossesita que trazia já havia quasi um mez. Não obstante a sua apparente resignação, depois do que a boa Angelica lhe dissera quando ella voltou a si do prolongado deliquio, consumia-a uma dôr vivissima. Não tinha vontade de comer; caiu em melancolica tristeza, e só o trabalho a distraía. Ao fim de um mez estavam as coisas, por assim dizer, tornadas ao seu antigo estado, se não houvermos de ter em conta o esmagamento de dois corações generosos. Maria, embora fatigada e triste, empalhava as suas cadeiras, e Leandro aplainava tábuas na logita defronte da minha janella, cantando lá de tempo a tempo a meia voz a sua trova favorita:

«Eu não tenho pae nem mãe, etc.»

Vi-o e ouvi-o eu muitas vezes, pois foi por esta occasião que o conheci, e o que me fez suspeitar ser elle protagonista de algum acontecimento singular, foi a seguinte scena que uma tarde observei, estando á janella da minha pobre casita do beco do Jordão.

Uma mulher de capote e lenço, acompanhando uma senhora de chapeu e veu preto, parou defronte da loja, e disse baixinho á senhora, mas não tão baixo que eu não ouvisse:

—É aqui elle. Ella é ali em n.º 10.

E entraram para a casa da palheireira.

É certo que a gente mais ou menos obedece á

influencia do meio em que vive. O caracteristico dos moradores d'aquelle sitio era a curiosidade e eu não podia isentar-me d'esta pecha, que já agora se me tornou em achaque chronico.

Fiz logo tenção de perguntar a uma das falladoras do sitio o que viria a ser aquelle dito de: elle mora aqui e ella habita ali.

Demais a mais eu observára que o carpinteiro, n'uma das occasiões em que cantára a sua trova, o fizera com bastante commoção, e limpára com a manga da camisa uma lagrima importuna.

Não foi, porém, necessario perguntar, porque na seguinte tarde, ao lusco fusco, estando eu a saborear fidalgamente um cigarro á janella, ouvi uma conversa de duas vizinhas que dizia assim:

—Então já sabe tudo?

—Não. Houve mais alguma cousa?

—Houve cousas do arco da velha. A parteira tanto procurou que achou a mãe de ambos. É uma tafulona que ahi veiu hontem vestida de preto. Pelos modos é viuva, rica e não tem filhos, porque lhe morreram dois que lhe ficaram do matrimonio.

—Bumba! E depois?

—Diz que o marido, valha a verdade, era um bonacheirão de um fidalgote, que a maltratava e lhe comeria os olhos se Deus o não levasse para si. A mulher diz que se arrepelou toda quando soube da historia do casamento dos filhos. A Joaquina do logar tinha lá ido levar um frango para a rapariga, que desde que isto aconteceu tem andado sempre doente, e observou aquelle passo todo. A tafula chegou, beijou e abraçou a filha, ficando assim modo a

que embaçada; depois chorou; tornou a beijal-a e disse:

—Isto é castigo de Deus.

—Lá isso é, minha senhora, respondeu a Angelica. E o mais é que já não tem remedio!

—O remedio que tem, disse então a tal senhora, é eu ser d'aqui para o futuro o que nunca devia ter deixado de ser, mãe verdadeira e estremosa, levando ambos para minha companhia.

X

—E a isso o que disse a rapariga? interrogou a visinha A. á visinha B. Esta tornou:

—A Maria deitou a chorar e a tossir muito. Mas a Angelica é que se embespinhou toda, e disse á tal madama:

—Do Leandro não digo, porque não sei a sua vontade, mas d'esta sempre lhe direi que, se a reconhecer por filha, póde leval-a, porque é sua mãe, mas duvido que a senhora lhe tenha o amor que eu lhe tenho, apezar de não a ter creado ao peito. Olhe que sempre são dezoito annos de companhia, e convivencia, minha senhora, tratando-a como filha. E ella coitadinha, desde a edade de seis annos em que eu, com licença da Misericordia, a tirei de casa da ama que a ia matando á fome, e a trouxe para minha companhia, nunca soube o que era o carinho de outra pessoa. Passámos ambas juntas todos os trabalhos, que nos deu a pouca fortuna, e parece que as tristezas da miseria ainda mais augmentam a amizade das pessoas que se estimam.

—Bem fallado, visinha, bem fallado. E depois? estou estalando por ouvir o resto. Elle sempre ha coisas!

—Disse-lhe tambem que quando tinham fome se fartavam com as lagrimas, e quando tinham frio se achegavam mais uma á outra.

Depois a rapariga que continuava com a tosse, e estava afogueada, tendo assim parecia que um crescimento, levantou a cabeça, e disse á mãe verdadeira:

—Ó minha senhora, tudo isto que se tem passado tem-me dado volta ao juizo; até me faz duvidar ás vezes que tal coisa acontecesse, e a minha vontade era morrer para acabar com tudo. Mas como a senhora falla em me levar vou dizer-lhe o que sinto:

Eu estimo muito tel-a por mãe, mas já agora não deixava a sr.ª Angelica, que é a quem devo tudo, e é a quem estimo. Se a senhora me tem amisade e quer ser minha mãe, faça-nos a ella e a mim o bem que puder, pois somos pobresinhas, e eu estou doente, e o céo lhe agradecerá tanta bondade.

Depois, a mãe teimou, teimou, teimou, mas não poude fazer mudar de tenção a rapariga. Ficou então de vir vel-a mais vezes, e deixou um cartuchito de dinheiro á Angelica.

—Que pechincha para ella!

—Olá se foi!

—Olhe que a tal historiasinha tem que se lhe diga.

—E apoquenta a gente.

—E do rapaz sabe alguma coisa?

— De qual?

— Ora! do carpinteiro, o irmão, quero dizer, o marido.

— Esse consta que sómente viu a mãe, mas teimou em não querer fallar-lhe; no meio de um choro muito grande mandou-lhe dizer assim... que... sim, que a respeitava por saber que lhe tinha dado o ser, mas que como o amor entre mãe e filhos não é coisa que se faça, como o outro que diz, do pé para a mão, e precisa para se crear os carinhos da infancia e os affagos de todas as horas, elle não podia aceitar as offertas que ella lhe fazia, porque o que precisava agora não era de grandezas, com que não tinha sido creado, mas sim do amor que a desgraça lhe tirou. De sorte que ella foi-se embora muito triste, sem ter conseguido vel-o nem fazer com que elle aceitasse coisa alguma. A Joaquina diz que teve dó d'ella, porque no fim de contas todos elles são desgraçados e ella sempre é mulher, e talvez que a pessoa mais culpada das creanças irem para a roda fosse o pae, pois ha certos homens que não têem dó nenhum de uma mulher quando tratam de a desfructar; a visinha bem o sabe.

— Lá isso é verdade, mas tambem ella logo que se viu viuva e sem filhos podia ter procurado estes, visto que elles eram vivos e ella era rica, e lhes podia fazer bem.

— Pois sim, lá n'isso tem culpa, tem.

A conversa das duas visinhas levou mais de duas horas, e, com franqueza, foi tão descosida, que me custou a colligil-a assim, e digo que a colligi, porque não quero agora, á conta de um realismo exa-

gerado, fazer acreditar que tudo se passou tal qual eu o narro sem um ponto nem uma virgula de mais ou de menos. Do vivo ao pintado sempre ha alguma differença, e não sou eu artista que possa fazer persuadir do contrario a ninguem.

Apezar do segredo em que Thomé quizera que ficasse a singular historia dos dois irmãos, o facto espalhou-se por todo aquelle sitio. Não admira, desde que chegou á bôca das minhas duas visinhas.

Muita gente lastimava os dois desgraçados e respeitava os seus infortunios, mas alguns espiritos menos justos, que os ha em toda a parte, olhavam com horror para os dois irmãos, que realmente se haviam creado uma situação estupenda, mas na qual elles eram victimas e não auctores.

Para um e outro se tinham acabado as alegrias.

Muitas vezes a saudade fazia reunir em espirito aquelles dois seres que uma sombra funesta separava.

Leandro comprehendeu que não era sufficiente o sacrificio do coração para expiar o seu involuntario crime: que não lhe bastava o supplicio intimo da consciencia; que era necessario ainda dar satisfação ao mundo, a esse velho criminoso contumaz e impenitente, tornado em austero censor dos que erram inconscientemente.

Começou a ruminar o projecto de mudar de residencia.

Maria perguntava a miudo pelo irmão, e sempre que proferia este nome ficava em grande anciedade, que inutilmente pretendia disfarçar para não affligir a sua boa amiga, e quasi mãe a sr.ª Angelica.

D. Mathilde vinha vel-a repetidas vezes, mas estas visitas longe de servirem de consolação á pobre rapariga, mais aggravavam a sua dôr. A tosse tornou-se mais frequente. Abundantes suores nocturnos a debilitavam. Emmagrecia visivelmente; qualquer movimento a cançava; a tristesa era profunda e as lagrimas amiudadas.

O sr. Thomé aconselhou que lhe chamassem o medico.

O doutor veiu, examinou-a e fez-lhe um longo interrogatorio.

A Angelica perguntou n'um áparte se lhe morrera alguem phtysico na familia. A santa mulher estremeceu de pavor, mas respondeu que Maria era engeitada.

O medico inquiriu quaes teriam sido as condições physicas da ama que aleitára Maria. Angelica conhecera-a, e tinha bem presente á memoria a circumstancia de que ella succumbira á doença de que o doutor fallava. Além d'isso essa desgraçada alimentava como tantas outras, ao mesmo tempo, com o seu ruim leite tres creanças, todas expostas!

— Esse facto é frequente, resmungára o medico. É elle uma das causas da viciação da saude dos expostos, e do desenvolvimento da mortalidade na Misericordia. Esta menina precisa ares de campo, e alimentação substanciosa.

Receitou tambem não sei que palliativos.

A Thomé disse-lhe á puridade e com ares de quem se despedia, que: «Pelo quadro symptomatico, diagnosticava uma phtysica chegada ao fim do segundo grau, devida a diversas causas predis-

ponentes e occasionaes. Entre as primeiras figurava a edade, o sexo, a constituição franzina; entre as segundas tinha por principal a pessima amamentação que Maria recebêra, que lhe deixára damnos insanaveis, e o mau passadio durante quasi toda a sua vida, tendo o curso da doença sido accelerado por uma causa moral recente, que bem se via dominava a enferma, e que havia de determinar a mais breve approximação do termo fatal.

O honrado Thomé chamou de parte Angelica, e communicou-lhe a dolorosa noticia.

Resolveram ambos, em presença d'estas circumstancias extraordinarias, e para evitar maiores responsabilidades, ir referir tudo a D. Mathilde, e pedir-lhe meios para seguir o conselho do medico, levando a menina para fóra da terra.

Mathilde, que a este tempo tinha já cerca de quarenta e quatro annos, declarou que desejava acompanhar a doente, e que não podiam negar-lhe esse favor, visto que não poderia prestar outro serviço a sua desgraçada filha. Angelica não se oppoz, declarando que tambem não a abandonaria. Thomé observou:

—Emfim, a senhora é mãe natural d'ella, e chegadas as coisas a este ponto não tinha mais nada a fazer, entretanto parece-me que a sua presença poderá augmentar a tristeza da infeliz que se lembrará dever principalmente ao abandono da mãe, a sua desventura.

—É verdade, tornou Mathilde, deixando cair as lagrimas, e eu verei na sua agonia a mais cruel expiação do meu erro, lembrando-me que, essa in-

nocente creatura é minha victima. Mas não se póde fugir a esta fatalidade.

— A culpa não foi só da senhora. O pae não é menos culpado, senão é mais, notou Angelica.

Thomé concluiu:

— São culpados, principalmente, o pae, a roda e a mãe. Se fosse em causa crime o pae e a roda seriam os auctores do crime, e a mãe o cumplice.

XI

Maria acabou. Anna da Madre de Deus assistira ao nascimento, e assistiu tambem ao fim da triste. Contava ella a scena assim:

— Morreu como um passarinho. Tinha estado a olhar para a mãe verdadeira, e a dizer:

— O que eu peço á senhora, já que me quer tanto bem, é que me mande fazer um fato novo para quando eu voltar para Lisboa, e que ao menos me traga um dia de trem com a sr.ª Angelica. Só uma vez andei de trem, e gosto tanto! Se pudesse tambem ir o meu Leandro...

E ficou-se, coitadinha, socegada, e sem dar um gemido. A mãe abraçou-se com a tia Angelica, e ficaram para ali ambas n'uma tal afflicção, que eu cá por mim não quiz ver mais. Quando vinha a sair encontrei o Leandro, que ia todo desfeito em lagrimas, coberto de poeira, e pallido, eu sei? quasi tanto como o estava a pobre Maria. Tinha ido a pé desde Lisboa até lá que é uma legua bem comprida d'aqui ao Campo Grande. Como lhe eu disse que a irmã estava morta, já não houve pernas que o levassem

lá acima; sentou-se cá em baixo no segundo degrau da escada a arrepellar-se todo, e a chorar e a tremer que era uma dôr d'alma. Eu, que me queria vir embora, pois tambem já não estava lá muito boa, subi a escada, entrei, e chamei a mãe de parte dizendo-lhe: — Ó sr.ª D. Mathilde acuda aqui a este pobre rapaz, que elle á paixão que tem é capaz de fazer alguma, ou de ficar por ahi estatelado a um canto. Ella desceu, agarrando-se ao corrimão, e veiu ajoelhar ao pé d'elle toda transtornada, escondendo-lhe a cabeça no regaço e não fazia senão dizer:

— Perdoa-me, meu filho, perdoa-me!

O rapaz, coitadinho, beijou-a e abraçou-a, e eu metti-me no omnibus mais morta que viva.

XII

A loja do becco do Jordão fechou-se.

Constou ás linguareiras do sitio que Leandro aceitára por fim, depois de muito rogado por Thomé e Angelica, a offerta de ir viver com a mãe para uma quinta em Alemquer, e que jurára que se encontrasse o pae havia de obrigal-o a casar com a que a elle lhe dera o ser. A isto observou uma das minhas visinhas:

— Está feito. Ainda casava a tempo!

A CONDESSA DO CARREGAL

A CONDESSA DO CARREGAL

Misturam-se, e travam certame de competencias no turbilhão social as duas aristocracias,—a historica, tradiccional, adstricta aos feitos do passado, ás guerras e conquistas, aos heroismos de hontem; e a contemporanea, originaria das luctas do presente, vinculada a alguns serviços uteis á sociedade de hoje, e tambem, e muitas vezes, filha da preponderancia do dinheiro, autocrata sobrevivo a todas as transformações politicas, e que, á semelhança dos reis antigos, quando o capricho o belisca, diz a qualquer dos seus aulicos:

— Sente-se, barão.

—Levante-se, visconde.

Em ambas ha virtudes a louvar, em ambas corrupções e vicios a reprehender; mas, em geral, os vicios da primeira precipitam-a, ao passo que as corrupções da segunda elevam-a, tão saturado de impurezas anda o ambiente moral da sociedade dos nossos dias.

*
* *

O conde do Carregal era um dos titulares que

n'estes ultimos tempos apresentava em Lisboa o pouco edificante quadro do viver de calotes ou emprestimos nunca tornados, que são especies congeneres, arrastando por botequins e casas de jogo, um titulo glorioso.

Esse titulo fôra creado meiado o seculo XVII para galardoar serviços brilhantes prestados nas guerras da independencia, e abastecido por doações valiosas em propriedades rusticas e urbanas pela liberalidade dos nossos reis, que foram sempre umas mãos largas para todos quantos os rodeavam.

Uma administração insensata, preguiçosa e delapidadora fôra pelos tempos adiante deixando perder e arruinar o melhor de todo esse haver, e a casa chegára ao actual representante cheia de dividas, hypothecas e demandas, n'um estado cahotico a que as loucuras do conde tiravam a esperança de um *fiat* salvador.

É que o pae do conde educára-o pessimamente, e os seus exemplos haviam actuado violentamente sobre o animo do filho, de modo que o espirito d'este amanhecêra para a vida social e familiar inteiramente desamparado da luz do senso moral.

Sabia que era conde, mas ignorava que a nobreza obriga; desconhecia os deveres de cidadão, principiando por não saber que o trabalho intelligente e honrado do homem vence todas as contrariedades da sorte ou do acaso.

Casando com uma dama de illustre nascimento, e educação esmerada, que, ao contrario do marido, herdára de sua mãe, a condessa de Santo Varão, exemplos de escrupulosa honestidade, desdenhára logo nos primeiros mezes de consorcio os seus de-

licados affectos para se entregar ao cultivo de amores impudicos, que o arrastavam ás devassidões de um Sardanapalo de baixo cothurno. O seu mesmo afastamento do lar o privava de receber a influição salutar dos exemplos da esposa, e de a apreciar em toda a alteza do seu merito.

A condessa escutava em silencio o echo, não muito longiquo, das orgias, e escondia os seus pezares por entre os veos, não muito opacos, de uma delicadeza adoravel.

Quando o conde, como que para disfarçar os seus erros, a impellia ás representações semi-burlescas de uma opulencia ficticia, em que se acabavam de arrasar as ultimas porções das ruinas magestosas do antigo solar, reflectia na tristeza do semblante e na pallidez da cutis a dôr secreta que lhe opprimia o coração, e desconsolava a existencia.

Nos seus saraus, no periodo em que o conde os deu, ella era, não a rainha da festa, mas a escrava d'ella.

Qualquer olhar medianamente perspicaz o perceberia.

Ouviu-lhe até pessoa de intimidade escapar uma vez n'um suspiro, quando a felicitava pelo brilho da sua festa, esta phrase, arrancada da alma por uma preoccupação dolorosa:

—Quantas miserias terão de contar-se por cada uma d'estas funcções!

Mas por entre a aridez do thalamo, não as primicias do amor, mas um sorriso benefico da natureza, fizera-lhe brotar uma flôr de esperança, um anjo consolador, uma filhinha, que havia de ser o desafogo das suas penas.

A gentil dama, estando uma noite a contemplar no berço a menina, bebendo as torrentes de ternura que em seu coração derramavam seus meigos olhares, e vendo chegar de fóra o conde, extenuado pelos excessos da libertinagem, invocou a energia que lhe dava a sua dôr, e o amor maternal, e atreveu-se a quebrar o seu habitual mutismo de martyr resignada, dizendo ao marido:

—D. Joaquim: esta filha será a minha consolação nas tristezas que me cercam, mas será tambem mais uma tristeza a accrescental-as se o conde não cuidar de proteger essa menina contra os embates do infortunio, e contra os assaltos da immoralidade.

O conde, sentindo acordar um resto do brio da nobreza avoenga que a educação abandonada fizera adormecer no fundo do seu caracter, e que podia conter o germen de uma regeneração, estremeceu involuntariamente a esta idéa, e mirando a creança, disse instinctivamente:

—O infortunio, não! E depois, que se atrevesse alguem!

Esteve a meditar por alguns minutos, mas como o scismar em themas serios o fatigava e aborrecia, levantou-se e foi asphixiar o cuidado paternal n'um grog de cognac.

A menina cresceu. Recebendo com o leite, e na lição de todas as horas os primores de educação da mãe, que era, por sua illustração, virtudes, genio insinuante e reflexivo, a melhor das mestras, como o serjam todas as mães no seu caso, deixou entrar n'alma a influição dos nobilissimos principios que matisavam as acções da sua progenitora,

e tornou-se uma menina digna da estima das pessoas de bem, ao mesmo tempo que, pela belleza esthetica do seu vulto, a que dava relevo a gravidade dos gestos e movimentos, merecia a contemplação das almas illuminadas pelo casto amor do bello.

*

* *

Aos dezeseis annos Helena estava uma senhora completa, e uma dama adoravel.

Era alta, cheia de graciosas curvas, vivaz, flexivel, tinha as mãos e os pés pequeninos, cabello preto muito farto, dispensando nos elegantes penteados que a condessa caprichosamente lhe fazia as tranças mercenarias de cabeças alheias, ou ainda os artificios repugnantes, que a moda impõe ás bellas; olhos pretos rasgados, sombreados por bastas pestanas, contornados na curva superior por sillios delicadamente desenhados, tez ligeiramente trigueira, e nariz correctamente pyramidal.

Conservando nas suas toilettes a sobriedade que a indole modesta da condessa lhe imprimia, e mostrando nas falas, sempre discretas, o bom senso e a instrucção que lhe dera um sensato curso de educação que o amor maternal, sollicito e intelligente, tomára da leitura de bons livros, Helena era desejada em todas as festas de familia, e quando apparecia em publico vinha cercada do prestigio que lhe davam os justos gabos com que a annunciava a admiração, não tanto das meninas da mesma edade, para as quaes era motivo de emulação o reconhecerem que se podia attrahir attenções e ca-

ptivar affectos sem a metralha das vaidades miudas, nem a artilheria grossa das toilettes de espavento, mas principalmente as mães e tias volvidas ao positivo da vida, e as namoradeiras aposentadas, que, pungidas pelo remorso, presentiam que teriam podido ser melhor succedidas se seguissem o programma da filha dos condes. Tinha, portanto, Helena a fronte aureolada pelos esplendores da belleza, da modestia e da castidade; e é tal o brilho d'estas prendas moraes e physicas, e são tantas as qualidades contrarias a darem-lhe relevo com suas sombras na sociedade de hoje, que ella attrahia todos e chegava a deslumbrar alguns.

Alva pomba de amor, que, enfeitiçando com seus doces arrulhos o coração maternal, prendia tambem em suas azas o olhar cubiçoso e sanguisedento de caçador perfido.

*

* *

Entre os que espreitavam seus descuidados adejos um havia mais perigoso por ser o mais arteiro e disfarçado.

Só poderia notal-o quem fosse entendido na arte de prender secretamente o coração das donzellas.

Era um homem alto, de bigode e pera, rosto comprido, tez um tanto adusta, labios descorados, olhar incisivo, trajando das mais finas casimiras, talhadas ao rigor da moda, bota de polimento, alfinete e anneis de brilhantes, e grossa cadeia de relogio. Era o barão de Correia de Castro, um dos muitos que a munificencia politica faz barões ou

viscondes de si mesmos, muitas vezes cançada de em vão procurar titulo que indique feito meritorio ou posição social definida.

É facil esboçar a historia do barão.

Fôra havia 20 annos para o Brazil de jaqueta de saragoça, e sapato grosso.

Laborioso, atilado e economico,—os tres elementos constitutivos da força do trabalho,—juntou alguns vintens, exercendo diversissimas industrias em pouco tempo, e mostrando aptidão para tudo.

Amando cegamente a conta de multiplicar, pôz em pratica o meio de fazer com que 10 valessem 100, e 0 se transformasse em 1.000. Esta ultima operação economica, principalmente, que tem arrastado ao crime e á desgraça caracteres que sem a ambição desnobre teriam sempre sido honestos, valeu-lhe uma *mofina* de 15 dias, cartaz diffamatorio affixado nas columnas de um jornal riograndense em que se dizia que Guilherme Correia de Castro se apoderára dos bens de uma idiota ricassa, a qual se finára um tanto tragicamente, *caida* na represa de um engenho das suas plantações, isto em seguida a Guilherme, seu administrador e guarda livros, ter recebido d'ella uma doação do melhor de seus haveres.

Mas a *mofina* passou; tudo passa; Guilherme liquidou os bens e disse uma noite adeus aos jornaes e á opinião publica do Rio Grande, indo passear os seus contos de réis até á America do Norte. Ao fim de dois annos veio para Lisboa com as melhores apresentações.

N'este porto franco, aberto a todos os caracte-

res e procedencias, e aonde, em se trazendo carregamento de dinheiro não ha fiscaes de saude que examinem se o acompanha ou não carta limpa, Guilherme começou a seguir um certo curso pratico de habilitação de barão ou visconde, que tem alcançado bom exito a muitos:—deu jantares opiparos ao bando official, a certos filhos dilectos da politica activa, á elegancia ociosa, comprou acções de todos os bancos e companhias, fez donativos aos estabelecimentos de caridade, mandados apregoar em estylo altisonante pelos diversos orgãos da publicidade, tomou porções avultadas da divida fluctuante, fez-se desejado dos ministros da fazenda, e d'ahi, andados mezes, lia-se na folha official um decreto em que o chefe do estado, attendendo ao *merecimento, e mais partes,*—quanta negridão não tem tapado esta formula official!—de Guilherme, o fazia barão dos seus appellidos. Pede a justiça que se diga que nem o chefe do estado nem o ministro que lavrára o decreto sabiam das *mofinas* do Rio Grande. Não desceu ainda, graças a Deus, tão abaixo o nivel moral nas regiões do poder.

Mas do que todos os que não fossem cegos de espirito tiveram conhecimento, foi das veniagas e baixezas a que esta mal havida fortuna, e esta posição da moda serviu de elemento.

Não incemos de pestilencias este quadro. Escondamos, como o pede o decoro da arte, o que é miseravel e repugnante.

O barão tinha 40 annos. Já fazia uso da agua Circassiana no bigode e na pera, não tendo sabido vêr impassivel as incursões da neve da edade nos dominios capillares. Mas apresentava o aspecto de

um homem de 36, e, digamol-o em preito á verdade, não era deselegante.

Aqui está, pois, quem em segredo requestava a formosa filha dos condes do Carregal.

Correia e Castro mirára fixamente o alvo:

— O pae, disse elle, é um devasso; deve ter esquecido a filha nos deslumbramentos do jogo, e no tumultuar das orgias; a mãe, embora não tenha equivalente depressão moral, é facil illudil-a; a filha, inexperiente, cederá; e eu terei accrescentado a epopeia das minhas victorias sobre o sexo meigo com mais uma, que será estrondosa por ser de barão para conde.

Poderia falhar o tiro, mas a pontaria era certeira.

Helena foi surprehendida no sereno retiro de sua alma por algumas cartas escriptas na linguagem mais apaixonada.

Sabem os conhecedores dos phenomenos psychicos de quantos ardentes devaneios é capaz uma cabeça a que presta calor um sentimento violento. Correia e Castro, achando em Helena desde as primeiras investidas a indifferença natural n'um coração adormecido, chegou ao estado de inquietação febril; e as suas cartas já representavam um d'esses delirios de amor, que injustamente deixam de ser qualificados na tabella medica do hospital dos alienados. Exemplo: — «Senhora envio-vos o meu retrato. Chegadas as cousas a este ponto não podeis recuar. Sois já cumplice do meu amor. Despresal-o fôra um crime; trahil-o seria comprometter-vos. Está enlaçado um doce consorcio entre as nossas almas, embora de vós só haja obtido palavras frias e soltas,

desde que no jantar de annos da marqueza de... vos disse ao ouvido com a audacia de que só é capaz o verdadeiro amor:—«Serás minha.» Agora digo-vos:—«Já és minha, embora o não queiras.» Oh! mas tu has de querel-o, Helena. Eu amo-te, e só eu, considerado e rico, titular como teu pae, posso evitar-te a quéda, perdôa, no abysmo de miseria que teu pae cavou á sua familia. Ouve-me, escuta-me uma noite em lugar onde a sós comtigo possa dizer-te o mais que não se póde escrever em cartas, e convencer-te-has da extensão infinita d'este amor, que me escalda o peito e a rasão. Dá-me a posse da tua formosura, e terás o meu amor, e a minha fortuna.» A redacção não era d'elle.

A donzella andava pensativa. Estas perseguições insistentes davam-lhe rebate ao sentimento. A mesma direcção positiva da sua educação lhe era predisposição para a quéda. Sua mãe dissera-lhe muitas vezes:

—«Quando em teu coração amanhecer a aurora do amor, não te deixes, minha Helena, deslumbrar pelo seu brilho; a illusão passa, o fogo arrefece, mas o facto que elle produz fica eterno. Casar sim, mas com homem honrado, nobre, abastado, e que cuide a serio da sua casa.

«Por teus avós não saberem tratar das suas está perdida a nossa. Se a tudo isto accrescer um amor sincero, pacifico, previdente, será quasi certa e permanente a felicidade.»

Ai, mas quem seria capaz de lêr n'uma cara, de estudar n'uma voz, de traduzir n'um olhar de homem estes predicados? Helena, ingenua, candida, inexperiente? De certo que não.

A filha dos condes do Carregal, agitada já por um sentimento desconhecido, que lhe doirava os sonhos, e lhe povoava de panoramas encantadores a phantasia, começou a pensar na possibilidade de ser Correia e Castro o homem que devia convir á sua felicidade.

Qualquer que seja a educação de uma mulher, sejam quaes forem os principios que lhe incuta o meio social em que vive, quando o amor vem, tudo muda; todos os principios, todos os desejos, calculos e aspirações se affeiçoam n'ella por tal arte, e sem ella mesma dar por isso, ás circumstancias do homem que a requesta, que n'elle tudo parece ajustar-se perfeitamente ás exigencias do seu animo e da sua posição e educação. O sentimento altera, modifica e transforma a idéa, faz a reversão dos principios mais acceites pela razão.

Helena respondeu a essa carta. Acceitou o retrato, e, passados dias, enviava o seu em troca. Desde essa resolução estava presa áquelle homem por um segredo que lhe quebrava as forças para resistir serenamente a qualquer laço que lhe elle armasse. Era d'elle. Só a sua castidade a poderia furtar aos seus perfidos desejos.

Depois de reiteradas supplicas, sempre em phrase ambigua, mas deixando entrever as intenções mais santas, a donzella consentiu em ouvil-o. O logar ajustado foi o mirante da extrema do jardim da casa de habitação do conde, pouco distante da linha de circumvalação da cidade, sitio ermo, e á uma hora da noite, logo que a condessa adormecesse.

Helena, pallida, descorada, em lucta com a idéa

de ter de, pela primeira vez, enganar sua mãe, deitou-se extremamente sobresaltada.

A condessa notou a sua agitação.

Interrogou a filha, tomou-lhe o pulso, e, um tanto tranquillisada com as respostas d'ella, deitou-se tambem, depois de a haver agasalhado com as maiores precauções. Adormeceu.

A donzella, que costumava dormir n'um quarto proximo, ergueu-se cautelosamente, e abrindo ao de leve as portas, entrou no jardim, e encaminhou-se para o mirante.

Lá estava esperando-a, trepado ao muro, o seu astuto amante.

É util que se contem estas situações vulgares dos tristes romances da seducção para que as donzellas se precatem.

Os seductores audazes, quando chegam a lances taes, dispensam as formulas romanticas, os lyrismos suaves e piegas da phrase, e apoderam-se brutalmente da sua presa, que raro tem a energia precisa para resistir-lhes.

Uma vez dado pela donzella um passo d'estes, a perdição é inevitavel se algum accidente dos que poucas vezes succedem na vida real, e tantas são inventados nas novellas, se lhe não oppõe.

*

* *

Na singela historia que eu aqui narro, preparou esse incidente o amor maternal. Era natural isso.

A condessa adormecêra constrangida por notar a desusada inquietação de sua filha.

Mas o somno das mães apresenta phenomenos singulares, que são o desespero dos physiologistas. Nas mães adormecem todos os orgãos, todas as faculdades, todos os sentidos, mas não dorme o amor, que as faz durante o somno mais profundo escutar os gemidos, perceber os movimentos do filhinho, que lhes conserva a preoccupação, e o sentimento n'um estado de vigilia quasi permanente. Não as despertaria a detonação de um tiro de artilheria, acorda-as o mais ligeiro vagido da creança. Como que a sua intelligencia, e o seu coração não dormem, quando o filho carece dos seus cuidados. O somno abstrae-as de todas as relações exteriores, excepto do filhinho. Teem-o sempre presente á phantasia, e os seus sonhos exaggeram a preoccupação.

A condessa mal adormeceu sonhou que ia perder a filha, cujo estado morbido lhe prenunciava uma doença fatal. Soltou um gemido, sobresaltou-se, e sentou-se no leito. Chamou por Helena, e pareceu-lhe não a ouvir respirar. Correu ao seu quarto, e não a vendo ficou perturbadissima. Compôz as roupas, e seguiu a procural-a. Estava aberta a porta do jardim:

—Roubaram-m'a! foi a sua idéa, e a sua phrase.

Saiu ao jardim, levando na mão um candieiro de noite a que machinalmente diminuiu a luz.

Ao tenue clarão da lua viu um vulto no mirante. Era ella. Encaminhou-se para alli por entre a murta da rua central.

Subindo pelo muro, e já segurando-se ás grades do mirante para saltar para dentro, vinha n'essa

occasião um homem. A condessa ouviu claramente sua filha proferir estas palavras:

—Não entre, senão fujo!

E Helena ia afastando-se do mirante.

—Não fujas, disse Castro em tom de supplica.

A condessa, que se havia approximado, não pôde conter a sua indignação e bradou:

—Não fujas, não! Fugir só devem os criminosos, e tu, filha, não és.

O barão, ao escutar estas palavras, ia perdendo o equilibrio e as forças de que tanto carecia; por um movimento nervoso, porém, segurou-se á varanda, e preparava-se para se deixar cair em cheio na estrada, e evadir-se quando uma voz de homem fallou de baixo:

—É o sr. barão Corrêa de Castro que tenho a honra de receber no meu jardim? Queira ter a bondade de subir, porque a descida assim precipitada póde molestal-o.

A voz era a do conde, que voltava do jogo mais cedo que o costume, pois tambem mais cedo perdera n'essa noite o pouco que para lá levára.

A condessa ao ouvil-a afastou Helena, compelliu energicamente o barão a entrar no mirante, e assomando á varanda, disse:

—Chegou ainda a horas, sr. conde.

Este, que nada percebia do que se estava passando, apezar do bom conceito em que tinha sua mulher, suppôz-se trahido por ella, e tornou:

—Para presenciar o adulterio de minha mulher?

A condessa retorquiu serena:

—É fulminante a calumnia, mas cáe em coração acostumado ao soffrimento.

Depois em tom magestoso proseguiu:

—Suba, sr. conde, por onde subia o seductor de sua filha!

—Perdão, minha senhora, mas... objectou o barão.

—Suba, continuou a condessa com intimativa, e verá que o seu posto de honra como nobre e como chefe de familia era aqui, e não nas casas de jogo.

O conde trepou velozmente, hirto, confuso, agitado por diversissimos sentimentos.

Correu para Corrêa de Castro, e comprimiu-lhe o pulso direito violentamente. O barão não reagiu.

—Então que infamia é esta? disse o conde.

—É um representante da aristrocacia moderna, tornou a condessa com voz austera, indicando Castro, e fitando altivamente os dois,—que dá livre expansão aos seus vicios, affrontando o pudor de uma menina donzella, emquanto um membro da aristrocacia antiga, não sabendo reprimir os seus desvarios, deixa perder ao jogo a mais preciosa joia que lhe restava de seu patrimonio—o sentimento da verdadeira nobresa, a dignidade, que nos faria respeitados na desgraça, que se approxima.

Pela primeira vez appareceu o rubor do pejo nas faces do barão.

O conde estava pallido, tremulo e enfiado. Sua mulher, tocada pela eloquencia que produzem as grandes afflicções, dizia a verdade.

—Tem razão, condessa, não é digno o meu proceder. Agora mais que nunca o conheço.

—Mas ha aqui quem proceda com mais indignidade, continuou a condessa:—é o sr. barão, que

assalta de noite a casa de uma familia honesta, procurando illudir, talvez raptar e deshonrar uma menina donzella...

—Perdão, sr.ª condessa, mas eu... interrompeu o barão.

—O sr. barão é um indigno, um villão de baixa esphera, que deshonra o titulo que lhe deu sua magestade, praticando acções torpissimas como esta de que está sendo a prova viva n'este momento.

Emquanto a condessa, elevando-se assim á expressão luminosa da verdadeira nobreza, evocando á austera virtude, a inconcussa moral que sagraram na historia os nobres que o souberam ser, fulminava, ferida no seu amor de mãe, e no seu pundonor, os dois abastardados representantes das duas aristocracias, Helena, occulta entre as ramagens dos arbustos, suffocava a dôr e o pejo n'uma convulsão de choro. O barão, refeito da perturbação da surpreza, reentrava no dominio do seu caracter, e respondia:

—Sr.ª condessa, visto que v. ex.ª esquece quem sou, abusando de uma situação irregular a que me arrastou só e exclusivamente o amor de sua filha, ouso recordar-lhe que v. ex.ª está tratando de nobre para nobre, e que não é licito negarmos uns aos outros as considerações que nos devemos.

—Engana-se, sr. barão. Entre o possuir titulo de nobreza e o ser nobre a differença é tamanha como entre a virtude e o crime. V. ex.ª, que pertence á aristocracia moderna, filha das luctas do fim do ultimo seculo, deve saber mais claramente que eu, que tive de o aprender nos infortunios da familia, nas lições do tempo, e na leitura de al-

guns livros, que não são os pergaminhos, e as cartas e decretos reaes que fazem a nobreza; não, esses documentos só fazem os titulares; a nobreza fazem-na as grandes virtudes civicas e domesticas, as acções valorosas, e valedoras, os rasgos de util energia, a abnegação, os sacrificios a favor da patria, da liberdade e da moral.

E a nobreza moderna para não ser uma instituição de poucos annos, deve, mais que a antiga, que já pagou o seu tributo á sociedade e á historia, realçar por meritos moraes e intellectuaes, e por serviços positivos.

A acção de v. ex.ª, escalando de noite o muro de um jardim, attrahindo a um logar ermo uma donzella inexperiente, e tentando macular-lhe a castidade com os excessos de um amor impudico, não é de nobre, é de ruim villão.

—Sr.ª condessa, bramiu Correia e Castro, avançando em tom ameaçador, desvairado pela ira.

—Indigno, interrompeu, detendo-o, o conde, a quem a heroica attitude de sua mulher havia feito despertar o adormecido brio:—é proprio de um lacaio desmoralisado o seu procedimento.

Castro sobraçou o visconde. Travou-se lucta vigorosa entre os dois. A condessa tentou em vão apartal-os. Helena acudiu, e travando de um braço a Castro disse-lhe:

—Sr. barão, ordeno-lhe que respeite meu pae!

Castro deixou-o.

A condessa fixando-o altivamente observou:—É esta a educação e o brio da nobreza de hoje?

O barão, confuso e abatido, tornou:—Perdoeme sr. condessa, mas a provocação foi atroz.

—O sr. barão assaltando a nossa casa auctorisou tudo.

—E se eu demonstrar a v. ex.ª, tornou sereno e humilhado o barão, que tinha os mais elevados intentos a entrevista que pedi a sua filha?

—O logar e a hora não os abonam.

—Pois bem, srs. condes do Carregal, interrompeu Castro com voz tremula, mirando Helena, a cuja physionomia a afflicção dava um tom angelico e dominador...—Peço-lhes... me... concedam... como esposa... sua filha.

—Sr. barão de Correia e Castro, respondeu a condessa com gravidade; não é por alli por aquelle muro a entrada da sala onde costumamos receber a visita das pessoas que pretendem dar-nos a honra de tratar comnosco assumptos e negocios de tanta ponderação.

—Tem razão, minha senhora; sairei por onde vim, mas dou a v. ex.ª a minha palavra de cavalheiro de que heide saber reparar nobremente o meu desvairamento de um instante.

O barão dispunha-se a descer pelo muro, quando a condessa, chamando um criado, e ordenando-lhe que abrisse a porta do jardim para elle sair, disse a Castro fazendo-lhe uma grave mesura:

—Desejo que não salte pelo muro para evitar que o tomem por um salteador; bem vê que até para nós se prestou ao engano.

*
* *

O barão saiu, profundamente abatido de animo

perante o espectaculo, novo para elle, da grandeza d'esta mulher, que conservava redivivos em seu peito, depurados pelas lições do tempo, e pelos soffrimentos intimos, os sentimentos elevados e vigorosos que constituiam o brazão mais brilhante dos principaes exemplares da nobreza tradicional e que lhe são o unico titulo seguro do acatamento da posteridade.

O conde, recolhido a casa, pediu perdão a sua mulher de não cuidar como devia da guarda da honra de sua filha, e agradeceu-lhe a lição que déra a ambos, salvando-os a todos da vergonha e da desgraça. Prometteu reprimir os seus desvios, e até fallou em requerer um emprego como medida financeira.

A condessa, inundada em pranto, relembrou-lhe os admiraveis feitos, as virtudes viris do fundador da casa, e pediu-lhe que se inspirasse d'elles.

Castro no dia seguinte escreveu á condessa uma longa carta de satisfação, mostrando comprehender a villeza da situação em que fôra surprehendido, e desculpando-se da sua audacia. A lição pratica de dignidade e nobresa que a condessa lhe dera fez abalo no seu espirito.

São do mais salutar effeito para os caracteres depravados os exemplos das grandes virtudes; deteem-os muitas vezes, se o cynismo os não domina completamente, no meio da voragem a que os vão arrastando as transigencias do geral da sociedade com os seus vicios e defeitos, a tolerancia criminosa, ou a condemnavel indifferença com que se enche de considerações e respeito os mais astutos filhos da torpeza.

Castro sentiu d'esta vez impulsos de homem de bem; e devemos notar que tambem não tinha coragem para ficar aviltado perante a familia dos condes, muito relacionada na sociedade elegante em que elle procurava envolver-se a todo o transe.

Passado dias, e depois de reiteiradas instancias, e demonstrações mais ou menos convincentes para quem o não conhecesse do Brazil, de que era um homem digno e independente, que amava Helena com cegueira, e que havia de fazer a sua felicidade, os condes, a quem, aliás, a pobreza começava a opprimir irremediavelmente, concediam a mão de sua filha ao barão.

Effectuado o casamento, a baroneza de Correia e Castro considerou-se por um momento feliz; mas os desvarios do marido vieram pôr algumas nuvens no formoso horisonte da sua vida.

Todavia o contacto benefico da condessa, as suas intervenções prudentes nos dissabores que houve entre os dois esposos, a adoravel virtude de sua filha, e mais tarde os enlevos de um filhinho que nasceu d'esse consorcio, (—abençoae os vossos filhos, ó mães que não sois correspondidas em vosso affecto conjugal, que elles são laços divinos a prenderem a vós os corações dos paes)— modificaram um tanto o caracter do barão. Elle, por sua parte —phenomeno singular, — emprehendeu uma campanha de tentativas e esforços para corrigir os prejudiciaes desvarios do sogro, arraigados desde muitos annos nos seus costumes, e n'esse empenho vaidoso foi, sem quasi o querer e sem absolutamente o sentir, corrigindo tambem os seus. De modo que hoje pode-se dizer que o barão e o conde são... seja-

mos francos... dois homens toleravelmente morigerados.

*
* *

Está-me parecendo, á vista do exemplo que ahi deixo esboçado, e de outros que tenho colhido na averiguação de todos os dias,—e perdoem-me se a receita tem seus visos de empyrismo,—que se fosse possivel injectar nas duas aristocracias, a tradiccional e a contemporanea,—exemplo: o meu conde e o meu barão,—a virtude impolluta da nobreza austera de outros tempos, de que ainda ficou por ahi um que outro isolado typo,—exemplo: a condessa, e, ainda sua filha, se o contacto da sociedade a não perder como confio da sua educação,—se havia de obter a cura dos morbos que corroem uma e outra, e lhe tiram o brilho e prestigio que seriam o seu esteio mais seguro n'este seculo de oscillações.

EXPLICAÇÃO DE UMA NOTICIA

EXPLICAÇÃO DE UMA NOTICIA

Alberto era filho de um honrado alfaiate dos mais bem afreguezados de Lisboa. Seu pae, homem muito laborioso colhia os fructos prodigiosos do trabalho. Não cançava noite e dia n'um lidar activo e constante, e o trabalho chovia-lhe beneficios, que a ociosidade jámais consegue.

Podem o crime e o vicio proporcionar bens de fortuna em abundancia ao homem dissoluto, procurar-lhe prazeres e delicias, multiplicar-lhe os gozos e as fruições, mas no fundo d'esse quadro, apparentemente brilhante, ha um verme roedor, que é o remorso, o qual macula e corroe a tela, e um dia faz cair pedaços a moldura e o quadro, e sobre elle as maldições dos illudidos, as exprobrações dos atraiçoados, as pragas das victimas d'esta magnificencia transitoria. Delicias como as que dá a fruição do producto das lidas honradas, nas horas do repouso, no descançar da sesta, com a consciencia limpa, o coração tranquillo, e a mente toda entregue ás felicidades domesticas, não existem sobre a terra.

Mas Deus, que santifica o trabalho, quer ás vezes provar a virtude pelo martyrio para dar-lhe afinal a recompensa.

O pae de Alberto foi tomado de um insulto apopletico, e ficou leso do lado direito. Cairam-lhe das mãos a regua e a thesoura, os santos emblemas da arte, e não obstante a dedicação dos seus operarios, que lhe queriam como a pae, elle não poude mais tomar uma medida, riscar um frak, talhar uma calça. Os freguezes foram-lhe desapparecendo. Era como que tivessem queimado todos os bens de um rico proprietario; Job, na segunda phase da sua vida, de rico tornado indigente.

O operario, vendo-se manietado por aquella horrivel doença, exclamou:

—Senhor, que crime praticaria o pobre alfaiate para ser assim condemnado a estas galés? Agrilhoaram-me os braços. Fecharam-me a bocca ao pão honesto. Tenho diante de mim um futuro de lagrimas.

E a triste familia soluçava em torno d'elle. Só alli havia alguem que não chorava. Era Alberto, espirito forte, segundo elle proprio cria, e que devia ser superior ás tempestades da vida.

—Tu não choras, meu irmão? lhe perguntou com infantil curiosidade e voz de anjo sua irmã mais nova, linda creança de dez annos.

—Um homem nunca deve chorar; volveu Alberto. Eu rio-me do destino.

—E que pensas fazer, para amparar teu pae e teus irmãos? interrogou o pobre operario.

—Ora! Tenho amigos, e muitas relações. Vou requerer um logar de amanuense, e depois subirei rapidamente até chefe de repartição.

O alfaiate encarou seu filho com um olhar de piedade, e deixou escoar dos labios um gemido.

A resposta de Alberto equivalia a outro insulto apopletico. O operario honrado já tinha um crime —era o não ter obrigado seu filho a aprender o seu officio, e ter-lhe deixado pensar que era melhor andar arrastado pelas abas das fardas dos ministros do que obrigar os ministros a moverem-se a geito para lhes tomar medida das fardas. E era grande este crime do bondoso alfaiate, crime que é o de muitos paes, que não dão á educação de seus filhos uma direcção positiva, que os faça avultar pela utilisação da sua actividade esclarecida, por estudos proprios e profissionaes, contribuindo para que se levante o nivel das nossas industrias.

Alberto fez-se pretendente, e nos intervallos das suas peregrinações ás secretarias, jogava, fumava, passeava e divertia-se. Quando volvia a casa, a principio entristecia-o o quadro de decadencia que apresentava o interior do lar, e ainda de quando em quando sentia impulsos generosos que o levavam a arrepender-se de não ter aprendido o officio, mas depressa se distrahia, e a continuação das scenas intimas de lamentações e lagrimas de sua familia, tornou-o indifferente, e por fim chegou a aborrecel-o.

Seu pae foi definhando lentamente e um dia cegou e ensurdeceu. Era o cumulo do infortunio. Quando se projectava recolhel-o ao albergue dos invalidos do trabalho, util instituição, cujo desenvolvimento tantos beneficios podia trazer ás classes laboriosas, mas que já agora ficará limitada a amparar duzia e meia ou duas duzias de soldados estropiados d'esse grande exercito do progresso, veiu a morte dar-lhe a corôa do martyrio, e sua

alma subiu á eternidade entre um côro de benções e orações.

Alberto para disfarçar a magua da morte de seu pae, dizia o blasphemo, entregou-se a toda a sorte de vicios. Abandonou a caza paterna e deixou lá esquecidas tres orphãs e uma viuva.

Fez bem. O contacto de um filho ou de um irmão dissoluto podia crestar as brancas azas d'aquelles anjos.

A virtude ensinou-lhes a ellas o caminho da felicidade.

As tres meninas tornaram-se tres habilidosas custureiras de obra de alfaiate.

Um official antigo da caza pediu a mão da mais velha, e restabeleceu o estabelecimento do seu antigo mestre, sustentando o resto da familia.

Quiz tambem proteger e regenerar Alberto, mas este recusou o auxilio das mãos do antigo aprendiz de seu pae, e respondeu com insolencias aos conselhos da amisade e ás instigações do decoro.

O seu nome figurou varias vezes nas partes de policia, de envolta com os de alguns desordeiros. Desprezado de todos os bons tocou o auge da desesperação. Era um caloteiro sem arte, um especulador sem energia, um elegante de botas rotas e chapeu amarrotado, como muitos vadios d'esse jaez que o leitor conhece e que começam por pedir o emprestimo de alguns tostões, depois os rogam por esmola e por fim os roubam, se podem.

Á beira do abysmo só o poderia salvar a religião pura dos sentimentes nobres—inspirando-lhe a resignação, a esperança, e o amor ao trabalho;

mas se elle não cria em nada, e abominava as exhortações da moral.

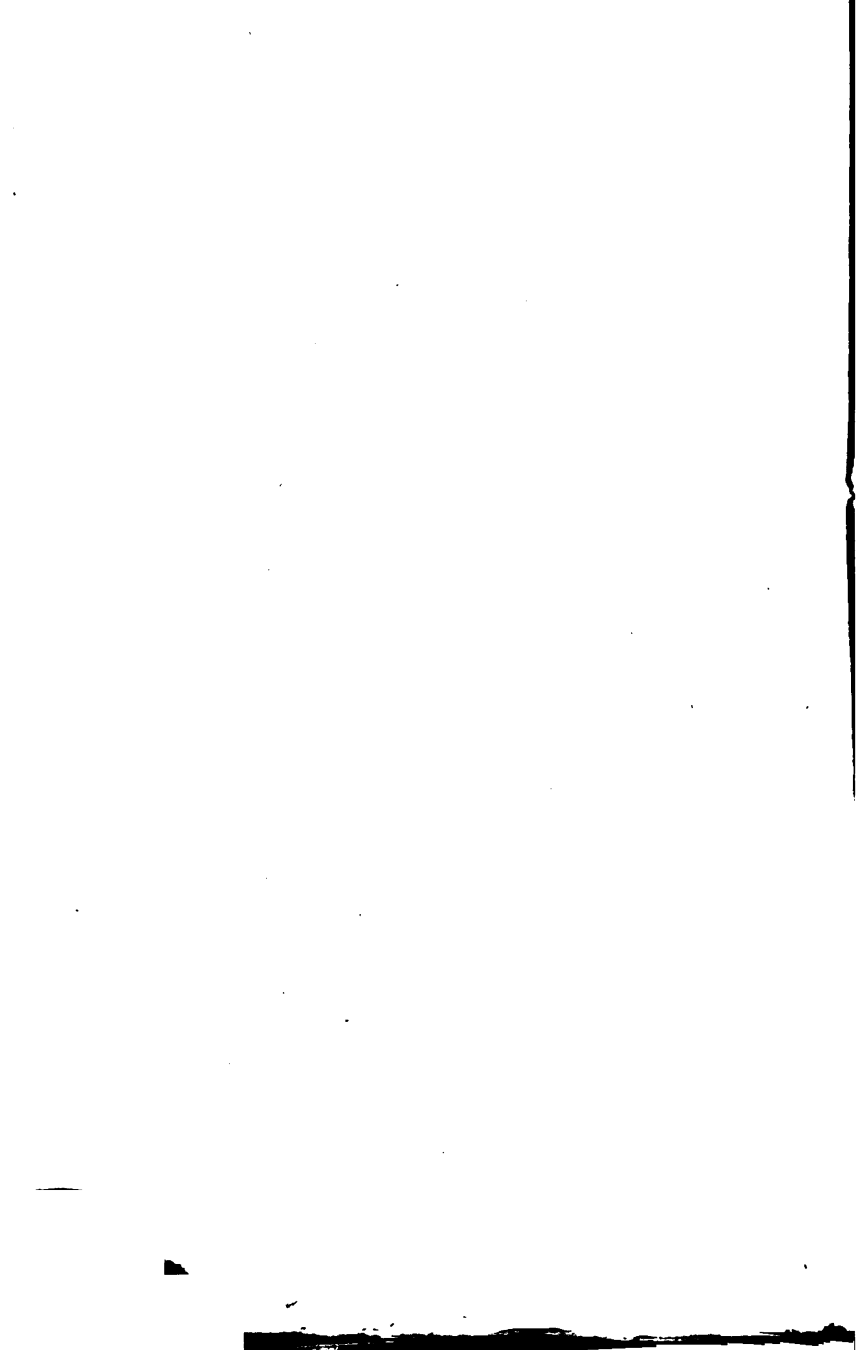
Ultimamente appareceram nos jornaes estas duas noticias, uma d'ellas, por tal signal era escripta por mim na *Revolução de Setembro*, quando alli fui o encarregado da *chronica*, depois de Manuel Roussado:

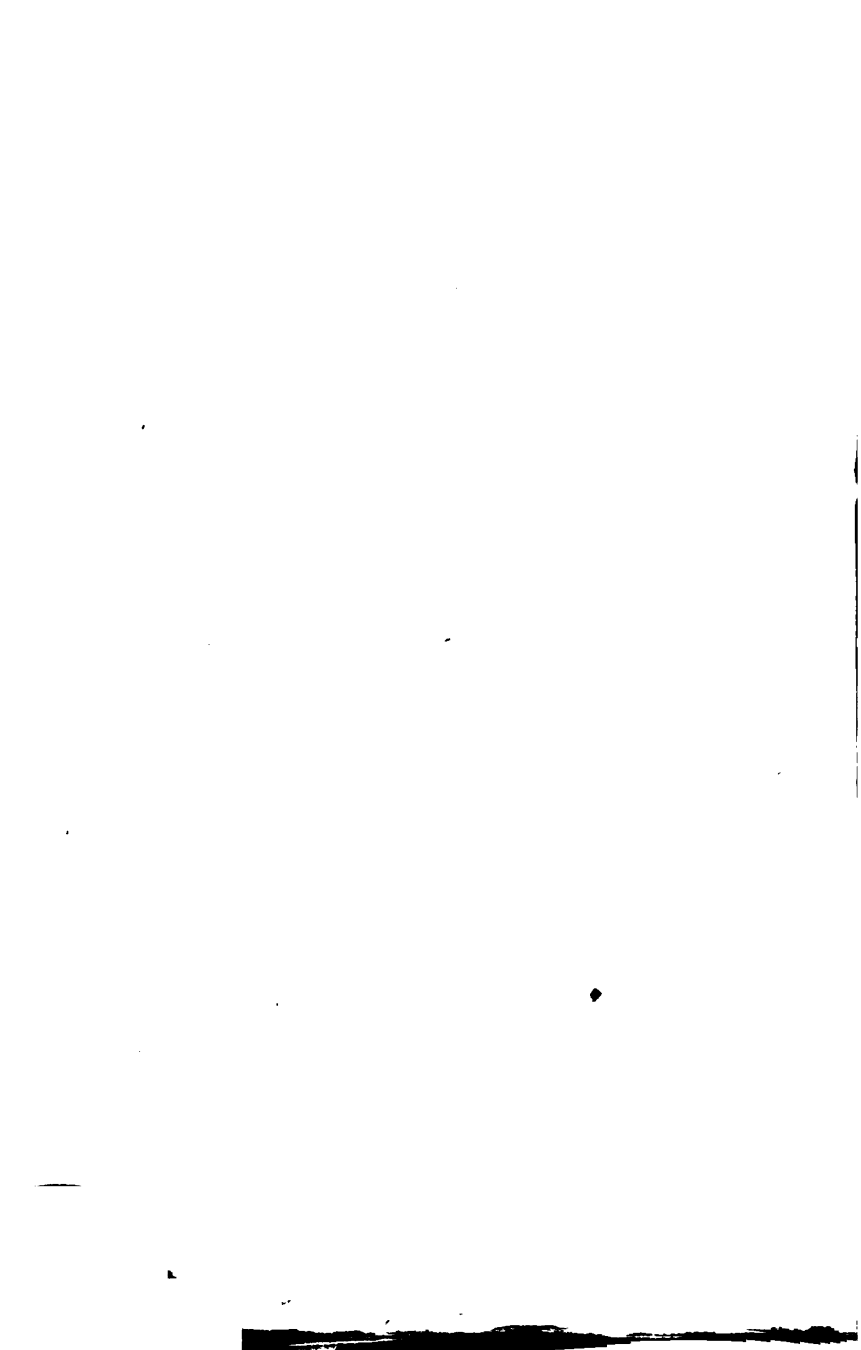
«A viuva e filhos do honrado alfaiate d'esta cidade o sr... que tanto teem desinvolvido e aperfeiçoado o estabelecimento de seu infeliz marido e pae, acabam de receber a medalha de honra na exposição nacional de... pelo primor de algumas obras da sua arte que alli apresentaram.

E mais abaixo:

«Hontem appareceu enforcado n'uma agua furtada da rua de... um rapaz de vinte e dois annos que consta chamar-se Alberto de... Ignoram-se os motivos que deram causa a tão desesperada resolução.»

Foram o vicio e a ociosidade.

Soube-os eu, a quem a minha profissão fez conhecer a verdade d'esta simples historia.

O ROMANCE DE UMA MULHER

(A D. G. A. C. R.)

O ROMANCE DE UMA MULHER

Brotaste, flôr ridente, por entre os jasmins e as rosas que te adornavam o lar paterno, doce eden de amor conjugal. Embalaram-te ao som de suave melopea, que traduzia: paz e felicidade. Castos osculos humedeceram a tua face; brandas caricias affagaram teus vagidos; risonhos labios enxugaram tuas lagrimas: ditosa creança! velava-te no berço a Providencia, representada n'uma figura de mulher—era tua mãe. Mãe! Thesouro de inexgotaveis delicias, que riquezas ha na terra que possam valer o teu immenso amor e a tua heroica dedicação?

*
* *

Os dias da tua infancia escoaram-se rapidos por entre as descuidosas alegrias que encantam os bellos panoramas que n'essa quadra formosa se desenrolam a nossos olhos. Tudo então para nós é desconhecido e mysterioso; tudo é bello, novo e attrahente: as aves, os animaes, as plantas, as flôres, as brisas, as aguas dos regatos, os velhos e as creanças, pessoas e cousas que a nossa phantasia aprecia por egual, tudo se enlaça n'uma cadêa de

affectos para fazer o cortejo d'essa realesa celestial, para a qual a natureza se desentranha em dons, e a sociedade em homenagens de estima. Se acaso já pensavas era só em Deus, idéa innata, ou inoculada com o leite no espirito de todas as creanças, em Deus que absorvia o teu respeito e o teu temor; nos teus brinquedos, que cifravam a tua ventura, e em tua mãe, que com invencivel e suave iman attrahia os teus enlevos.

*
* *

Cresceste. Dormindo, sonhavas sonhos vagos e confusos, mas brilhantes e prasenteiros; velando, scismavas no enigma d'esses sonhos, e expandias o pensamento em santas aspirações. Ouviste um dia contar historias de fadas, e de mouras encantadas, tradições risonhas e graciosas, ingenuas, innocentes, encantadoras; recitaram-te romances e balladas populares, e quando a vez primeira escutaste, entre essas singelas narrativas, a palavra *amor* que vibrou aos teus ouvidos como um som de harpa eolia, tremeste; coraste, e ficaste pensativa: «O que será o amor?» Teu espirito, vagando de conjectura em conjectura, encontrou em seu peregrinar o sublime amor da Virgem Maria por seu Divino Filho, o martyr sacrosanto; viu os soffregos osculos e os estreitos amplexos das mães e dos filhinhos; os affectos entre irmãos e irmãs; a pacifica e suave amisade de teu pae por tua mãe. Cuidaste que o amor era assim, uma emanação do ceu, deliciosa como nectar, brilhante como as es-

trellas, e suave, e doce, e tranquilla. Pobre donzella!

*
* *

Soprou o bulcão ardente. A onda do *simoun* levou-te pae e mãe em seus furiosos turbilhões. A tua morada ficou um deserto; mas o teu coração estava povoado de esperanças; o lucto e as lagrimas da orphandade realçavam-te a belleza: O acaso deparou-te um dia um romance de amores. Lestel-o, curiosa! Fallava-se ahi nos fogos da paixão, nos gosos do amor, nos queimores do ciume, nas lagrimas da ausencia, nos suspiros da saudade, nos tormentos do abandono, nos martyrios da traição: agitou-se-te o sangue nas veias, e pulsou-te o coração com violencia. O amor era coisa bem differente do que a julgavas: havia n'elle paraizo e inferno, bonança e tempestade, clarões e trevas, fogo e gelo, um mundo de delicias, uma eternidade de dôres. Um tumulto de idéas te invadiu a mente, te assenhoreou as faculdades, e quadros singulares se te desenharam na phantasia.

*
* *

N'uma d'essas telas cheias de poesia e meiguice havia um mancebo esvelto, garboso e vivaz que se prostrava aos pés de uma donzella, radiante de belleza e castidade; beijava-lhe a mão timidamente; a bella córava reprehensiva; depois encarava-o com ar compassivo, e por fim sorria-lhe perdoadora.

Elle enleiava-lhe um braço á cintura; achegava-a a si; osculava-lhe a face, e segredava-lhe:—«És minha.» Ella, perturbada, vencida, dominada, louca, volvia-lhe em tom indefinivel:—«Sou tua!» Eram Romeo e Julieta; Puliucto e Paulina; Bernardim e Beatriz; Camões e Natercia... dois amantes quaesquer... dois entes ditosos... dois desgraçados.

*

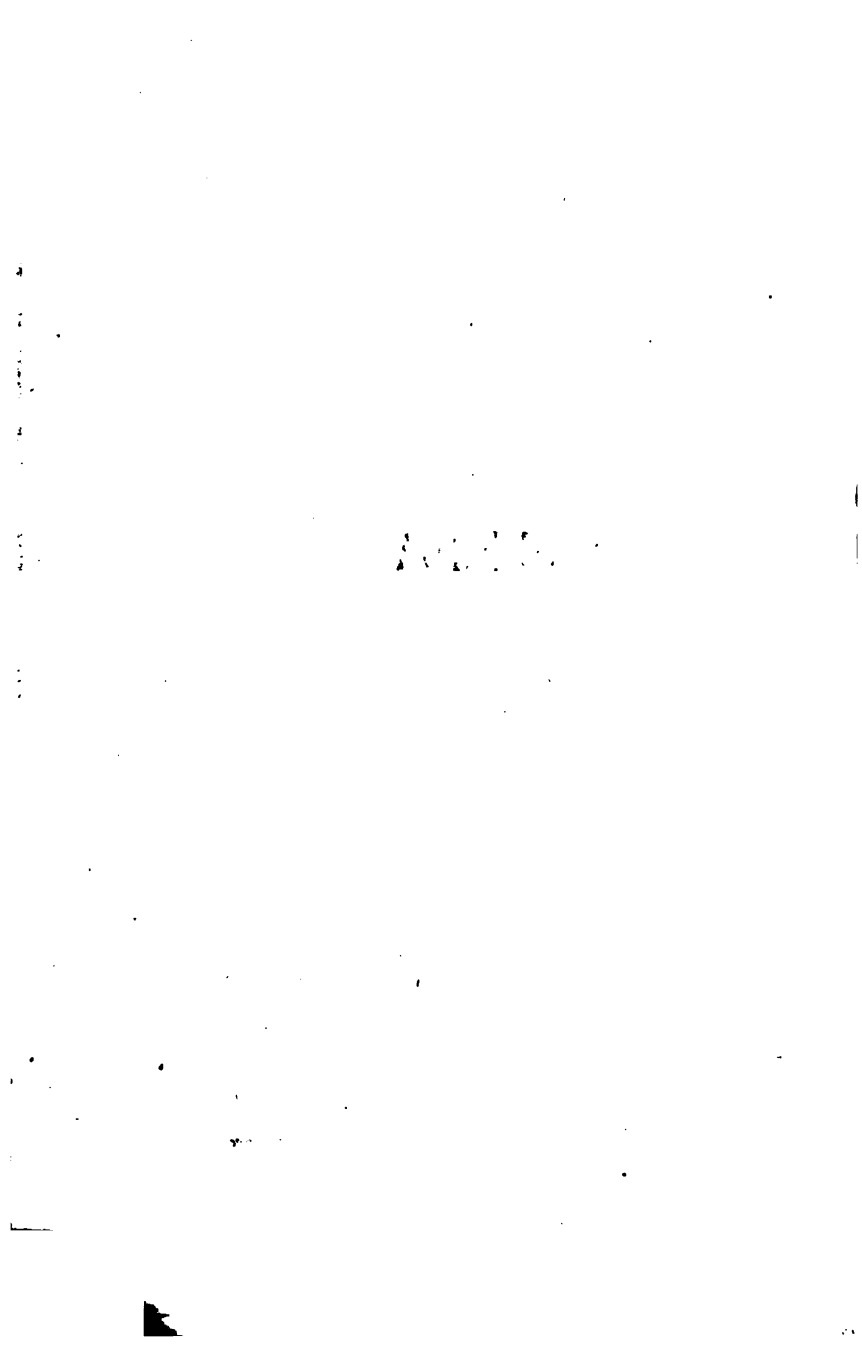
* *

E aquelle quadro immortal, desenhado por Adão e Eva no paraizo terreal, e retocado por todos os amantes até hoje, ficou-te para sempre na mente, e nunca mais te saiu da phantasia a imagem do mancebo, e embebeu-se-te no coração aquelle amor e ficaste aspirando aquella felicidade. Fragil mulher! Depois... A phantasia tornou-se realidade. A imagem volveu-se vulto. O quadro transformou-se em grupo, e as figuras animaram-se. O esvelto mancebo do romance foi:—*Elle*, e a donzella vieste a ser:—*Tu!* A felicidade d'elles foi a tua, e a tua felecidade foi a tua desgraça! O goso foi rapido. A alva pomba do teu amor bateu as azas. O grupo desfez-se um dia; desappareceu a felicidade, sumiu-se o amador esvelto e ardente, deixando só escriptas no seu rastro as memorias de um enganador vulgar; desapparecera tambem a donzella alegre e donosa; ficou em seu logar a mulher, pallida, triste desilludida; com lagrimas por sorrisos: tendo o estigma do abandono a substituir a corôa de virgem. Escreveu-se mais uma pagina negra na his-

toria do amor, e a sociedade contou mais uma victima do coração, que, quem sabe?... confundiu talvez na turba das mulheres despresiveis.

*

* *

Mas o poder de Deus é infinito. No teu lar, só povoado pelos echos da tua dôr, entrou um dia o anjo da resignação, disfarçado n'uma loura creancinha: era teu filho, espinho e rosa do teu amor; uma triste recordação e uma consolação balsamica. Beija essa risonha creança, pobre mãe; Deus abençoou-te por ella porque te viu disposta a resgatar o teu erro, depois de uma longa expiação de lagrimas e remorsos; o amor maternal fez de ti um vulto homerico. Esse anjo foi poderoso attrito na roda do teu infortunio, e quando a dôr intima te escruciar o coração e te innundar de lagrimas de sangue as palpebras, elle ha de dizer-te, collando seus innocentes labios á tua ardente face:—«Mãe, resigna-te; está aqui o teu anjo tutelar. Não é absolutamente desgraçada a mãe que póde oscular a face de seu filho.»

O SUICIDA

O SUICIDA

MEMORIA INTIMA

I

Foi o cirurgião que assistiu ao martyrio d'aquelle ente attribulado, quem colligiu das suas ultimas phrases, entrecortadas de gemidos e suspiros, essa narrativa que ahi coordeno e elaboro, em fórma de memoria, pondo-a em letra de imprensa, para que sobre ella meditem os animos covardes, que, descridos de si, de Deus, e dos homens, pensam em praticar a inqualificavel loucura de se darem a morte. Possa este quadro, talvez demasiadamente triste, mas tristemente verdadeiro, ter ao menos o salutar effeito de um grão de areia no alicerce do immenso dique que tem de se oppôr á devastadora torrente do suicidio, que é um dos mais deploraveis symptomas do rebaixamento moral, intellectual, e physico do homem, e um flagello social[1].

Era no quarto n.° *** do hospital de S. José para onde a caridade de alguns philantropos havia feito conduzir o malaventurado.

[1] Isto publicava-se em folhetins do *Diario de Noticias* n'um dos annos em que houvéra em Lisboa maior numero de mortes voluntarias.

O suicida estava deitado sobre um acanhado leito, em que se contorcia em horriveis agonias. Tinha as faces lividas e injectadas, os olhos cavados e baços, profundamente embebidos nas orbitas, e orlados de um disco escuro; respirava com difficuldade; crebas dôres lhe opprimiam o ventre; devorava-o queimadora sede; e consecutivos vomitos amargos, ardentes, sanguinolentos pareciam querer expellir o activo veneno que lhe ardia nas visceras mais importantes, e ia prestes consumir-lhe a existencia.

O doutor, por um d'esses actos de nobre devoção humanitaria que não são raros na classe medica, mau grado aos epigrammas de poetas de mau humor, assistia compadecido áquella medonha lucta, e convencido da inefficacia dos antidotos com que pretendera neutralisar a acção do acido arsenioso que o desgraçado libára em consideravel dóse, buscava com palavras de consolação religiosa abrandar as dôres de tão negra provação.

A familia, e a alguns conhecidos do doente que pretendiam vel-o, fôra-lhes aconselhado que o não fizessem para não tornarem mais cruenta aquella agonia, porque se crera e com razão que a quem mostra tanto desamor á vida é bem não lhe avivar as memorias d'ella na hora da partida para as regiões da morte.

Não sei, porém, que lei providencial ordena que perante a mente enfraquecida dos que teem enfermidade mortal lhe passem em continuado panorama, como que sendo instrumento de infernal supplicio, as imagens confusas de quanto na vida amaram, e as miragens da felicidade que n'algum instante

d'ella os illudiu. Castigo de Deus ou flagello do acaso, é quasi sempre punição justa de grandes culpas, saldo das contas da vida á hora da morte. O suicida, havendo tomado uma preparação ferruginosa que o doutor caridosamente lhe ministrára, assocegou um tanto, e monologou com voz bassa e cavernosa, mas ainda cheia de vigor, uma serie de considerações, e affirmações, que por vezes pareciam mais a repetição de um tractado, do que reflexões arrancadas á propria dôr. O doutor ficou tão impressionado que escreveu e concertou em linguagem sua a traducção do que o doente quizera significar:

II

«Padeço muito; são horriveis as dôres que sinto; conheço que a morte é medonha e atroz; esquecer-se a gente do seu nada; encher-se de orgulho; imaginar que devia gosar prazeres que não ha na terra, e blasphemar contra Deus porque lh'os não deu, é consummada loucura.

....

«Que me faltaria a mim na vida para ser feliz? Tinha a consciencia limpa de manchas infamantes; possuia uma esposa casta, amante e virtuosa e dois filhinhos que me acariciavám e que viam em mim o seu amparo, e o seu guia! E agora? Sou um covarde, um malvado, um atheu.

....

«Reneguei de Deus porque quiz extinguir em mim a vida que me fôra emprestada para gosar d'ella em proveito de meus similhantes, com resi-

gnação, com discernimento e com juizo; e eu malbaratei-a a crear impossiveis, pretendendo ser superior ao meu destino, e nutrindo aspirações a que a minha fraqueza não podia attingir.

. . . .

«Reneguei da honra! pois a honra me aconselhava a luctar com vigor contra isso a que eu chamei o meu infortunio, e a trabalhar sempre e incessantemente, diligenciando por todos os modos obter o parco sustento de meus filhos. E o meu fatal orgulho, esse algoz cruel das organisações fracas como a minha, disse-me quando a primeira, a segunda, a terceira tentativa de fortuna me falharam, que parasse porque eu nascera para mais altos destinos, e que a sociedade devia auxiliar-me na realisação dos meus sonhos. Abdiquei a minha iniciativa individual, cruzei os braços, appellei para a sociedade, e a sociedade riu-se com razão da minha audacia, e perguntou-me o que é que ella me devia para lhe eu fazer taes exigencias. E é certo. O que havia eu feito a favor da sociedade? Nada. Sonhar só illusões com o meu espirito.

. . . .

«Um dia deixei de trabalhar. Senti-me melancolico, e embebi-me n'essa melancolia. Estava dado o primeiro passo para a minha desgraça. O espirito começou a enfermar, e o corpo a languescer. A ociosidade inspirou-me os expedientes viciosos, e esses em sua torrente desordenada, conduziram-me de crime em crime, até me precipitarem no mais horrivel de todos — o suicidio!

. . . .

«Suicida! Homicida de si proprio! Oh! o sui-

cida é o maior dos scelerados. Aquelle que destroe a propria vida, com mais facilidade, e menos escrupulo destruiria a alheia!

. . . .

«Ai! agora são justas todas estas afflicções que padeço. É Deus que me castiga.

III

. . . .

«Eu era artista. Em vez de applicar todas as potencias da minha vontade ao aperfeiçoamento do trabalho para fazer a gloria da minha arte, o orgulho de meus mestres, e ser um filho util da minha patria, e um ornamento da minha familia; em vez de trabalhar e estudar infatigavelmente como é dever de todo o homem de bem, distraia a intelligencia, e o braço em prazeres futeis, e embrutecedores, lidar esteril, cogitar inutil. Fui um artista inhabil, e pouco brioso. Não inventei nada. Não fiz nada perfeito. Produzi pouco e mau. Em logar de me fazer sempre desejado, tornei-me aborrecido. Se havia de buscar ser necessario, fiz-me pesado e dispensavel. Veiu um dia a escassez de trabalho, e eu fui o primeiro a ser privado d'elle, ao passo que outros menos intelligentes, mas mais laboriosos e diligentes, eram sempre contemplados. E eu tinha força e saude, e razão esclarecida, mas se havia de procurar que fazer n'outro mister, ia por toda a parte a vociferar contra a sorte. De artista quiz tornar-me empregado do estado. Deixei de acreditar no esforço do meu

braço para crer no auxilio dos magros testões dos cofres publicos. Quiz sacrificar a minha independencia, á escravidão das secretarias. E esta vã aspiração fez de mim um ocioso. Rojei-me aos pés dos poderosos, eu o operario independente, pratiquei actos do maior servilismo, eu o filho do trabalho; e andei de esperança em esperança, de promessa em promessa, até que desesperei e descri. Já havia abundancia de trabalho e eu desprezei-o, tornando-me por isso desprezivel aos olhos dos meus antigos companheiros de arte. Cheguei á degradação de ir pedir-lhes a elles emprestado o fructo das suas economias, eu cheio de saude e vigor, feito ocioso de profissão! Procurei ainda alternadamente empregar-me, mas em occupações de pouca lida, porque perdera o amor do trabalho, e, accusava a sociedade de um mal de que eu sómente era auctor.

«Minha pobre mulher lidava dia e noite para se alimentar a si e aos filhos, e eu, inervado na ociosidade, percorria a escalla das arrojadas esperanças de um futuro para que eu nada concorria, de uma fortuna que eu me persuadia havia de cair-me das mãos do acaso. Vêde a degradação do espirito humano. «Não ha trabalho!» dizia eu a todos que interrogavam a causa da minha decadencia. E esta phrase saia-me com difficuldade dos labios, porque eu bem sabia que mentia á minha consciencia. O que me faltava era o amor a elle. Escasseiou jámais o trabalho a muitos d'esses laboriosos filhos da provincia da Galliza, a esses parias da peninsula, que abandonam o paiz natal e o lar paterno, e veem sós, desprotegidos, sem conhecimentos al-

guns e apenas confiados na lei providencial que rege a humanidade, postar-se á esquina de uma rua á espera de que os chamem para lhes dar a ganhar o pão quotidiano? E não vivem todos, e não teem muitos enriquecido e chegado a ser negociantes considerados e poderosos? Será deshonra esse trabalho? Não! Deshonra é a ociosidade! Pois desde essa ultima expressão da industria, desde esse facil meio de vida até ao mais elevado grau da escala da actividade humana, ha infinitos refugios para o homem laborioso. O falso e condemnavel orgulho dos que se envergonham de recorrer a esses meios é que os perde, e é com esse orgulho, a que erradamente chamam pundonor, que pretendem desculpar-se, e se a sociedade lhes não acceita a desculpa, accusam-na de desalmada. Desalmados são elles, que se não prestam a lavores que não aviltam ninguem, e antes appellam para emprestimos que nunca pódem satisfazer e que por isso são uma approximação do roubo industrioso, ou para a esmola, tendo saude e vigor, o que é um roubo feito ao trabalho do seu similhante, uma villania, uma infamia. Só fica mal ao homem o que é torpe e vil. Eis aqui a minha propria sentença. Seja ella o meu eterno monumento de ignominia.»

. . . .

IV

Esta dolorosa confissão em que o desgraçado parecia expandir toda a eloquencia que a naturesa

inspira ás grandes dôres fôra succedida por uma penosa syncope. O doutor tomára o pulso do suicida e achara-o quasi insensivel. A pelle estava fria, começava a cobrir-se de echymoses, e de um suor viscoso. Depois de alguns minutos veiu uma grande agitação. O doente tossiu expellindo algumas mucosidades sanguinolentas, e readquirindo a consciencia do seu estado proseguiu pouco mais ou menos assim: — «Ai! negra herança deixo a meus filhos. Funesta lição lhes dei. O que hão de fazer os filhos de um suicida, impressionados pelo triste exemplo de seu pae? Imital-o. Deixar de trabalhar; sonhar loucuras; queixar-se da sociedade, e por fim praticar o ignobil attentado! Oh! sou um filicida, um assassino. A minha responsabilidade é tremenda.

....

«Ai, mas eu não pude resistir á infernal tentação de destruir-me. Desde que me entrou n'alma esta funesta idéa jámais a pude banir. Só via na sepultura o alvo das minhas aspirações. O nada era o fito de minhas esperanças. Vergonha immensa! despresar o homem o inexgotavel thesouro de maravilhas de que o Creador ornou para elle o theatro da existencia para ir esconder-se nas cavernas soturnas da morte, morar entre pó e vermes!

....

«Esta porção de luz que ainda me allumia os derradeiros momentos de martyrio tambem irá apagar-se sob a terra do sepulchro? Não, que a alma é immortal, inextinguivel e essa ha de soffrer o eterno remorso da minha deshonra. Se os males do corpo findam na terra da morte, os da alma vão

com ella por esse interminavel peregrinar dos seculos que se chama eternidade.

....

«Ai! triste de mim, que este arrependimento, este horror de mim mesmo, só vem aggravar mais o duro supplicio que eu proprio para mim criei. Á sentença que o mundo ha de preferir sobre a sepultura do suicida com um sorriso de escarneo e de desprezo pelo soldado covarde, que desertou do campo antes de finda a lucta, que não teve coragem para arrancar os laureis das mãos do inimigo, que capitulou vergonhosamente com o destino, que succumbiu ingloriosamente n'uma ligeira refrega; a essa juntar-se-ha a maldição da familia a quem eu atraiçoei, da innocente familia que confiára no apoio do meu braço; da esposa que ligára o seu ao meu destino por me crer um homem digno d'ella, capaz de a manter e amparar; dos filhos a quem eu dei o ser para os fazer desgraçados, para os deixar orphãos e famintos. E a esta dupla maldição virá accrescentar-se a ira de Deus contra aquelle que descreu da sua omnipotencia e que foi mais miseravel e mais fraco que o mais infimo insecto!»

....

E aqui o doente parecia delirar. O doutor traduziu assim as suas idéas mais lucidas:

«Ha de a industriosa formiga, ir buscar com lida insana o seu alimento, e o de seus filhos, ella, a desamparada de todo o auxilio, despresada, arrastando-se pela terra, sugeita á voracidade de todos os animaes que lhe são superiores, e não ha de o homem poderoso, forte, altivo, intelligente,

conseguil-o fazer, e ha de retirar-se da scena da vida, dizendo: Não sei, não posso ganhar o meu pão! Ó aviltamento. Ó covardia!..............

....

«E chamava eu soffrer ao não poder ser satisfeito um capricho da minha phantasia! E não me lembrava que a ambição do homem é interminavel, e que se chegára a ver realisado o primeiro capricho iria logo apoz outro até tocar o enojo! Soffrer foi o de Christo nas ruas de Jerusalem e no Calvario, aviltado, insultado, roto, sedento, martyrisado, crivado de dôres e chagas, escarnecido como homem e como Deus. E não puz eu os olhos n'aquelle martyrio sublime.

Dizendo isto fictava o olhar esgaseado em um crucifixo que estava sobre uma mesa.

«Soffrer é a esta hora o de minha triste familia a quem eu rasguei barbaramente o seio com os punhaes da minha infamia; soffrer é isto, doutor; estas visceras que se me despedaçam; esta garganta que se me rasga; este ventre que está a arder; esta cabeça que me estalla; o remorso do meu negro crime; a saudade irremediavel da vida que vou deixar!»

....

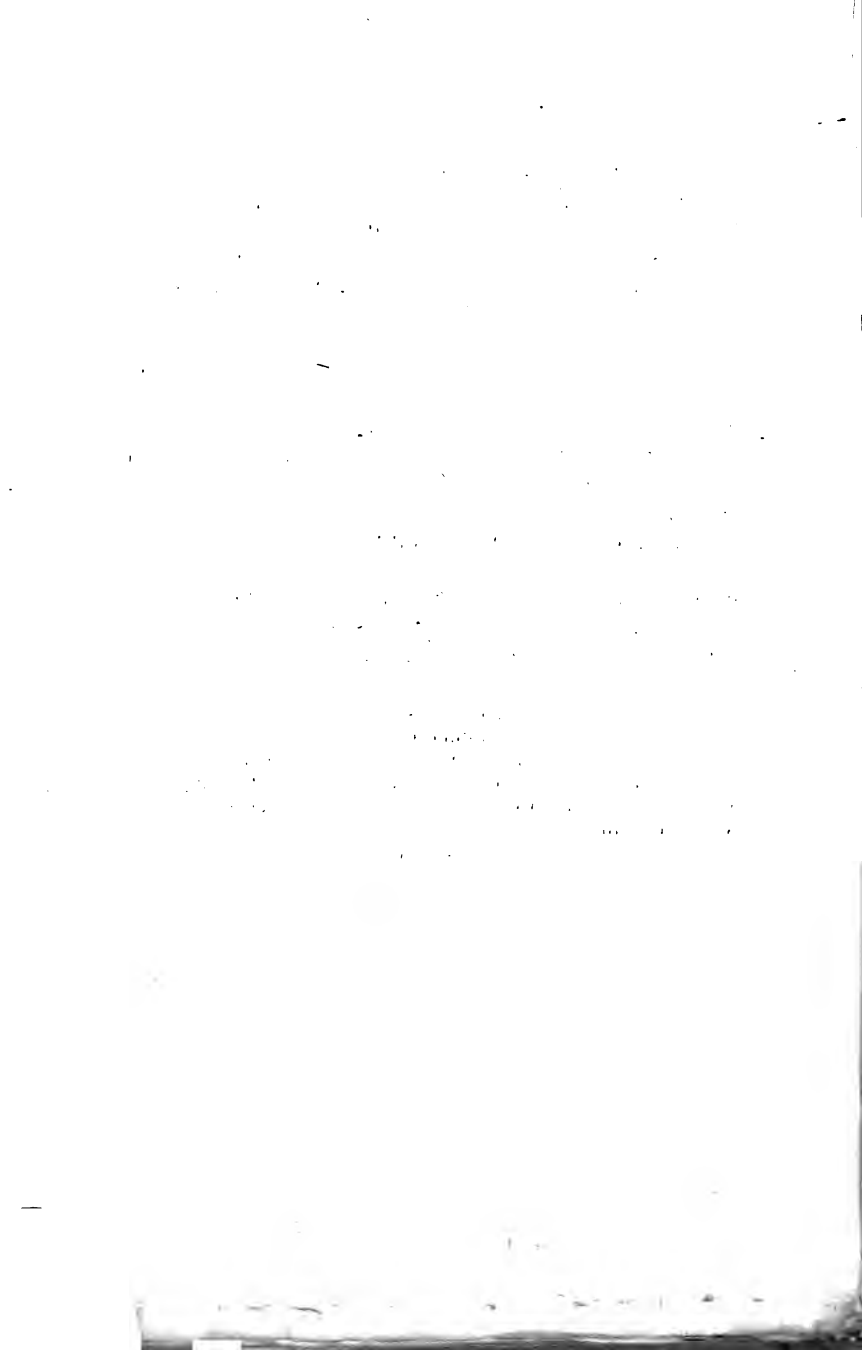
V

E o misero foi tomado de agudissima colica e expelliu n'um vomito horrivel que lhe contraiu por modo estranho as feições, sangue negro, e mocosidades fetidas. Depois apertou convulsivamente a

mão ao doutor, que não obstante a sua coragem estava atemorisado com esta scena medonha, que não é rara em suicidios [1]; e balbuciou:

— «Isto está por pouco. É horrenda a morte!... O suicidio é uma grande infamia... a morte assim é infernal... Meu Deus perdoae-me!... Minha santa mulher... filhos... a fome... Jesus!»

E o desgraçado accusando excruciante dôr na cabeça apertou-a nervosamente com as mãos, ergueu convulsivamente meio corpo sobre o leito, e como que fulminado por uma derradeira syncope, caiu para nunca mais, inteiramente decomposto e desfigurado, offerecendo o aspecto geral de um cholerico! O doutor assegurou-me que durante a sua clinica de vinte annos consecutivos nunca presenceára uma agonia tão medonha, morte tão feia e repellente. Era uma das mais significativas manifestações do horror do suicidio.

[1] Alguns distinctos facultativos me teem referido mais de uma scena de arrependimento dos ultimos momentos de alguns suicidas, e mais de um facto demonstra que as lesões produzidas por certas tentativas frustradas tem sido cura radical para os que foram assaltados d'essa terrivel monomania.

A VIRTUDE E O VICIO

A VIRTUDE E O VICIO

(CONTO POPULAR)

I

Já alguem a viu sentada á sua janella, n'aquella escura rua d'onde foge a luz do sol, mas que ella alegra com a sua formosura? A rua é estreita e pouco limpa; a casa é velha e feia; porém ella, como o lirio que medra á borda do paul, faz esquecer toda essa pobreza do sitio e da morada, povoando-os com os encantos do seu ser. Linda como a aurora de um dia de abril, ergue-se sempre ao raiar da alva para limpar o vestuario modesto que a involve, e não furtar um só instante ás horas do trabalho.

Fadigosa, engommando as suas poucas saias, correndo os seus lenços de algodão, ponteando os seus tres pares de meias, tão alvas de bem lavadas, como a tez mimosa de seu seio, solta em popular endecha a voz maviosa, requebrando-se tão canora como a philomela que em estiva noite ensina ao bosque seus cantos de amor. Depois prepara-se singelamente, sem se encher de vãos arrebiques, pois lhe ensinara sua adoptiva mãe, que a educou até aos quatorze annos, mas que um dia o Senhor levou para melhor logar, que a vaidade

desfeia a formosura, e o luxo assombreia a pureza. Um simples vestidinho de chita clara, liso nas mangas, no corpo e na saia, a faz parecer uma princeza de bem que lhe assenta sobre as formas donairosas. Em volta do collo põe um cabeção de renda, obra de suas mãos, que junto áquella cutis assetinada, é semelhante ás nuvensinhas que bordam ás vezes as coloridas orlas da luz crepuscular. Os cabellos, escuros e luzidios como o azeviche, levemente encrespados, foram apenas alisados pelo pente, e como não tem longas as tranças caem-lhe com tal graça sobre os hombros, que lembram ao vêl-as as madeixas de Magdalena ao enxugar o pranto derramado ás plantas do Salvador. Os pés, que pela pequenez e elegancia não desconsolariam uma dama chineza, são calçados de lindas botinhas de finissimo duraque roxo, as quaes, por não condizerem com a simplicidade dos demais trajes, parece denunciarem que a innocente rapariga põe todos os seus cuidados n'aquella parte do corpo, mas é muito calumniosa a garridice das taes botinhas! Mariquinhas é uma d'estas gentis creaturas que a sorte esqueceu a um recanto da scena social, mas a quem o influxo omnipotente do ceo, por compensação, encheu de belleza na alma e no corpo dando-lhe tudo que ha de mais casto e angelico, de mais lindo e innocente.

Ainda por aquella mente, que só conhece um evangelho — o labor honesto, e uma aspiração — o pão honroso, não esvoaçou um unico pensamento maligno, d'esses que ás vezes preoccupam tanto as meninas da sua edade. Se usa botinhas tão finas e tão primorosamente acabadas, não é para

excitar a vista maliciosa dos indiscretos que mirarem o lindo pedestal d'essa viva estatua da candura; é, digamol-o sem rebuço, por orgulho artistico. Mariquinhas é ajuntadeira de calçado de senhora, e n'este caso, querer mostrar nos breves pés o primor das delicadas mãos è um justo e santo orgulho. Está provado que umas botinhas lindas podem ser o objecto de um sentimento nobre.

Trabalha desde a hora a que sabemos se levanta até á hora de recolher; isto é, surge ao piar das andorinhas, e esconde-se ao guinchar das corujas. Assim nunca lhe falta o tempo nem a obra, mas tambem que perfeição com que ella a desempenha! Que certeza de ponto, que asseio, e que brevidade de execução!

Dir-se-hia que a agulha enamorada d'aquelles diaphanos dedos se compraz em esvoaçar sobre o duraque, que parece assetinar-se nas suas mãos.

Mas viu alguem ainda uma flôr mimosa e succulenta, cheia de seiva e doçura, que não lhe adejassem em torno as perigosas abelhas buscando haurir-lhe os meles do calice?

Mariquinhas, que vive isolada n'esta morada, depois que o anjo da morte, sem respeito áquelle anjo vivificador, estendeu as mortiferas azas sobre o ente que lhe servira de mãe desde o florir da infancia até aos humbraes da adolescencia, a que assoma agora, tem dois seres que n'ella fixam olhos desejosos.

—Faz-me vontade de rir, Mariquinhas, o medo que vocemecê lhe tem, o respeito que por elle sente, e o valor que dá aos favores que elle lhe faz!

Isto lhe dizia uma tarde á janellinha, na hora do pôr do sol, um dos dois individuos a quem ella dava breve audiencia em differentes horas do dia, sem por isso interromper a sua lida.

Era um moço de vinte e dois annos, cujas feições tendo recebido nativamente o sopro da belleza, deixavam entrever ao physionomo sagaz, atravez do sorriso estudado e da forçada alegria, algumas sombras com que o bafo social veiu impurifical-as.

—Não diga isso, sr. Francisco, respondeu Mariquinhas com a sua voz suave e meliflua; respeito e dou valor ao sr. Thomaz, porque tem sido para mim o pae que eu não conheci; e devo-lhe tanta gratidão, que nem que eu tivesse um coração de vibora era capaz de o esquecer. Olhe, minha mãe, chamo-lhe assim porque não conheci outra, e Deus tenha a sua alma em bom logar, foi buscar-me de mezes á santa casa. Trouxe-me para aqui, e quando eu tinha um anno, precisou ella uma noite ir á tenda e deixou-me só n'uma cadeira aqui a esta janella; vae eu, que sempre fui desinquieta, mexi-me e cai á rua; estava tudo por ahi fechado; chovia, se Deus a dava, e eu fiquei feita n'uma trouxa, ao pé do cano que ahi estava aberto; n'este comenos passa um homem, e vendo ali um vulto, cuidou que era um cão, e dá-lhe um pontapé; mas ao ver que era eu, agarrou-me e levou-me para sua casa, com tenção de me entregar ao regedor. Minha mãe voltou a casa, coitada! e não me achando andou a finar-se de pena ahi por toda a vizinhança, e só no outro dia pela manhã é que me foi encontrar em casa do tal sujeito que ella não conhecia, e toda vestidinha de lavado, e tão bonita, que nem

no dia do meu baptisado. Sabe quem era aquelle homem caridoso? era o sr. Thomaz. De então para cá andava sempre a trazer-me brinquedos e prezentes; e depois que minha mãe morreu, elle é que tem sido para mim um protector, que me vale nas affiições, que me paga a casa, e me arranja trabalho; e é tão bom que não faz uma idéa; é um santo homem e estima-me como se eu fosse sua filha. E não lhe heide ter respeito e amizade?

—Ora, Mariquinhas, o que esse homem lhe faz outro qualquer o fazia, porque é dever accudirmos uns aos outros. Mas diga-me só sente por elle respeito e amizade?

—E que mais se póde dar a uma pessoa que devéras se estima?

—Nunca ouviu fallar em amor, Maria?

—Amor... amizade... pois não são a mesma coisa? perguntou ingenuamente Mariquinhas, baixando os seus vivos olhos negros.

Francisco que possuia toda a tactica amorosa, calculara desde o começo do dialogo, que a conversação havia de chegar a este ponto de que precisava tirar o possivel partido, pois já sabia que a sua esvelta figura e estudados galanteios tinham adquirido no coração da joven poderoso ascendente, que o havia de fazer triumphar do seu antagonista; porque, será bom que o leitor o vá sabendo, o bom do burguez a quem pozemos o nome de Thomaz, viu crescer Mariquinhas em lindeza e virtudes, e, á parte a dedicação e estima desinteressada de que lhe dera tantas provas, começou a sentir lá n'um cantinho do coração certos formigueiros de amor, que augmentavam de dia para dia. Francisco res-

pondeu á interrogativa de Maria por esta fórma:

—Amor e amizade são coisas distinctas, Mariquinhas. O amor é para os moços; a amizade para os velhos. Esse homem tem mais vinte annos que a menina; é feio e frio como um dia de inverno; os cabellos brancos principiam já a recommendal-o para avô; além d'isso é rude e bronco; a menina é delicada como uma rosa, e as flores em mãos grosseiras esmorecem e desfolham-se por fim. Eu tenho só mais oito annos que a menina; não sei se me acha feio como a elle, mas sou mais moço e tive outra educacão; e apezar da sorte me não dar como a elle um officio rendoso, tenho a viver mais larga vida.

N'isto Francisco apertava a mão de Maria onde imprimiu um sofrego beijo. Ella corou e retirou a mão, deixando-se dominar por uma ineffavel convulsão.

—Se a menina precisasse mudar de vida, ter um homem que lhe servisse de companhia para não viver aqui sósinha n'esta feia rua, e lhe dessem a escolher entre mim e... elle, qual dos dois preferia?

—Não me falle n'essas coisas, sr. Francisco. Pode vir o sr. Thomaz, e eu devo-lhe tanto...

—Responda, Mariquinhas, qual dos dois escolheria?

—Deixe-me; sou muito nova para scismar n'essas coisas. E depois vivo aqui tão bem n'esta casinha, guardada pela imagem da Senhora das Dores que ali tenho no oratorio, e pelos bentinhos que minha mãe me deu á hora da morte, que não penso senão no trabalho. E sinto-me tão feliz por ganhar

para comer e vestir! O sr. Thomaz é tão meu amigo...

—O trabalho pode faltar-lhe de um dia para o outro. Está uma mulher feita, precisa ter um modo de vida mais seguro, e alguem que tenha obrigação de olhar por si, para não ficar desamparada quando for mais velha. Se lhe offerecessem uma companhia certa, que a estimasse como eu a estimo, como se estima Deus... e lhe pozessem diante a mim e a esse homem boçal e exquisito que não a comprehende, a qual dos dois escolhia?

—Jesus! Vá-se, sr. Francisco; Thomaz não tarda; são horas d'elle ter acabado o trabalho.

—Responda-me primeiro. Amo-a tanto, que se me não responde, mato-me.

A figura rachitica e desairosa de Thomaz divisava-se n'este momento na embocadura da rua. Francisco viu-o e estremeceu, não por medo, mas por esse sentimento de odio que faz eriçar a juba ao leão quando vê de perto, em occasião inopportuna, o inimigo que precisa derribar.

—Chega Thomaz, proseguiu elle; não me retiro sem me responder; olhe bem para nós ambos... e diga-me qual dos dois preferia... Parece-me que se n'esta occasião me dissesse que era elle o preferido... era capaz de o matar!

Maria, tremula e assustada, com as lagrimas quasi a saltarem-lhe de entre as palpebras, balbuciou:

—Sr. Francisco, Thomaz é... meu pae, meu protector...

—E eu...

—Deixe-me... o sr. é... ámanhã lh'o digo... vá-se...

Afflicta Mariquinhas afastou o mancebo com a linda mão, que elle beijou ardentemente, separando-se d'ella, não sem medir com a vista a figura de Thomaz, que ainda pôde vel-o afastar-se da janella da sua tutelada.

II

É no seio do povo que refervem mais puras as crenças, e perseveram mais os instinctos bons que Deus põe no coração do homem ao formal-o, os quaes a sociedade corrompe quasi sempre; é ahi que se encontra limpa de vangloria a caridade, modesta a virtude, candido o amor, austera a honra; mas não é raro ver tambem ahi chegar o incendio da maldade a tentar consumir esses dotes, que são os brazões do proletario, involvendo em a sua labareda funesta uma ou outra victima. Mas a essas marca-as o seu proprio destino com um terrivel ferrete, que é o desamor ao trabalho, a affeição á ociosidade. E aquelle dos filhos do povo que traz na fronte esse indelevel stygma é proscripto entre os demais, que d'elle se afastam como de um fóco da mais contagiosa lepra.

Francisco é um d'estes seres. Moço muito cortez e engraçado, é filho d'um marceneiro estabelecido. Orphão de pae aos dez annos, sua mãe, que era d'essas boas mulheres, a quem o excessivo amor materno faz cumplice das desgraças dos filhos, trouxe-o no collegio até aos dezeseis annos, mas quando entendeu que, em vez de fazer d'elle um doutor, tinha que o tornar um marceneiro, obrigou-o a applicar-se ao officio. Elle porém tinha a bossa da ocio-

sidade mais desinvolvida, e gostava mais de passear, de andar mettido pelos bilhares, casas de jogo e outros logares, que deviam ser-lhe defesos em tão verdes annos, embrenhando-se em todas as distracções do ocio. De sorte que era já um bom passeante, um soffrivel jogador, mas um pessimo marceneiro. Morreu sua mãe; era herdeiro unico, apossou-se do estabelecimento, reduziu a dinheiro os moveis, e as ferramentas, e seguiu os impulsos da sua vocação. As alternativas do jogo faziam-no principe uma semana, na outra moço de recados. D'aqui seguiram-se os vicios para disfarçar as paixões. Contrahia uma divida com a facilidade de um morgado perdulario. Enganava uma donzella como quem colhe uma rosa para desfolhar. E este homem namorava Mariquinhas, o typo da candidez e da innocencia.

Thomaz que já o vira duas ou tres vezes passar defronte da porta da ajuntadeira, mas sem ter a mais leve suspeita, ficou como que assombrado quando observou o final da scena antecedente. Por isso chegou ao pé da janella da sua protegida com ar triste, chapeo inclinado para traz como para deixar sair o suor que lhe coava da testa, e cabellos eriçados.

—Boas noites sr. Thomaz, disse Mariquinhas ao vêl-o. Quer descançar um bocadinho?

—Obrigado.

Todas as noites Maria fazia este comprimento e offerta, e todas as noites ouvia a mesma resposta; mas agora Thomaz accrescentou:

—Se até aqui não entrei em sua casa, d'aqui por diante muito menos.

A pobre rapariga assustou-se.

—Porque diz isso, sr. Thomaz?

—Não sei; respondeu o artista reprimindo um suspiro.

A ajuntadeira comprehendeu o porque d'este não sei, e envinagraram-se-lhe os olhos.

—Menina Maria, disse Thomaz, com o seu costumado ar de conselheiro da joven; vi-a, creancinha quasi morta, e salvei-a; cresceu de repente, fez-se bonita e virtuosa, e senti pela menina o amor... de pae; morreu sua mãe, e eu cumpri o meu dever, pondo-me de guardião á sua vida, e á sua honra... e bem sabe quanto a estimo, e quanto... Não lhe digo mais nada...

N'isto o pobre homem limpava com a manga da jaqueta duas lagrimas, que a seu pezar lhe corriam por entre os laivos de poeira, empastada pelo suor do trabalho que lhe cobria a grosseira tez.

—Então, sr. Thomaz, sei tudo isso!

—Sabe que não sou um valdevinos, sem eira nem beira; que não sou um jogador, um passeante, um bonifrate; que tenho uma loja de serralheria afreguezada e bem provida, que ainda vale para cima de oitocentos mil réis...

—Sei tudo isso, sr. Thomaz...

—E repare que a menina está já uma mulher feita, e que aquella loja toda... Não sei se me entende...

—Nem por isso entendo lá muito bem, sr. Thomaz.

Por certo, a ajuntadeira não entendia claramente o que pretendia dizer o serralheiro. Se fosse Francisco que lhe dissesse aquellas palavras comprehendi-as logo. Mas ella não amava Thomaz.

—Pois bem, proseguiu elle; eu lh'as explicarei. São horas de me ir embora, que hade a vizinhança cuidar que é outra coisa. Não se fie em palavras de homens, contra mim fallo; e acautele-se de quem a quer enganar. Feche a janella, e deite-se.

O artista retirou-se vagaroso, sacrificando ás conveniencias os desejos que sentia d'alli ficar mais tempo. Maria, confusa por todas as palavras de Thomaz, obedeceu á sua ordem. Fechou a janella, tomou uma chavena de chá sem assucar, orou á Virgem, beijou os bentinhos de sua adoptiva mãe, e deitou-se. Mas toda a santa noite levou a sonhar coisas bem extraordinarias.

Os projectos que havia muito andava ruminando o bom de Thomaz, faziam a alegria de seus dias, a gloria da sua existencia, a esperança do seu futuro. E é coisa para admirar, que só no dia que observou outro a querer tirar-lhe o quinhão de felicidade a que julgava ter jus sobre a terra, é que o honrado serralheiro, movido pelo ciume, se resolveu a dizer algumas palavras a Maria ácerca d'esses projectos; tanto a sua phantasia exaltada por aquelle fogo que lhe vinha da alma, e a confiança que punha na ingenuidade da ajuntadeira lhe faziam esperar d'ella! A pobresinha da moça, coitada, era boa devéras; reconhecia a dedicação que Thomaz lhe votava; tinha-lhe respeito, amizade, affeição, que nem que elle fosse seu pae verdadeiro; mas não passava d'ahi, por que a fallar a verdade, Thomaz não era agora homem que inspirasse amor. Bom e honrado era elle, como os que o são; mas estava já maduro, era um tanto boçal, e não possuia aquelles dotes physicos e in-

tellectuaes que podem prender o amor de uma donzella. Emquanto que Francisco nada tinha de feio, era moço, vestia como um taful, e sempre era homem de outras maneiras.

Ora se o serralheiro houvesse de antemão dado a entender a Maria as suas idéas, os desejos d'elle converter-se-hiam em lei para ella, e veriamos que a ajuntadeira nunca mais olhava para outro homem, porque ainda que não amasse seu marido havia de estimal-o por gratidão, e seria até uma boa esposa. Mas o mau foi as coisas chegarem á questão de preferencia; e ainda assim Thomaz não explicar bem as suas tenções.

III

Na tarde seguinte ao quasi encontro com o serralheiro, Francisco veiu mais cedo fallar a Mariquinhas. Achou-a pallida, com os olhos pisados, e rosto entristecido. Pudera não! Se ella passara a noite em sobresaltos, em pesadelos, em sonhos attribulados. As palavras confusas de Thomaz haviam-lhe feito impressão no espirito. Já quasi tinha medo de Francisco, mas sentia-se cada vez mais dominada pelo seu olhar, pelas suas palavras.

Era a imagem, mil vezes repetida, mas sempre verdadeira, da borboleta a acercar-se da chamma que ameaça devoral-a. N'esta tarde taes coisas Francisco lhe disse, taes maravilhas lhe desenhou, que Maria, instada para resolver a questão pendente da vespera, disse-lhe com as lagrimas nos olhos e o coração a partir-se-lhe, que o escolhido era elle.

Não foi preciso mais. Choveram projectos sobre projectos, promessas sobre promessas, e sonhos e esperanças vãs e phantasias doiradas.

Na mente da ajuntadeira Thomaz ficou sendo pae, e Francisco namorado. Aquelle inspirava-lhe respeito e medo, este amor e confiança.

Passaram-se alguns dias. Maria dissimulara de tal forma, por conselhos de Francisco, na presença de Thomaz, que o honrado artista até chegou a persuadir-se de que a existencia do seu rival era um engano. Por isso continuou a empenhar os seus desvelos com a sua tutelada, e proseguiu nos preparos para pôr casa; tanto elle contava com o coração de Maria. Uma noite, exaltado pelo amor e não podendo reconciliar-se com o somno, saiu de casa, e distrahido foi-se encaminhando quasi insensivelmente para a rua escura e estreita onde habitava a mais querida porção da sua vida. Ao avistar a porta parou, estremeceu, e se um sentimento superior lhe não desse valor, caia de certo no meio da calçada; tão violenta era a commoção que o assaltara.

A porta de Maria abrira-se, dando entrada a um homem, e tornara a fechar-se. Thomaz levava na algibeira uma grande chave, empunhou-a como se fôra outra arma, e approximou-se da porta.

—Bem sabes, Francisco, só o amor que te voto me levaria a dar este passo.

—Não t'o exigia se não fosse aquelle homem; mas assim é preciso para a nossa felicidade. Em poucos dias seremos marido e mulher.

D'alli a alguns minutos um homem musculoso como Hercules, e esforçado como Sansão, arrom-

bava com seus hombros aquella porta, e collocava-se, como o anjo da guarda, entre a virgem e o tentador, separando-os com a espada de fogo dos seus olhos. Era Thomaz. O jogador abriu subito a sua navalha, e correu para elle. Maria, soltando um grito, caiu no pavimento desmaiada. O serralheiro deu tão forte pancada com a chave no braço que sustinha a navalha, que esta caiu a distancia, ficando com o cabo entalado n'uma fenda da couceira da porta, e com a folha erguida para o ar.

A lucta continuou a braços, e tão violenta foi que os dois rivaes cairam debatendo-se proximo á porta.

Francisco deu um grito angustiado. O chão encheu-se de sangue. Acudiram patrulhas e gente da vizinhança. Francisco foi d'alli levado n'uma maca, e Thomaz entre quatro baionetas.

Maria estava virgem e salva.

Quando a donzella recuperou os sentidos achou ao pé de si duas d'essas visinhas abelhudas que acodem aos afflictos, não tanto por compaixão, como por curiosidade de sondar as causas da dôr alheia; e o regedor inquirindo as circumstancias do facto. Maria só se lembrava de ter visto uma navalha aberta, e dois homens que estimava por differentes motivos a debaterem-se em lucta encarniçada. Quando lhe contaram o desfecho da pendencia, a ajuntadeira hesitou, mas por fim acreditou, como todos, que Thomaz intentara matar Francisco, e — o que é o coração humano! — chorou e soluçou mais por saber estar ferido o namorado do que por ter preso o que lhe servia de pae. E o caso não foi como todos, á excepção da leitora e nós que o

vimos de perto, o acreditaram. O jogador pretendera ferir o serralheiro, e este em defesa sua e da sua tutelada evitou o golpe. A navalha caiu, mas de maneira tal que feriu depois, quando os dois rivaes se travaram a braços, aquelle que d'ella se servira como de um instrumento de morte. E n'isto se reconhece mais uma vez que ha acasos inspirados pela Providencia: ante a justiça de cima não podia ser punido o operario honrado que velava a pureza da donzella. Vejamos o que fez a justiça mundana.

IV

D'alli a um mez julgava-se no tribunal da Boa Hora uma causa crime, em que era réo Thomaz da Natividade, serralheiro estabelecido n'uma das ruas do bairro de Alfama. O offendido, que já saira quasi bom do hospital, era parte na accusação. Não faltaram testemunhas putativas que depozessem contra o bom do operario. Bastava elle ser laborioso e honrado para ter inimigos. O jury, onde havia dois serralheiros, deu por provado o crime de ferimento com as circumstancias aggravantes de ser premeditado e praticado de noite.

Maria agora sabendo Francisco restabelecido e livre, e Thomaz preso e abatido, abafou por algum tempo a voz do amor, e deixou fallar a gratidão. Compadeceu-se de Thomaz e chorou a desgraça do seu anjo bom.

O anjo mau não tardou a apparecer-lhe, reiterando os seus protestos e promessas e tentando a pobre virgem.

As provações lançam a duvida no peito mais crente. A ajuntadeira sentiu, é certo, incendiar-se-lhe de novo o coração na presença do jogador, mas não se deixou allucinar. Para sacrificio era de sobra a vergonha que a boa da moça soffrera n'aquella terrivel noite. D'esta vez não lhe abriu a porta; fallou-lhe da janella.

— Francisco, lhe disse ella, acredito todos os teus protestos; mas d'esta casa não sairei senão para a egreja. Amo-te devéras, mas para ser tua mulher. Não te peço sacrificios, peço o nome de marido ao homem a quem mais estimo n'este mundo. O jogador não esperava esta mudança. Ia-se-lhe difficultando a consummação dos seus projectos; todavia elle não era homem que se curvasse diante de embaraços. Para estudar melhor os meios de conseguir o seu fim, retirou-se aborrecido e enfadado de ao pé da ajuntadeira, dizendo-lhe:

— Adeus, Maria. Lembra-te de que por tua causa ia morrendo ás mãos d'aquelle malvado, e que tu, ingrata como todas as mulheres, não confias em mim, nem me fazes a vontade. Paciencia. Veremos se depois da casa posta e tudo arranjado me julgas mais verdadeiro.

Dias depois, á mesma hora, dizia Francisco a Maria:

— Está posta a casa para onde havemos de ir morar. É preciso que a examines, a ver se está ao teu gosto, porque tu é que a has de governar. Queres vêl-a ámanhã de tarde?

— Pois sim, respondeu a engeitada cheia de amor e confiança.

—Então cá venho buscar-te.
—Mas heide ír só?
—Vaes comigo, não tenhas receio.
—Mas... Pois... sim, irei.
Chegada a hora aprazada, Francisco não appareceu. Maria debulhou-se em lagrimas, sem nem saber porque. Parecia-lhe que elle não voltava. Forte perda!

Ás Ave Marias recebeu por uma vendedeira de sapatos de moiro e chapeos de palha o seguinte bilhete escripto a lapis, em pessima letra e peior orthographia:

—«Mariquinhas. Aquelle serralheiro que a estimava como se a menina fosse sua filha está deshonrado e preso. Se ainda é boa como d'antes e se lembra d'elle, venha vêl-o ámanhã. Cadeia do Limoeiro. Prisão n.º 2.—*Thomaz.*»

Mais lagrimas. Toda a noite a virtuosa rapariga não socegou. Podera! Tinha motivos para isso. Ao nascer o dia ergueu-se, rezou as suas orações e fez duas promessas ao Senhor dos Passos da Graça. Uma de lhe levar *sub conditione* um arratel de cera. Outra, de ir de casa até lá de joelhos a uma sexta feira.

A primeira cumpria-a no caso de ver Thomaz solto antes de dois mezes. A segunda, se casasse com Francisco dentro de um mez.

Depois foi contar o dinheiro que tinha n'uma caixinha de folha dentro de uma arca ao pé da cama. Possuia quatro moedas e um quartinho. Tirou um cruzado. Vestiu-se. Ás oito horas saiu. Pediu a uma vizinha que morava na loja defronte que a acompanhasse. Foram comprar a um estanco um

masso de cigarros, e a um confeiteiro um arratel de bolos, e seguiram caminho do Limoeiro.

O chaveiro franqueou-lhes a entrada, e penetraram n'aquelle purgatorio do crime, e quantas vezes inferno da innocencia!

D'ahi a alguns segundos tinha ante si um homem de cabellos eriçados, barba crescida, e ao que parecia molhada pelas lagrimas, tremulo, e com a pallidez de um cadaver. Era Thomaz. Estava alli o symbolo da probidade, a imagem do soffrimento. Ao verem-se, Maria abafou um suspiro; o preso limpou duas lagrimas, uma de alegria outra de magoa.

—Mudaram-me para aqui a loja, Mariquinhas. Quasi não fizeram mal. Se eu havia de andar a louquejar lá por fóra, antes esteja aqui escondido e abandonado

A ajuntadeira fitou-lhe o olhar de anjo, capaz de vivificar um agonisante; depois baixando a vista, disse entre soluços:

—Sr. Thomaz, Maria está aqui, e lembre-se que o senhor me salvou a vida!

Thomaz estremeceu, e proseguiu com voz tremula:

—Não lhe salvei tambem a honra, Mariquinhas, arredando-a dos braços de um jogador que a illudia para a desgraçar, e que em paga d'isso me queria matar com a propria navalha com que se feriu por castigo do ceo?!

Estas palavras aterraram a engeitada, que por um movimento instinctivo se afastou, convulsa e afflicta, um tanto da grade.

O serralheiro proseguiu:

—Fiz o meu dever. A justiça não o entendeu assim. Acreditou a accusação e as testemunhas falsas, e mandou-me para aqui. Fez bem. Eu não me defendi lá muito. Tinha-lhe salvo a honra, Mariquinhas, estava satisfeito. E como a menina não casava comigo, antes quiz vir preso. É melhor ser desgraçado entre os desgraçados.

—Que diz, sr. Thomaz? exclamou a ajuntadeira como que procurando agora explicar-se todos os acontecimentos anteriores.

—A verdade, Maria; nunca lhe fallei outra linguagem.

Atravez da grade, Maria travou da mão callosa do operario e imprimiu-lhe um osculo dizendo:

—Não conheci meu pae, perdi cedo minha mãe; mas em troca, ficou-me o sr. Thomaz.

Estas palavras foram para o coração do preso como é para as flores crestadas pela ardencia de uma tarde de junho a brisa humida que as refrigera ao pôr do sol.

—Jura-me pela alma de sua mãe, continuou Thomaz, que aquelle homem não lhe tocou sequer com um dedo, Mariquinhas?

—Juro, sr. Thomaz.

—Então agora vá-se embora. Trabalhe, seja honesta, e, se alguma vez se lembrar de mim, venha ver-me.

—Todos os dias, sempre! exclamou Maria apertando-lhe outra vez a mão, e passando pelo espaço que separava os varões de ferro a sua dadiva.

—Obrigado. Adeus.

Separaram-se.

V

Quando Mariquinhas descia os degraus da cadeia subia-os, rodeado por alguns curiosos, um grupo de quatro homens. Dois soldados da guarda municipal, acompanhando um preso, e atraz um official da policia. O preso ia manietado com um cordel, e era um rapaz bem parecido e menos mal trajado. Levava os olhos fitos no chão. A ajuntadeira ao vêl-o soltou um grito:

—Francisco!

Não caiu porque a sua companheira a amparou.

O preso ergueu os olhos e balbuciou:

—Pobre Maria!

Os soldados impelliram-no. A porta fatidica abriu-se, fazendo gemer os gonzos, e tornou á fechar-se.

A ajuntadeira meio desvairada exclamava:

—Preso! porque vae elle preso?

—Por ladrão, lhe responderam do meio da turba.

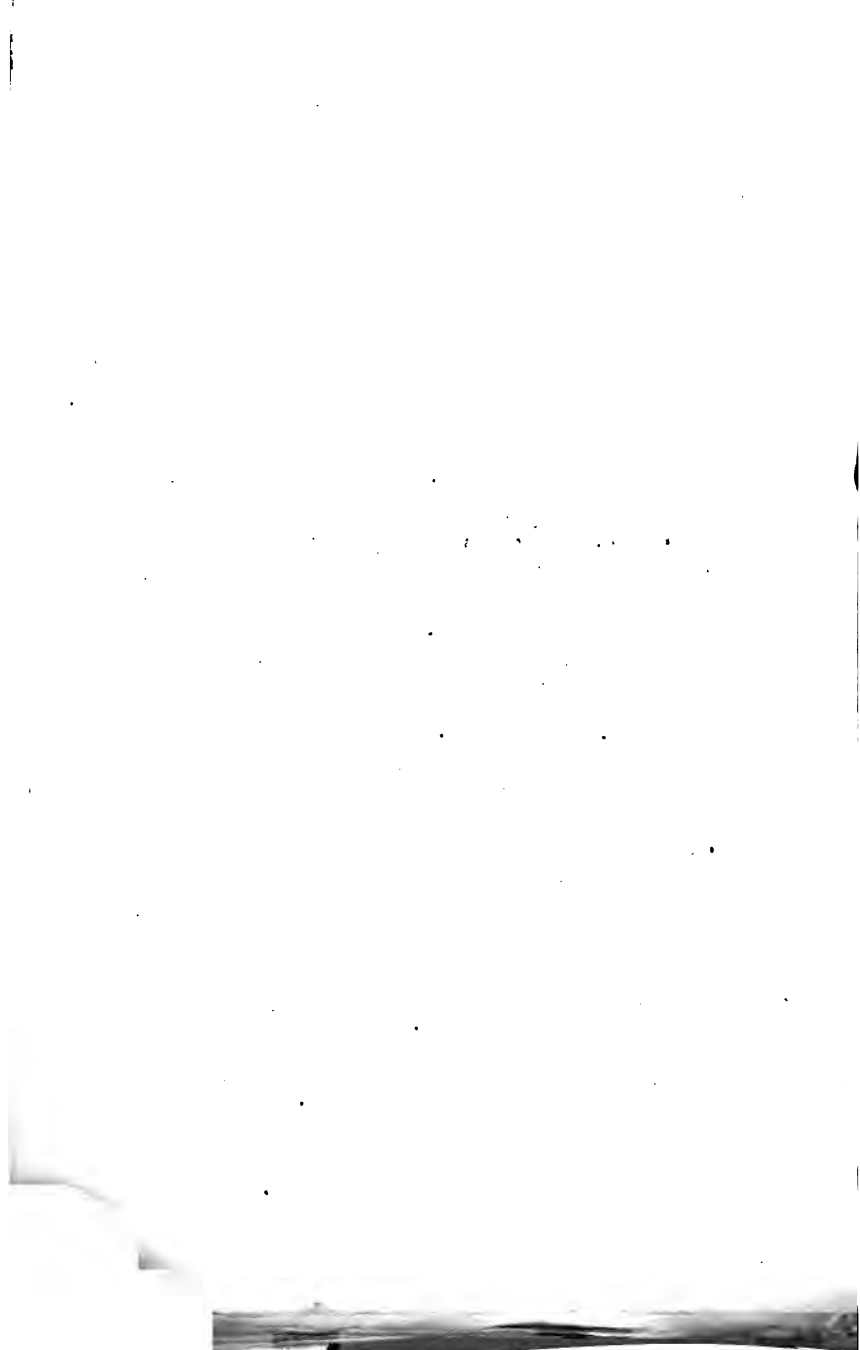
E assim era. O vicio abrira-lhe a voragem do crime.

O Senhor dos Passos da Graça obrou um milagre satisfazendo a condição da primeira promessa de Maria. Antes de dois mezes, Thomaz, por pedido e informação do carcereiro, era incluido n'uma lista de presos perdoados pelo senhor D. Pedro v, de saudosa memoria, na sua ascenção ao throno.

O que o amor não pôde em Mariquinhas, pôde-o a gratidão:—passado algum tempo era ella esposa do honrado serralheiro. Este, a instancias suas por occasião do casamento, enviava anonymamente

cinco moedas a um preso da cadeia do Limoeiro para ajuda dos seus gastos.

Consta que a esse preso, depois de sentenciado a degredo temporario para a Africa, lhe foi commutada a pena em dois annos de prisão.

PERIGOS DA AUSENCIA

PERIGOS DA AUSENCIA

I

Junto a uma das frescas varzeas que orlam o leito do Mondego está edificada uma casinha de recreio, a qual pela sua exiguidade e elegante construcção, e pela amenidade e socego do sitio se torna invejada pelos passeantes commodistas que nos dias estivos seguem a estrada para irem repotrear-se sobre a relva á sombra de algum velho freixo.

Tem esta habitação apenas dois pavimentos, um ao rez da estrada, outro superior, e é coroada por um mirante de cantaria do qual se observa esse variado panorama, que tão maviosas odes tem fornecido aos poetas, que é a gloria dos naturaes e o enlevo dos estranhos que visitam a princeza Cindasunda. O pavimento inferior tem cinco janellas de sacada, guardadas por um gradamento de ferro, para o lado da estrada, e quatro de peitos, com uma porta ao centro para a parte da planicie. Esta é dividida em jardim, que é como uma alcatifa de flores á porta da morada, pomar e horta, e defendida pela banda do rio por uma estacada matisada de salgueiros, chorões, e choupos. Ao centro da estacada ha um porto de desembarque.

Por uma risonha tarde da primavera de 18... estava no jardim, debaixo de um copado caramanchão, uma dama de 24 a 26 annos, formosa como as rosas que lhe embalsamavam o ambiente, melancolica como o chorão que lhe servia de docel. Com o braço direito poisado sobre a mesa de pedra, junto á qual se sentara, entretinha-se a traçar a lapis n'um papel a copia de uma carta. Pela febril mobilidade das feições, pelos suspiros que se lhe escoavam dos labios e pela agitação do seio se denunciava a inquietação que lhe ia n'alma. Obremos a indiscrição de interceptar a epistola:

«*Macedo.* — Partiste ha dois mezes para Lisboa e deixaste-me só n'este ermo, cujas bellezas sem a tua companhia se afeiam para mim. A demasiada confiança que punhas na fidelidade de tua mulher, confiança que por me ser devida me não lisonjeou o coração, vae-se agora convertendo n'um ciume desesperado que offende o meu amor proprio de mulher e de esposa. É a primeira vez que oppões suspeitas á minha constancia. A leitura da tua carta longe de diminuir as minhas saudades, veiu attribular-me. Sinto-me tão afflicta que até tenho medo de mim propria. Aconselho-te e peço-te, que voltes breve. Sacrifica ao menos por esta vez meia duzia de libras ao amor da tua cara

Izabel.»

Casada havia dois annos, Izabel tomara a serio os deveres conjugaes, e o seu estudo constante fôra levar á perfectibilidade essa dupla existencia, evitando que o remanso do lar fosse turbado pelo

ciume. Mas para isto que de sacrificios ella não fizera, de quantas distracções se não privara, quanto não luctara com as proprias tendencias! Vendo, porém, que o resultado de tanta dedicação era o desinvolvimento dos ciumes do seu Othelo, começou a deixar-se vencer pela dôr intima, e cada hora da sua existencia era-lhe uma hora de tristeza e enfado. Cercava-a a natureza de maravilhas, e não lhes votava o menor apreço. Passava largas horas só, com os pés sobre um tapete de esmeraldas, com variadas flores a incensarem-na de perfumes, com as avezinhas a cantarem-lhe em torno, e o Mondego ao pé a murmurar-lhe amores e sempre absorta em penas, sempre desolada e suspirosa. Acabando de traçar a carta assim ficara. Veiu acordar-lhe o espirito a voz de uma criada, que, cançada de correr atravez da planicie, lhe disse:

—Minha senhora, um sujeito bem vestido que veiu embarcado, saltou agora no pomar e mandou-me dizer á senhora que desejava pessoalmente pedir-lhe desculpa de se atrever a desembarcar aqui, mas que foi obrigado a fazel-o.

—Dize-lhe que o desculpo; que passeie á vontade.

—Parece-me que elle conhece a senhora e que já a avistou.

—Não te disse o nome?

—A modo que me disse... Filippe de Castro.

—Filippe de Castro? exclamou Izabel sobresaltada.

—Em pessoa, minha senhora, tornou uma voz desconhecida.

O audacioso invasor, que seguira os passos da

incauta criada, fez-lhe um aceno imperativo, e saudou a dama. A criada retirou-se, e Castro sentou-se em frente de Izabel.

Castro era estudante de philosophia e cultivava as boas letras. Tinha vinte e oito annos. Não era feio, mas dois olhos perspicazes, mesmo sem as indicações de Lavater, traduziriam no conjuncto das suas feições o que quer que fosse dé altiveza e orgulho. E se houvesse sciencia que podesse ler-lhe no olhar o coração, veria que estava alli um homem brioso e altivo, capaz de vingar uma affronta hereditaria, e de fazer pagar uma divida até — a um defunto.

Izabel conhecia-o.

Havia ella ido uma manhã passear com o marido e a criada á fonte do Castanheiro. De um grupo de estudantes que ahi estava, houve um que não desfitou d'ella os olhos, e que lhe seguiu os movimentos com tão audaciosa impertinencia, que Izabel sentiu um terror indefinivel vencer-lhe o animo. Consultando a memoria lembrou-se de o haver visto mais de uma vez. Recolheu-se a casa dominada por esta poderosa fascinação. Indo ao acaso abrir a janella do seu quarto, vê na rua o mesmo olhar a fixal-a. Parte o marido para Lisboa; acompanha-o até á mala-posta, e ao despedir-se d'elle apparece-lhe em frente essa visão, que se some entre as vestes negras dos estudantes que enchiam a ponte. Durante quinze dias não saiu de casa; mas, enfadada do seu insolamento, resolveu-se uma manhã a ir com a criada até á fonte dos Amores. Mál se sentou junto ao cedro do lado direito, viu da parte opposta do lago o vulto taciturno e perseguidor a cortejal-a. Entrou na quinta

contigua, e fez fechar a porta com cuidado. Uma calida noite a criada deixara-lhe a janella do quarto aberta: pela manhã ao erguer-se achou no chão, atado a uma pequena pedra, o seguinte bilhete:

«Izabel, um dia hasde ser minha.

Filippe de Castro.»

Julgue-se pois da confusão da isolada consorte ao ver na ausencia de seu esposo invadida a sua habitação por aquella sombra de Nino.

Minha senhora, começou Filippe, não estranhe o eu servir-me d'estes meios illegaes, mas não consegui outros, e os meus sentimentos não permittiam...

—Senhor, atalhou Isabel, querendo disfarçar o seu terror; ordeno-lhe que saia d'aqui immediatamente.

—Não posso obedecer.

—Supplico-lhe...

—Ordens ou supplicas, são escusadas.

—N'esse caso previno-o de que ou lhe fecho a porta menos delicadamente, ou solicito auxilio...

—De qualquer das maneiras se compromette, tornou Castro, travando-lhe da mão para a deter, pois Izabel se propozera a entrar na casa; ouça-me; vou fallar-lhe muito seriamente.

—Nada devo ouvir-lhe.

—Hade ouvir. A sorte deu-me esta occasião, não a esperdiçarei. V. ex.ª está aqui só, nada tem a temer.

—Que tem pois a dizer-me, senhor? perguntou Izabel, vencida pelo susto.

—Nada que v. ex.ª não saiba. Aquelle bilhete disse-lhe tudo.

—É ousar muito insultar assim uma senhora na ausencia do marido...

—Pode exprobrar a minha ousadia, porque não desisto do meu intento.

—Não me dirá o que o anima a proseguir n'esta perseguição?

—Vou ser franco. Se julga que é o amor que me dirige, minha senhora, engana-se; se pensa que é o odio por v. ex.ª, tambem se engana; detesto apenas seu marido e é d'elle que preciso vingar-me. V. ex.ª será o instrumento.

—Não sei que motivo haja para tal odio; meu esposo é incapaz de offender pessoa alguma, e julgo até que nem é conhecido por v. s.ª

— Conheço o sr. Macedo e muito. O insulto que elle me fez é d'aquelles que nunca se esquecem!

—Valha-me Deus, que situação a minha! disse Izabel soluçando.

—Não chore, minha senhora. Sou incapaz de a violentar. A sua situação inspira-me dó. V. ex.ª vive infeliz pelos infundados ciumes de seu marido; e pois que o ciume é a paixão que traz em continuo inferno o peito do sr. Macedo, é por meio d'elle que eu o heide suppliciar. Se até aqui as suas desconfianças teem sido infundadas agora heide dar-lhes uma causa verosimil.

—Que quer dizer?

— Quero dizer que o heide atormentar com suspeitas. Heide fazer-lhe constar que vim aqui na

sua ausencia, e este facto lhe dará a certeza da infidelidade de v. ex.ª

—Da minha infidelidade? mas é uma calumnia!...

—Embora! Basta-me isso para a minha vingança.

—Porém elle não acreditará similhante aleive!

—Háde acreditar. Um coração cioso crê em tudo.

—Jesus! Jesus! que será de mim? exclamou a infeliz esposa com a mais dolorosa expressão.

—V. ex.ª é um anjo de innocencia, causa-me dó a sua situação, mas a vingança está preparada, e hade ir por diante.

Dizendo isto o estudante chamou a criada para acudir a Izabel, que caira n'um deliquio, e atravessando a planicie saiu da varzea sombrio e mysterioso como entrara.

A resolução de Filippe era inabalavel, como infatigavel era o seu odio ao esposo de Izabel. A vingança a que dera começo trazia-o triste e taciturno como nunca. Os condiscipulos estranhavam-o. No dia seguinte, ao sairem da aula, formou-se em redor d'elle um grupo, e um dos collegas disse-lhe em ar de mofa:

—Ó Filippe, não te parece que a belleza de uma mulher é superior ao coração de um philosopho?

—Não admitto a these.

—Mas reconheces que ha philosophos que se arrufam com os livros para dedicar os seus extremos ás damas.

—É possivel.

—Tu ês um d'esses?

— Talvez.
— E és amado?
— Não sei.
— Mas amas?
— Ainda não dei por isso.
— É original. Já te declaraste?
— Não.
— Pois ainda lhe não fallaste nem escreveste?
— Fallei-lhe uma vez, e escrevi-lhe duas linhas.
— É solteira?
— É casada.
— Adivinhei a tua preoccupação: o marido soube d'esses amores e desafiou-te.
— Não soube porque não a namoro; mas já nos batemos.
— Ao florete?
— Não.
— Á pistola?
— Tambem não.
— Á espada?
— Não.
— Então como?
— Ao cachação.

Uma gargalhada unanime acolheu a resposta.

— É originalissimo! exclamou um estudante de direito. Mas por que foi esse pugilato?...

— Eu lhes conto, tornou Castro. Esse homem ridiculo foi meu condiscipulo em primeiras letras. Mais edoso e mais rico do que eu, mostrava-se altivo da sua superioridade e tratava-me com desprezo provocador. Eu enfurecia-me e dirigia-lhe os epithetos mais insultantes que encontrava no meu dialecto escolar. Um dia que eu ia em companhia

de minha unica irmã, creança como eu, mas um anjo de lindeza e innocencia, encontrei o indigno que me dirigiu um insulto. Dei-lhe uma resposta sarcastica, e o infame, por vindicta, beijou escandalosamente a face de minha irmã. A pobre creança, corrida de pejo, desfallece. Perco a cabeça e arremeço-me furioso ao indigno. Luctamos violentamente; porém, mais musculoso que eu, elle conseguiu prostrar-me e retirou-se victorioso, entre as felicitações dos circumstantes que o festejavam... por ser mais rico. Cobertos de aviltamento, apezar de creanças, eu e minha irmã volvemos a casa nutrindo o odio mais ardente por aquelle vil, e eu jurando-lhe vingança da affronta. O tempo correu sem que eu podesse obter reparação, e, não sei porque, o meu odio áquelle homem cresceu progressivamente. Deixei por longo tempo de o ver, até que o encontro agora casado com uma mulher, cujas feições me avivam a memoria d'aquella que elle insultou.

Como elle me offendeu no que eu mais presava, heide pagar-lhe a affronta por egual modo. O que elle mais ama é sua mulher, é por ella que receberá a vingança. Mas não julguem que, tão vil como elle, quero manchar-lhe a honra de sua mulher, não; o que pretendo é matal-o com o ciume, e se a elle aprouver bater-se comigo em repto cavalheiroso, afogar este odio no meu ou no seu sangue!

A convicção profunda com que Filippe disse isto fez calar os condiscipulos que d'alli por diante começaram a ver n'elle uma organisação excepcional.

II

Filippe passava as noites agitadissimo depois da invasão da casa do seu offensor. Umas vezes acordava irado afigurando-se-lhe tel-o alli rendido e aviltado ante si pedindo-lhe publico perdão das suas offensas. Outras via enternecida ante si a imagem sympathica de Izabel debulhada em lagrimas a implorar-lhe desistisse da sua vingança. Filippe compadecido ia para ceder, mas recordava-se do insulto feito a sua irmã, que era um anjo não menos formoso que aquelle, e não desistia do seu proposito.

A mulher de Macedo desde aquella entrevista nunca mais socegara. Via perdidos todos os seus passados esforços para dissipar-lhe os ciumes, e como lhe conhecia o genio acreditava na infallibilidade do projecto de Filippe. As suas cartas para Lisboa vinham cheias de instancias para que Macedo regressasse; mas este, apezar de cioso, sacrificava o coração e o amor aos interesses da algibeira, e só promettia voltar uma vez concluidos os seus negocios.

O estudante tentara tres vezes surprehender o objecto da sua extravagante vindicta, mas não conseguira vêl-a no mirante, na varzea ou no jardim. Á quarta vez, porém, avistou Izabel pensativa e triste a aspirar o ar do campo junto a uma das janellas do pavimento ao rez da estrada. Apezar da soledade do sitio, e do socego da noite, que havia pouco cobria os espaços, era perigoso um ataque forçado, porque na casa, além da criada, havia ca-

seiro e caseira e um famoso cão da Terra Nova, capaz de supplantar um Hercules. Além d'isto, Izabel estava tão formosa, entregue a tão pacifico meditar, que era talvez uma profanação ir perturbar-lhe aquelle extasi.

Mas a affronta, mas o odio, mas a jura da vingança?

O estudante animou-se.

Demais notou que a esposa de Macedo, afagada pelo ar ameno da noite, fôra sentar-se indolentemente n'um camapé, e ahi, talvez que toda scismando nas delicias do regresso do esposo, caira n'um suave adormecimento.

Castro aproveitou o ensejo.

Examinou se alguem o observava; transpoz cuidadosamente o gradamento de ferro; entrou, cerrou meia vidraça, e sentou-se em frente da formosa dama.

Quando Izabel acordou, e viu em frente de si o seu perseguidor, levantou-se como que assombrada exclamando com energia:

— O senhor aqui? Quem o deixou entrar em minha casa e a similhante hora?

O estudante apontou para a janella.

— Que audacia! E não receia que eu o faça sair vergonhosamente d'aqui? Felizmente não estou só. Tenho quem possa desembaraçar-me d'um importuno.

— Tanto melhor, minha senhora, respondeu Castro friamente. Isso serve optimamente aos meus projectos. Ao menor grito da sua parte, eu saio por onde entrei, e deixo as pessoas que acudirem convencidas de que, se v. ex.ª me fechou a saida,

deu-se primeiro ao incommodo de me facilitar a entrada.

— Mas isso é uma trama diabolica!

— Socegue. Posso livral-a d'esta perseguição. Isso depende de v. ex.ª

— De mim?

— Exactamente. Eu não a amo... Ao dizer isto o estudante reprimiu um suspiro. Supponde que por consideração a v. ex.ª eu queira poupar o meu inimigo, não posso todavia renunciar á satisfação de uma desforra. Consinto que o sr. Macedo continue a ser feliz, mas que o deva á minha discrição.

— Oh! será isto tudo um sonho? tornou a dama extremamente afflicta.

— É apenas a realidade de uma divida de honra. Mas v. ex.ª pode pôr-lhe breve termo. Dê-me v. ex.ª um simples papel, uma simples declaração de que eu estive aqui a seu lado, e isso basta. Guardando essa prova condemnatoria satisfaço a minha vingança; porque sinto a gloria de ver que seu marido fica devendo a continuação da sua ventura á minha generosidade.

— Oh! nunca! disse Isabel com modo altivo. Seria uma infamia!

— Esperarei até que v. ex.ª resolva, retorquiu Castro com placidez repotreando-se n'um sophá.

Isabel assustada correu á porta gritando:

— Maria! Maria!

— Consegui o que desejava, murmurou o estudante.

— Sim, consegue a sua ignobil vingança, mas livro-me da sua importuna presença. Como o meu

coração está puro, livre de remorsos, terei ao menos um regosijo na minha dôr. Soffrerei as consequencias de uma calumnia aleivosa, mas ficarei conhecendo a que estado de indignidade pode chegar o coração de um homem. A sua tenacidade nada a justifica. O senhor vem aqui cumprir a missão diabolica de que a serpente do Eden deu exemplo perante a nossa primeira mãe. Embora. Na consciencia lhe pesará o remorso das tribulações que me causa.

Izabel proferindo esta apostrophe estava seductora. Nas suas faces havia a suave pallidez do soffrimento e nos seus musculos a contracção da dôr, o que lhe dava muito relevo á formosura.

Seus olhos amortecidos fitavam um olhar languido, e desvairado sobre o seu perseguidor, e a sua postura era, apezar de irosa, cheia de suavidade e meiguice.

A criada não acudiu ao reclamo, porque estava deliciando-se n'um profundo somno.

Castro ficou silencioso e parecia entregue a commoções bem diversas.

Depois, por um movimento instinctivo, cedendo talvez a um sentimento, que, mau grado seu, se fôra desinvolvendo em seu coração desde que vira pela primeira vez aquella formosa mulher, caiu-lhe aos pés, beijando-lhe a mão, que ella rapidamente retirou, e disse:

—Perdão, minha senhora. Sou um indigno. Eu não devia assim attribular um anjo como v. ex.ª; mas sou moço, sou estudante, sou louco! Intentei uma vingança, que eu não tinha animo para levar a cabo, e da qual deveria desistir desde que achei

tão formosa, tão poetica aquella de que eu pretendia fazer d'ella instrumento. Oh! como é fraco e incomprehensivel o coração do homem! Entrei aqui altivo como o juiz que vae condemnar o autor de um crime, e saio humilhado como o reo de um delicto pouco desculpavel. Entrei odiando um marido, e saio amando uma esposa, uma mulher encantadora, que eu procurei para alvo do meu odio. Perdoe-me, mas eu comecei a amal-a desde que a vi, e esse amor extravagante e louco nem me deixava ver que a minha vinda a esta casa dava causa a tantos padecimentos. Já não vinha aqui *impellido* pelo odio, vinha inspirado pelo amor!

A esposa de Macedo ouviu em silencio esta expansão, que, longe de a conspirar contra o estudante, lhe abriu n'alma um sentimento de compaixão, porque a alma d'esta mulher era um thesouro de incalculaveis virtudes. Essa mesma virtude, porém, lhe prescrevia deveres que lhe faziam reconhecer a perigosa situação em que se achava.

Enchendo-se de animo, ergueu com mão tremula o mancebo, que se conservava ajoelhado a seus pés, dizendo-lhe:

—Perdôo-lhe esse devaneio. Não crimino as loucuras que acaba de proferir, mas recordo-*lhe* que tenho um marido.

Dizendo isto, indicava a Castro a janella por onde elle entrara.

—Um marido! Uma mulher tão formosa possuir um marido! É uma grande desgraça! exclamava o estudante completamente desvairado.

Depois, enchendo-se de coragem, luctou com as proprias aspirações.

— Paciencia. Sou estudante de philosophia, vou estudar direito; posso chegar a advogado, a delegado, a juiz, e um juiz ou um philosopho não devem ter coração. Seja feliz, minha senhora. Heide amal-a eternamente, e eternamente heide odiar esse marido que lhe deram; mas heide respeitar as instituições sociaes como philosopho, e como jurisconsulto.

O estudante saiu por onde havia entrado.

Uma differença, porém, havia no seu animo: entrara n'aquella casa com a ferocidade de uma fera, e saia com a mansidão de um cordeiro.

Izabel, vendo-o afastar-se, sentou-se no sophá fatigada como se houvera acabado d'uma grande lucta, e limpando duas lagrimas que lhe deslisaram, a seu pezar, dos formosos olhos, disse comsigo:

— Pobre moço! Amava-me... Se eu fosse solteira...

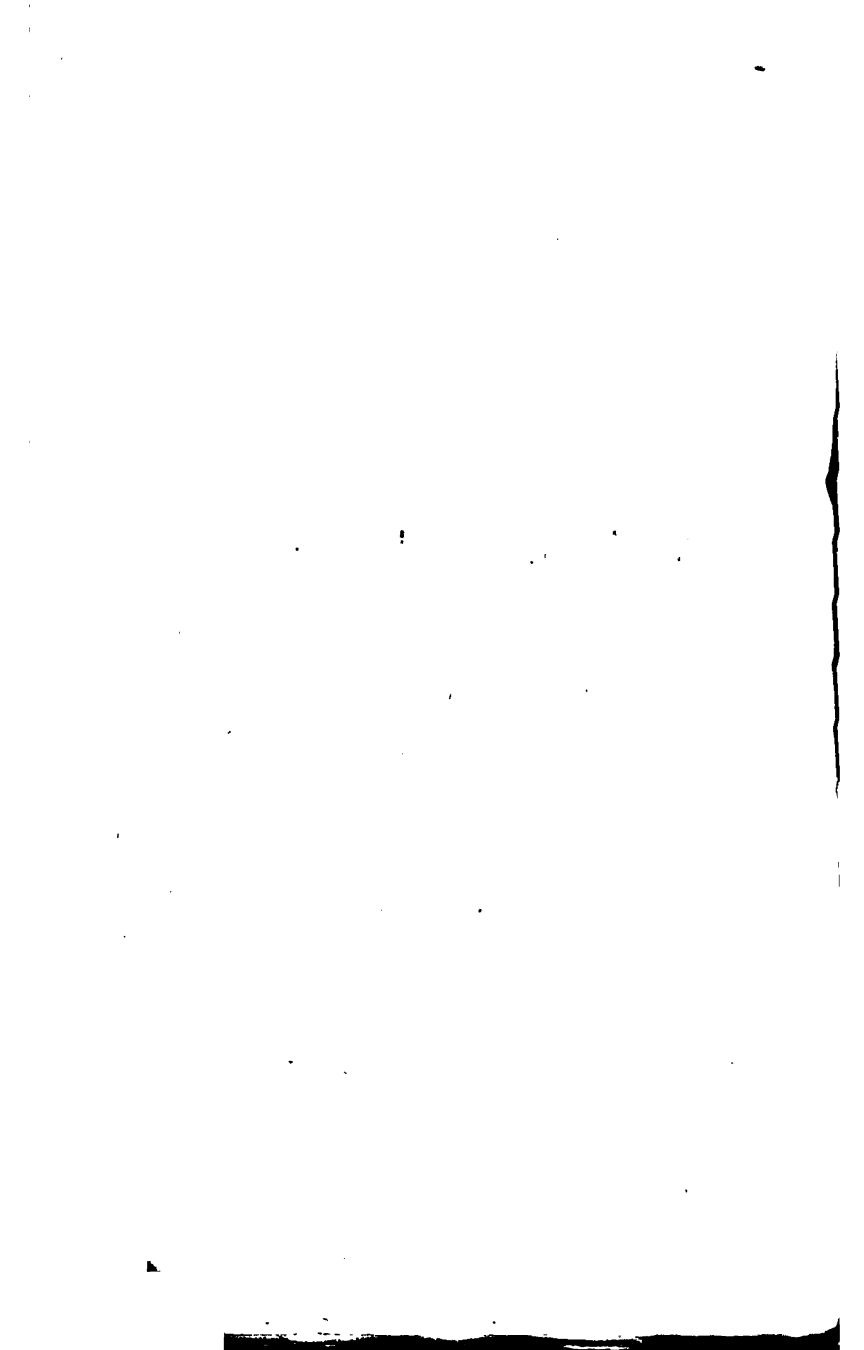
III

A esposa de Macedo essa noite dormiu desassocegada e achou odiosissimo o comportamento do marido em se demorar tanto tempo na capital, não attendendo ás suas instancias continuadas.

Felizmente Macedo regressou d'alli a alguns dias.

Digo felizmente, porque o estouvado estudante deixou de olhar para os livros durante oito dias, sempre a scismar em Izabel e a passeiar nas proximidades da casa da sua habitação, e podia vir a dar em vadio se Macedo tivesse a infeliz idéa de querer ganhar mais algumas libras em Lisboa.

Dizem que Orpheu attrahia com seu canto as rochas e amansava as feras. Izabel era um novo Orpheu, porque com a sua formosura attrahiu e amansou Castro, que tinha um tanto de fera e de rocha.

HISTORIA DE UM BARQUEIRO

HISTORIA DE UM BARQUEIRO

I

A manhã nascêra fresca e agradavel. Denso nevoeiro escondia á vista dos caminheiros o monte de Santa Clara de Coimbra e essas collinas extensas e verdejantes que com elle confinam e que parecem estar em extasi eterno contemplando o painel maravilhoso que a seus pés se estende.

Os montes, os salgueiros e as varzeas d'além rio pareciam apenas sombras phantasticas erguendo-se por detraz do veo pardacento que as velava. A brisa matinal agitava brandamente as folhas d'essas numerosas arvores dispostas a capricho pela mão da arte da banda de áquem. E na cidade de Hercules, theatro dos heroismos de um Martim de Freitas, terra bafejada, segundo a crença popular, pelo influxo da santa rainha Izabel de Aragão, começavam os obreiros e os commerciantes, os artistas e as vendedeiras, estes implacaveis despertadores da adormecida humanidade, a preparar-se para as lides diurnas.

Durante uma longa noite presagios negros poisando-me na mente não haviam deixado que o somno, numem delicioso que nos adormece as penas,

me vergasse ao seu poder; e como eu não podia libertar-me da influencia de tristes idéas, resolvi ir-me caminho do Mondego para espairecer.

Chegado ao caes vi sobre elle um ancião pallido, tremulo, escalvado o qual apontando para um pequeno barco que boiava n'agua, me dirigiu com voz enrouquecida esta simples pergunta:

—Embarca?

—Embarco de passeio. Leve-me rio acima até á «Lapa dos Esteios».

Saltei no barco, e o barqueiro varejou. Com este impulso a pequena embarcação escorregando pela face do diaphano fluido o encrespava, e o sol que lhe dava em chapa tornava-o similhante a uma tela de lhama de oiro e prata.

O sol já povoava as regiões do espaço, e imprimia no meu corpo certa languidez suave e consoladora. Não ha nada mais deleitoso, que a doce indolencia em que nos lança o monotono balancear de um barco cortando a corrente d'um rio, quando o sol ardente de maio inunda em seus ardores a natureza.

Sentado á prôa do barco, apoiei na mão direita a cabeça e deixei-me dormitar saboreando os haustos vivificadores d'aquella atmosphera abençoada onde respirara o primeiro ar da vida.

De repente fui sobresaltado pelo choque violento produzido pelo barco de encontro á estacada de uma insua orlada de salgueiros e chorões. Involuntariamente intimidado perguntei ao barqueiro:

—Então damos á costa?

—Desculpe; respondeu; quasi me esqueci dos deveres do officio que aqui exerço. Adormecido

tambem por lembranças passadas, deixei ir o barco á tona d'agua. Perdôe; mas a gente soffre tanto, que ás vezes deixa-se ir atraz das suas dôres por esse mundo de Christo além. O que valia é que aqui não iamos para o fundo, pois o rio vae baixo: tenho lá em terra topado com maiores escolhos. Pode deitar-se descançado; vou agora tomar tento em mim.

Como fosse recomeçar a varejar, impedi-o, dizendo-lhe:

Deixe ir o barco á mercê do rio e conversemos.

O barqueiro sentou-se.

O logar em que tropeçaramos era uma pequena bahia cercada de frondente cortinado de verdura. Desfructava-se alli suavissima sombra, e dois venerandos chorões que alli vegetavam estavam dispostos de maneira tal que formavam um docel de ramagem, impenetravel aos raios do sol.

—Que edade conta? interroguei eu ao meu companheiro de viagem.

—Sessenta e dois annos, respondeu; cincoenta vividos e doze imaginados.

Não sei ao que chama annos imaginados.

—Eu lhe digo, patrão; são aquelles em que a gente descuidada de si e dos seus, e cuidando de alguem que cuidados não mereça anda para ahi a imaginar impossiveis, a crear illusões e delicias, e com o padecimento em cima de si a pesar-lhe e a fazel-o tropego, sem que ao menos uma esperança bem fundada venha servir-lhe de Cyreneu e ajudar-lhe a levar a cruz.

—Vejo que tem soffrido, e peço-lhe que me

conte alguma coisa de si; tornei eu espantado de encontrar n'um barqueiro, embora das margens do Mondego, linguagem tão correcta, e idéas tão claras.

—Seja: já agora como isto vae navegando para o porto do esquecimento, quero deixar-lhe lembrança de um d'esses martyres que buscam por suas mãos a corôa do martyrio, mas a quem a egreja não beatifica. Vou contar-lhe pouco do muito que passei, pois me consola hoje referir as minhas maguas. Esqueça por um instante o barqueiro pobre e ouça o homem desgraçado que já foi venturoso.

Puz-me em acção de escutar.

O velho principiou a sua narrativa, cuja essencia é a que se vae lêr!

II

Correu louçã a minha infancia. Nascido e creado em uma pequena aldeia que não dista d'aqui muitas leguas não soube até aos doze annos o que fossem tristezas, e entregue ao viver tranquillo dos campos eram-me companhia os gados, as aves, as flores e as estrellas. Sem conhecimentos alguns dos homens e das coisas, apenas ás vezes vinha a luz do instincto esclarecer as trevas da minha rudeza. Aos doze annos falleceu minha santa mãe, unica depositaria dos meus sorrisos, e conductora das balbuciações da minha imaginação. Não pude então medir toda a immensidade d'essa perda; entretanto agudas dôres me dilaceraram o peito. Antes de expirar aquella que me gerára deu-me co-

mo tutor um tio, homem cheio de bondade, mas pouco cuidadoso das coisas uteis e positivas. Mandou ensinar-me na escola da aldeia os primeiros rudimentos de instrucção. Até aos dezeseis annos vivi abraçado aos trabalhos agricolas, que tomava como recreio, e á caça que me era o melhor desenfado. Os bens de fortuna que minha mãe me legára valeriam quinze mil cruzados, o que na minha terra era um dinheirão. Não me entretendo, com aquelles que me rodeavam, vivia quasi sosinho, e por tanto feliz nas terras do meu patrimonio. Mas em mim ardia um fogo singular. O acaso trouxe-me ás mãos alguns livros, e entre elles o livro de Camões, este rico thesouro da poesia portugueza. Lio-o e relio-o admirado, e essa leitura excitou-me o desejo de sair do acanhado mundo em que vivia. Um lavrador das cercanias mandava seu filho para os estudos em Coimbra, tive-lhe inveja e manifestei a meu tio desejos de seguir-lhe o exemplo. Foram inuteis os conselhos que me deu para livrar-me do dominio de tal idéa; teve de conceder-me essa graça, que veiu a ser a minha desgraça. Preparei-me e parti. Coimbra foi para mim uma conquista, um novo mundo. Outros costumes, outros ares, outra gente. Entrei no lyceu e depois nas aulas do pateo, onde comecei a estudar preparatorios. Nem os brincos e distracções dos condiscipulos, nem as legitimas alegrias d'este pequeno paraizo da Beira me enlevavam. Acompanhado dos livros, vinha esconder-me por estas margens solitarias, cuidando só no estudo, e a solidão dava-me vida, intelligencia e vontade. Ah! quantas vezes sentia antes de nascer o astro

do dia vir o orvalho da manhã aspergir luzentes perolas sobre as minhas selectas; quantas vezes a brisa da madrugada me congelava as mãos e a cara! E era tão feliz! não sentia um só pezar: a esperança, amiga dos solitarios, mostrava-me como que uma terra promettida, tão rica de maravilhas e encantos que a imaginação comprazia-se em a entremirar no seu vago brilhantissimo. Mas, ai! de mim! aquella mulher, aquella hydra, veiu roubar-me esses sonhos de gloria e esmagar com elles um coração que muito a queria!

O velho arquejava soluçando maguadamente. Apertava a fronte com as mãos, e parecia querer procurar alli as memorias do passado. Durante a narração d'este primeiro capitulo da sua historia, as aguas do Mondego, remexidas por um vento aspero, haviam feito baloiçar o barco, que fluctuando lentamente, veiu encalhar n'um vasto plaino de areia.

O barqueiro nem attentou em tal. Calou-se por algum tempo. Fitei-o, e vi-o remordendo os labios com desesperação; o olhar como que procurava um objecto invisivel; os dedos agitavam-se-lhe; os musculos contrahiam-se-lhe; as faces, aradas pela edade; variavam-lhe alternativamente de aspecto; depois um fugidio rubor lh'as tingiu, e vi duas lagrimas sulcarem-lh'as.

—Ah! disse elle, respirando e limpando as lagrimas: tenha paciencia. Tivemos um boccado de calmaria! mas como choveu, serenou cá dentro a tempestade. Abordei ao porto das lembranças para tomar refrescos, mas vou proseguir viagem. Tenha paciencia, visto que desejou que eu me fi-

zesse de vela pelos mares do soffrimento. Mas que é isto, exclamou elle reparando no logar em que o barco se achava; então o chavéco tambem navegou?

— É indifferente, respondi. Saltemos no areal, e vamos aquecer-nos aos raios do sol. Iremos atè ao extremo d'este plaino entretendo-nos com o nosso conto, porque, creia, que já o não deixo sem saber o fim da nossa historia.

— Obrigado pela amizade. Então ahi vae o resto.

III

Cursei com exito os estudos preparatorios ficando approvado em quasi todos os exames. Tinha vinte annos quando devia começar os estudos do primeiro anno da faculdade de direito. Uma noite havia em Coimbra um baile com o qual se festejava a formatura de um estudante meu amigo; fui para elle convidado. Entrei na sala: o fulgor dos lumes; as emanações das flores; as harmonias da orchestra e as galas dos convivas allucinaram-me. Era a primeira vez que para me dar entrada se corriam os reposteiros de uma sala de baile. Aquelle tumultuar confuso de alegrias, todo aquelle revolutear de prazeres fugidios, e de galas illusorias, entristeceu-me e incommodou-me. Andava perdido no meio d'aquelle labyrintho. Não sabia dançar, não era amestrado no jogo; senteime a um canto da sala como querendo dissipar a tristeza que me dominava. Diante de mim veiu sentar-se uma mulher que acabava n'aquelle mo-

mento de esvoaçar em fogosa valsa. Vestia de branco com singelesa e frescura como as rosas brancas da primavera. Ornava-lhe a fronte uma grinalda de flôres. A estatura era mediana. A cintura delicada. O rosto não era um primor de formosura, pois tinha a bocca um pouco pronunciada e o nariz um tanto proeminente; mas na pallidez das faces, na elegancia do penteado e no brilho dos olhos negros tinha fontes de amor bastantes para inebriar aquelles que a fitassem. Encarei-a de relance, e vi que fixou em mim um olhar modesto. A seriedade de seus gestos augmentava-lhe a seducção. Tinha aquella creatura um *não sei que* de languido e melancolico que se identificava a sabor com o meu genio. Não sei que mysterioso numem me poz em alvoroço o coração.

Passados alguns minutos, por um d'esses ineffaveis adormecimentos dos sentidos, aquella mulher deixou cair da mão o leque que brandamente agitava. O homem que mais perto estava era eu. Levantei-me, apanhei-o, e entreguei-lh'o:

—Agradeço a fineza, me disse ella; e peza-me tel-o arrancado á sua melancolia.

—Lamento não ter sido necessario maior sacrificio, minha senhora.

— Não lamente nunca a falta de sacrificios, porque esses ha sempre occasião de os fazer, e ás vezes superiores á nossa coragem.

Terriveis palavras aquellas; fatal prophecia: eram o *Mané Thecel Pharés* do festim de Balthazar.

A orchestra tocava a introducção a uma contradança. Um homem, para mim desconhecido, veiu solicital-a para dançar.

Levantou-se e deu-lhe o braço.

Eu retirei-me perturbado para o meu logar. Aquellas palavras, tão suavemente pronunciadas pelos labios de uma mulher joven, começavam a travar-me da razão. No decurso da noite não a perdi mais de vista. Ella, todas as vezes que acabava de dançar, volvia para de fronte de mim e continuava a fitar-me. Foi uma noite de gozo e tormento; e quando vem um sem o outro? Gozou-se muito; e eu muito soffri. Ninguem conseguiu desviar-me do logar em que me sentara. O meu desejo era sair d'alli para muito longe: esquecer tudo quanto se passara, ou então... possuir logo o amor d'aquella mulher. Perder-me ou salvar-me, mas não padecer na incerteza.

O baile acabou era quasi manhã.

Aquella que me occupava os sentidos ia sair: eu havia de seguil-a. Ia ella em companhia de duas damas de edade amadurecida. Ao sair a porta encarou-me e sorriu.

Um carroção tirado a bois se approximou. Era o vehiculo que as devia levar. As duas senhoras mais velhas subiram primeiro: ella foi a ultima, e quando ia a pôr o pé no estribo, deixou cair um lenço branco. Corri a apanhal-o; o carroção partiu. Segui-o de largo. Não parou muito longe. Apearam-se ao pé de uma casa antiga, de lobrega apparencia e entraram n'uma larga porta. Eu segui para casa, aspirando soffrego os perfumes que exhalava o talisman querido.

Se n'aquella occasião alguem tocasse no meu peito achal-o-hia escandecente. A cabeça era um remoinho confuso de idéas exaltadas. Era longa a lição

que eu tinha de estudar para o dia immediato: versava sobre principios de direito natural; travei dos livros; abri-os; aquella sciencia tornára-se arida para mim: não pude estudar uma só linha.

Collocára sobre a mesa ao lado dos livros o precioso lenço, e achava n'elle encantos que me embriagavam os sentidos. Beijava-o, aspirava os seus perfumes e mirava as letras iniciaes que continha, pretendendo adivinhar n'ellas o nome da mulher que o possuira; e todo este desvario dos sentidos me obrigou a deixar em criminoso abandono os livros e as suas proveitosas lições. Deitei-me; não dormi. Passei a noite a crear na phantasia as risonhas imagens de um futuro cheio de amor e de felicidade. No seguinte dia, depois de ter meditado a maneira porque havia de tornar a ouvir a voz angelica que me adormecera a razão, escrevi a primeira carta, de amor áquella mulher. Fiz chegar-lh'a ás mãos. A resposta não foi precedida da minima difficuldade. Rezava pouco mais ou menos assim:

«Acceito os seus votos, mas não o amo ainda; creio em si, mas não creia por ora em mim. Concedo-lhe que escreva, mas não conte com muitas cartas minhas. Desprézo essa formula banal que preside á creação de quasi todas as correspondencias de amor. Tenha valor e fé para soffrer. O amor verdadeiro, por isso que é precioso e raro, quer sacrificios para ser alcançado.»

A esta carta respondi, e depois d'essa resposta escrevi mais não sei quantas d'essas loucas paginas de devaneios intimos que o coração dita e de que a sociedade ri: Depois de soffrer muito e de ins-

tar porfioso, a mocidade é audaz, e os tempos correm libertinos,—consegui a promessa de ser recebido uma noite em casa de Ignez—era este o seu nome.

Chegada essa noite suspirada approximei-me da morada de Ignez, e fui admittido. Recebeu-me em uma sala modesta, e com o maior recato e mysterio. Apertou-me a mão e mandou-me sentar. Obedeci.

Começou por me fallar assim:

—Deve estranhar esta franqueza pouco vulgar de ser recebido, assim a esta hora, em casa de uma senhora nova: veja, porem, se dissipa, tal impressão, e se realmente me estima, como disse, ouça-me a exposição que vou fazer-lhe, que deverá ser o prologo da historia do nosso amor. Conto vinte e seis annos. Conheço algum tanto o mundo; tenho-o estudado em theoria desde os quinze annos, e com a minha experiencia desde os vinte. Acredito nos homens e nas mulheres, e não creio nem em uns nem em outras. Creio n'aquelles quando, depois de os haver estudado, conheço que são sinceros e despertenciosos, que no seu amor não entra o calculo nem a vaidade; n'este caso acho-os susceptiveis de um affecto legitimo, como o amor dos Bernardins, dos Abeilards e dos Camões; n'aquelles que não possuem estas raras qualidades não vejo mais que uns seres incommodos e brutaes. Para acreditar nas mulheres, é preciso vel-as pouco experientes, pouco sabidas nas coisas da vida, e nada vaidosas. Detesto as *bas bleus,* as que professam o amor do luxo, as demasiadamente modestas, bem como certa honestidade hypocrita que não é senão

a voluptuosidade ataviada com as vestes da innocencia; e creio que qualquer senhora de brio e juizo pode ter intimas relações com um homem, sem que lhe venda, a troco de um preço qualquer, a belleza unica que a natureza lhe concedeu—a honra e o pudor. E pensando assim, e tendo-lhe conhecido alguns quilates de franqueza e sinceridade, recebo-o em minha casa sem temer por este facto a maledicencia das linguas mundanas, de que aliás não faço caso.

E Ignez, travando-me da mão, concluiu fitando-me com languidez:

— Estimo-o.

Tomei-lhe as mãos, emmudecido, e ardente de ternura beijei-lh'as alternativamente, dizendo-lhe:

—Ignez, a senhora enlouquece-me!

— Não pretendo leval-o a esse estado, e quanto me fôr possivel heide afastal-o d'elle. Porém o que lhe parece o meu pensar? Julga-o talvez filho do calculo, não é verdade?... originado por uma longa aprendizagem na escola do amor?

— Oh! minha senhora, não me dilacere o peito. Julgo que tudo quanto diz são as vozes legitimas de uma alma candida e casta como as de Susana e Esther. A senhora é a mulher por quem o coração me diz, eu heide de ser levado ao santuario do amor legitimo. É um anjo, e só os anjos concedem a felicidade: torne-me feliz, Ignez, bem lh'o mereço pelo muito que já a amo. Diga que me ama tambem.

Ignez baixou aquelles olhos que me incendiavam e balbuciou:

—Pois não lh'o tem dito já sobejamente a minha franqueza?

—Oh! como eu a adoro agora! exclamei beijando-lhe de novo as mãos com soffreguidão.

Ella esquivando-se disse:

—Agora que já quebrei o meu rasoavel orgulho, agora que me confessei sua pelo coração, é prudente separarmo-nos.

Despedi-me e sai saudoso. Fulgira-me um relampago de felicidade, apoz o qual me fulminaria um raio de desgraça.

Quando chegámos a este ponto da historia do barqueiro, ouvia-se dar meio dia nas torres da cidade, e o velho disse-me:

—Meu amigo, a manhã acabou no momento em que lhe contava o final da manhã da minha felicidade. Como a ventura é breve! A ardencia do sol começa a offender-nos. O conto é ainda largo; parece-me util buscar a sombra de algum freixo ou chorão para o acabarmos: naveguemos mais até essa quinta, de além, onde a entrada é permittida.

—Tem razão, lhe disse eu.

E de novo entrámos no barco, que um instante depois sulcava a luminosa face do rio.

IV

—As minhas visitas, proseguiu o velho, á morada de Ignez multiplicaram-se: com ellas redobrou o fogo da paixão; com elle se esvaeceram os clarões da razão e o amor pelo estudo. As minhas faltas ás aulas tornaram-se frequentes, apezar das recommendações em contrario de meu pobre tio; de sorte que perdi o anno. Entre mim e Ignez es-

tabelecera-se a mais franca familiaridade; aquella mulher, tão formosa quanto perfida, inspirava-me cada vez mais amor e respeito, pela sua doçura, pela sua esclarecida intelligencia, e pela sua castidade. O tempo da minha emancipação social ia prestes chegar. Um dia—ambicioso de gosar livremente as caricias do seu affecto—fallei-lhe em casamento. Mostrou-se offendida e disse-me:

«Vejo que o cança o meu amor; quer pôr termo ás suas adorações; vae-lhe esfriando o coração e cae na vulgaridade. O casamento como lei social é uma instituição respeitavel; como o sacrificio mais importante de um amor casto e ardente, é uma trivialidade que produz muitas vezes o contrario d'aquillo a que se destina; mata o amor, e entorpece o coração; é prova evidente da ambição no amor, e onde ha ambição poucas vezes ha pureza. O que acaba de propôr-me evidenceia-me que as paixões dos homens são sempre de pouca perseverança e breve duração. Queria encontrar um Bernardim, que amasse sem esperança, mas com pureza e ardor legitimo; que se resignasse a ser martyr de uma paixão nobre, que eu havia de soffrer com elle; mas a minha esperança expirou depressa. Os homens são todos vulgares. Tentam todos os meios para a satisfação dos prazeres materiaes. Os espertos armam laços ás mulheres inexperientes para as desvirtuarem á sombra das juras de um amor ficticio e grosseiro. Para alcançarem o seu fim tentam-lhe a vaidade com a lisonja, a ambição com o oiro, a cegueira do luxo com as galas. Os inexpertos tentam-lhe o coração com o casamento. Theodoro desista d'essa idéa e por ella

do meu amor. Heide continuar a estimal-o, mas não me falle mais de amor que me aborrece.»

Quiz combater-lhe estes principios paradoxaes, este philosophar erroneo; provar-lhe por mil meios a pureza do meu affecto: empreguei a minha pouca eloquencia, empenhei afagos, altivez, supplicas, humilhação; foi tudo baldado! aquelle vulcão de amor cobrira-se de um gelo inaccessivel a todos os rogos. Louco, completamente louco, saí da morada de Ignez e encaminhei-me a casa com o intento de me asphixiar.

Atravessei algumas ruas da cidade e tocava o sino da camara o signal do recolher quando cheguei a casa. Ao entrar a porta da escada senti travarem-me do braço com violencia e uma voz dizer-me:

—Acceita e lê.

Voltei-me, e não pude reconhecer, quem assim me impedia os passos, porque além de ser noite escura, o vulto pareceu-me estar embuçado. Os pensamentos e as dôres que me agitavam eram d'aquelles que, extenuando-nos o corpo, nos fazem alheiar o espirito das pequenezas da vida; assim parecia que um poder magnetico me fizera estacar. Não resisti. Acceitei um papel que me entregavam, e entrei em casa apressado. Ahi pude ler estas phrases em letra desconhecida:

—És uma creança pusillanime; sem esforço, nem resolução. Cedes ao menor obstaculo. És incapaz para amante. A mulher que requestas é como um vulcão pedregoso; se conseguires vencer as escabrosidades que te tolhem os passos, hasde abrazar-te com o fogo que lhe arde no seio. Per-

severa. Os animos fracos não são para as grandes luctas.

Se me tolhessem o uso da voz e me agrilhoassem subitamente, não me tornariam extatico, e immovel, como me deixou esta fulminante apostrophe. O suor coava-me pelos poros. O coração batia-me com violencia. A mente estava em completa abstracção, como que allucinada pelos turbilhões de idéas desencontradas que n'ella se haviam debatido. Eu era muito impressionavel, e tinha grandes perturbações de cabeça.

Deitei-me, passando uma noite agitadissima, buscando coordenar as minhas idéas, e vêr se podia conjecturar quem viera com tal exprobração tirar-me do espirito a resolução funebre que o invadira.

— Oh meu Deus! dizia eu commigo, porque formastes vós uma mulher tão bella e tão incomprehensivel? Quem me explica o coração d'essa creatura? Abrigará acaso aquelle joven corpo uma alma anciã, esfriada pela experiencia, e gasta pela devassidão? E quem foi esse mysterioso ser que veiu, na mais afflictiva hora da vida, dar-me o alento que me fallecia, e ensinar-me a resistir ás repulsas d'essa mulher sem piedade? Deverei eu abandonal-a, fugir d'esta terra buscando esquecel-a ou tentar vencer a sua austeridade?

Esquecel-a, é impossivel. Perseverar no amor quando se é assim repellido é heroismo. Mas não irei eu perder-me buscando entregar o coração a uma mulher de tão diabolica excentricidade? Não será essa formosura uma nova Lais ou Aspasia, que escarneça de um affecto casto? Embora. Seja

ella uma emanação do inferno, é-me impossivel deixar de a amar. Seguirei a inspiração d'este mysterioso bilhete que é a vóz do meu destino.

«Creança sem esforço nem resolução!»

Creança sou, é certo; mas deixa de o ser alguma vez o homem dominado por uma paixão vehemente? Esforço e resolução não os tive, é verdade; mas agora envergonhado da propria covardia, vou emendar o meu erro.

V

No dia immediato dirigi-me a casa de Ignez, e fiz-me annunciar, apesar de temer não ser recebido. Mandaram-me entrar para a sala. Ignez não tardou a apparecer-me. Vinha bella como sempre, mas pareceu-me mais encantadora que nunca. Conheci-lhe bastante indifferença na maneira porque me cumprimentou. Sentou-se ordenando-me por um gesto que a imitasse.

—Não o esperava mais, me disse ella.

—E saí sem tenção de voltar. Porque não me esperava?

—Porque, apezar de o achar mais ingenuo que muitos, julguei-o inconstante como todos. Porque saiu com tenção de não voltar?

—Porque?... porque ia... suicidar-me!

—Commettia uma loucura sem proveito.

—Aproveitaria ao menos em dar-lhe a certeza de quanto a havia amado.

—Engana-se. Se o não tivera antes acreditado, essa resolução para mim não constituia prova. O

homem que se vota ao amor deseja mil annos de vida para adorar o objecto do seu enlevo. Não chorava portanto a sua morte.

—Mas a senhora repelliu-me!

—Não o repelli. Desgostou-me o seu pensar. E dêmos que o despedia: a sua situação reduzia-se a um simples dilemma: amava-me, ou não.— No primeiro caso, havia de parecer-lhe impossivel a minha ingratidão porque me julgava virtuosa; se o não era, qualquer excesso da sua parte seria uma franqueza digna de riso. Se me não amava, a minha repulsa era apenas um desapontamento para si; e no fim de algumas horas já nem se lembraria do meu nome.

—Mas poderia eu viver adorando-a com excesso como a adoro, e existindo só para a senhora, depois de lhe ter ouvido aquellas fataes palavras: —«Desista do meu amor—?»

—Podia responder-lhe que—«É preciso astucia para amar; esgotam-se todas as maneiras de agradar e por fim agrada-se.» Mas já sabia que me havia agradado; confessara-lh'o eu; dera-lhe essa victoria; portanto a sua tentativa era uma ingratidão sem nome. Felizmente vejo que mudou de resolução.

—E agora continua-me o seu affecto? interroguei eu novamente cego de ternura, e tomando-lhe a mão que ella não me deixou beijar-lhe.

—Ainda não interrompi o que me inspirou. E a pergunta que me faz, repito-lh'a eu:—Ama-me?

—Muito.

—Bem. Então lembro-lhe que o amor verdadeiro, é pura emanação do céo. É suave como

um perfume, melodioso como uma harmonia dos anjos, e casto como uma virgem: vive no espirito e pelo espirito. Só tem uma ambição—adorar, e um desejo—ser eterno. Para elle, um olhar, é um thesouro; um aperto de mão, a suprema felicidade; um osculo, o paraizo. Se está resolvido a passar commigo essa vida de eternas delicias, sem que jámais nos seus devaneios, nos seus delirios de imaginação, entreveja futuro algum que não seja um amor casto e desambicioso, confesso-me sua pelo espirito. E esse affecto ethereo, nobre e sublime, não poderá nunca involver-se no lodaçal da materia. Nem outros laços que não fossem os do espirito eu podia offerecer-lhe.

Eu estava quasi louco, porque não podia julgar louca aquella mulher inexplicavel, que parecia lançar centelhas pelos olhos, e deixar cair neve dos labios! Se não estivesse dominado pelos seus encantos, creio que era capaz de a apunhalar, e apunhalar-me a seu lado. Perdido n'um labyrintho de conjecturas, não achava o fio das minhas idéas. Ella fitava-me como que esperando ouvir-me. Como eu proseguia na mesma perplexidade, continuou:

— Não estranhe o que me ouviu. Disse-lhe uma vez que conhecia o mundo, e que era lida nas coisas da vida. Tambem tenho amor pelo estudo, e sem tentar reformar a sociedade, possuo um codigo particular por onde regulo as minhas paixões. Ainda me ama, Theodoro?

Que havia de eu responder a uma mulher tão formosa, estando a sós com ella, recebendo os seus effluvios, roçando os seus vestidos perfumados, tocando as suas mãos alabastrinas?

—Muito!

—Venha visitar-me amanhã, e receba como premio da sua constancia esta dadiva.

N'isto Ignez entregou-me uma boceta que tirara de uma secretaria. Abria-a. Tinha dentro uma grinalda de flores de laranjeira artificiaes.

—Uma corôa de noiva, exclamei eu. Que significa isto?

—Sabel-o-ha; acceite, e... até ámanhã.

Saí tão allucinado como dois dias antes.

VI

Que significava a corôa de noivado que Ignez me offerecera? Como poderia eu combinar o pensar extraordinario d'aquella mulher, com o amor que dizia dedicar-me, com o avizo que esse desconhecido me fizera, com esta offerenda extravagante? Seriam as repulsas de Ignez puras experiencias para avaliar a extensão da minha ternura, e estaria ella resolvida a deixar que eu lhe cingisse a corôa de noiva?

Novo acontecimento veiu complicar as minhas conjecturas. Quando ia dirigir-me á sua morada recebi d'ella um aviso em que me previnia que não podia receber-me antes de tres dias por circumstancias imprevistas. Que seria? Estar d'ella ausente tres dias, na occasião em que mais carecia do conforto dos seus olhares! Não era ella livre nas suas acções? Qual seria o embaraço invencivel que me impunha tão dura ausencia? Eu amava-a muito para que não me inspirasse arden-

tes ciumes um facto novo na historia das nossas castas relações. Esperei a noite para ir postar-me ante a janella, em logar que não fosse visto, afim de averiguar, por um indicio qualquer, o motivo de tão barbara determinação.

Ás onze horas vi uma luz no quarto de Ignez. Pouco depois um homem bateu á porta da casa. A criada veiu abrir. Elle entrou. A porta fechou-se. D'alli a uma hora desappareceu a luz. Tive uma idéa infernal: lançar fogo áquella casa! Estava tudo acabado para mim. A devassidão e a perfidia estavam encarnadas na mulher mais linda que eu vira. Affluiu-me o sangue ao cerebro, e julguei que endoidecia. O coração parecia querer estalar as prisões que o involviam para sair-me do peito. Tinha perdido uma carreira brilhante que o estudo me offerecia, e mais que isso tinha-se-me esvaecido a esperança, a crença, a felicidade!

Quanto mais vehemente é o amor, tanto maior se torna o odio se a traição é a recompensa d'aquelle sentir. Não pensei mais em suicidio; pensei na vingança. Não quero lembrar-me dos martyrios horriveis que soffri n'aquella noite, e no dia que se lhe seguiu. Se o seu coração, ainda não foi dilacerado por alguma d'essas viboras com formas de pomba, que vieram á terra para entregar almas ao demonio, pergunte-o a algum d'esses cadaveres ambulantes que já gastaram a vida e o coração n'essas dôres e ouça d'elle o que eu passei. O que só posso dizer-lhe é que na noite proxima, á mesma hora, eu estava defronte da casa da perfida, e tinha duas pistolas carregadas na algibeira. O personagem da vespera entrou. Tive valor de o não

matar. Subi levemente a escada, escutei á porta e pude perceber que cearam, e se recolheram. Lembrei-me de esperar alli até ao dia seguinte a saida do infame, para lhe arrancar a vida; mas que fazia eu em assassinal-o? Não me vingava d'ella, e era colhido pela policia e processado, ficando com os remorsos d'aquella morte, e deixando intacta a que lhe dera causa. Tomei outra resolução.

A idea da vingança fez-me hypocrita. Esperei novo aviso d'Ignez, e fui visital-a. Não sei como não a suffoquei em meus braços, quando me achei a sós com ella. Talvez para dissipar a impressão que poderia ter produzido no meu animo a ausencia de tres dias, cuja causa ella ignorava que eu sabia, prodigalisou-me n'essa visita milhares de attenções, e instou-me para que a acompanhasse ao chá. Já não era a primeira vez que me fazia este convite que eu sempre recusara: d'esta vez acceitei. O que só houve de extraordinario n'essa visita foi eu temperar a chavena de Ignez, e, sem que ella o percebesse, de involta com o assucar deitar-lhe arsenico em pó. Para mim reservava mais rapido remedio. Não tardou a sentir-se incommodada. Offereci-me para ir chamar-lhe um medico. Acceitou. Sai, mas não voltei. Corri a casa fechei-me no quarto, travei d'uma pistola, apontei-a ao craneo, e disparei. Senti-me ferido; turbou-se-me a cabeça, cai no chão ensaguentado e desfalleci. Quando recuperei os sentidos, achei-me deitado em uma cama ordinaria, n'uma grande sala, onde havia mais algumas camas.

Ouvindo a detonação, soube-o depois, os vizinhos arrombaram-a porta e tinham-me levado para o

hospital. Sentia grandes dôres na cabeça, e tinha a camisa, as mãos, e a cara empastados de sangue. Logo que pude fallar informei-me do enfermeiro sobre o estado da ferida. Disse-me que não era de perigo, que a bala resvalando me havia offendido o craneo levemente, mas que tinha de soffrer grandes dôres antes de cicatrisar a ferida. Levei as mãos ao pescoço apertando-o, mas evitaram que eu me asphixiasse. Resignei-me.

Padeci muitos dias dôres escruciantes. O mal moral exarcerbava o physico. Uma tarde o enfermeiro trouxe-me esta carta vinda pelo correio. O velho tirou da algibeira da japona uma carteira, e d'ella um papel esfarrapado. Era a carta:

«Theodoro. O veneno que me propinou, arruinou-me, mas não me tirou a vida; eu, porém, vou acabar a sua obra. Sinto as suas penas, e alegro-me sabendo que não succumbirá ao resultado da sua loucura. Ainda bem. É solemne a occasião em que lhe escrevo, portanto cumpre que eu rasgue esse véo de mysterio com que lhe tenho apparecido. Amei muito um homem, mal assomava aos quinze annos. Eu era formosa e virgem. Esse homem não sentia por mim egual affecto. Viu-me inexperta, e seduziu-me, fugindo commigo para França, onde vivemos seis annos. Volvendo a Portugal, alguem lhe pediu contas da minha deshonra, e elle conduziu a sua victima ao leito conjugal. Mas apezar d'isso ella não deixou de encontrar n'elle um verdugo. Depois de roubar o pudor á donzella, tirou as crenças á amante, e a esperança e a alegria á esposa. Nunca teve um carinho, um affago, um mimo para aquella que tanto o amava.

Para elle eu tenho sido como a odalisca, que sacia os desejos brutaes do senhor, mas que não tem direito a um sorriso sequer. Percorrendo uma vida turbulenta e extravagante, esse homem dorme uma noite nos meus braços, como nos de qualquer mulher devassa, e no dia seguinte sauda-me com a ironia do desprezo, e parte. E comtudo tenho-lhe sido fiel, não em respeito a um ente tão despresivel mas por não mentir ás juras que fiz ante o altar. O meu corpo portanto está puro; o espirito é que está corrompido.

«Vi-o n'um baile, Theodoro, e desde logo o meu coração se inclinou para si, porque essa *pobre* parte do meu ser, crivada de angustias, estava sequiosa de amor, não d'esse sentir terreno e impuro que, arrastando-se na poeira do vicio, se desvirtua aos olhos de Deus; mas d'esse alento suave que baixa do ceo ás nossas almas para as identificar em casto enleio n'um mundo de poesia e doçura. Amei-o, Theodoro, mas esse affecto que ainda n'estes tristes momentos lhe conservo não podia deixar de ser da natureza d'aquelle amor. Dei-*lh'o* a entender sempre, e se uma ou outra vez me viu indisposta comsigo foi porque me fallou de um sentir differente d'este. O bilhete que recebeu das mãos de um ancião na noite em que tentou a sua primeira loucura era meu. Eu desejando crear-lhe uma alma para a minha, velava pela sua vida. Offereci-lhe uma corôa de noiva — era a que me cingira um esposo indigno, que me matava lentamente. Queria ser sua esposa pelo espirito, por isso lhe fiz essa dadiva que tencionava explicar-lhe em breve; mas um acontecimento inesperado veiu

destruir o meu projecto. O homem que viu entrar em minha casa, era o verdugo, era meu marido. De certo foi isso o que o fez tentar matar-me e matar-se, Theodoro; agradeço-lhe esta prova de amor, porque o é, é grande. Este facto vae occulto commigo; o seu veneno não produziu todo o effeito a que se destinava; o medico e todos que o souberam julgaram que a tentativa era minha, e agora vão certificar-se porque sou eu que a acabo. Tanto não devia eu haver vivido. Teria padecido menos. Theodoro, adeus, seja feliz só, já que o não podemos ser ambos. D'aqui a duas horas pode esquecer-se da mulher mais desgraçada que conheceu. Ainda sua

Ignez.»

Depois da leitura d'esta carta não me lembro do que me aconteceu mais, e apenas ás vezes me recordo vagamente de um sonho que me parece haver tido e que se me apresenta á phantasia por esta forma:

Erguia-me cadaverico do leito do hospital, fugindo d'alli espavorido, e vendo todos a affastar-se de mim. Chegando á rua ouvi dobres de sinos, e vi duas alas de homens formando um prestito funebre que se dirigia a um templo. Ahi foi lançado á terra um corpo de mulher. Corri ao meio d'elles e quiz arrancar-lhes das mãos a morta, mas braços violentos me agarram, levando-me manietado para uma prisão, onde me martyrisaram.

Dizendo isto o barqueiro ficou por largo espaço como que absorto em profundo meditar; depois assomou-lhe aos labios um sorriso da mais amarga

ironia. Soltou em seguida uma gargalhada terrivel apertou a cabeça com as mãos, e chorou convulsamente. Tranquillisei-o, e não sei se chorei com elle. Quando percebi que tinha voltado á rasão, pergunteí-lhe:

—E depois?

—Depois... disseram-me... d'ahi a muito tempo, que eu estivera doido quasi vinte annos! Estava muito doente e fraco, tinha padecido muito, soffrido muitas commoções desencontradas para não endoidecer com a leitura d'aquella carta.

—E agora?

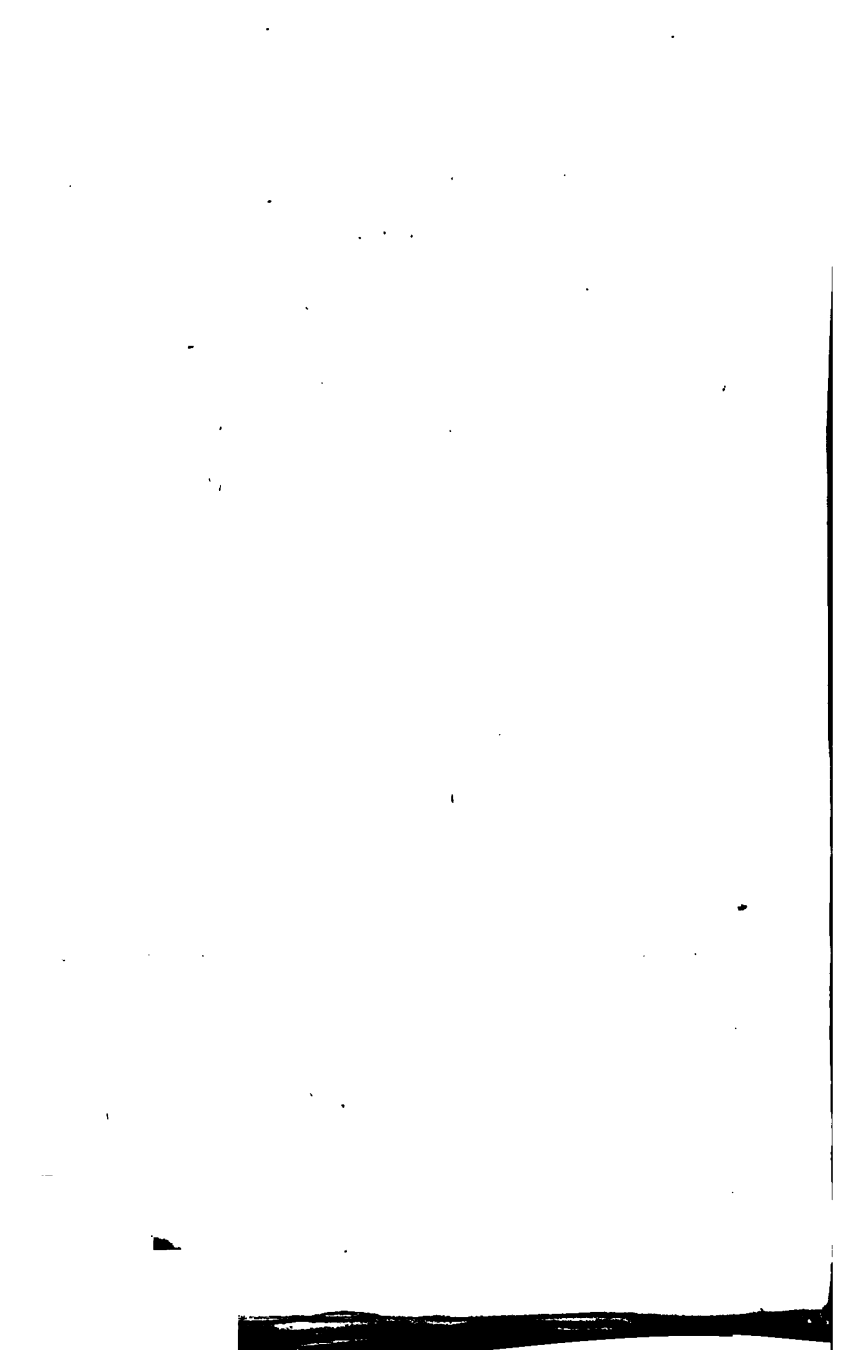
—Agora sou um desgraçado, um velho *alquebrado*, que para nada presta, e que depois de dar muitas voltas, de soffrer de toda a sorte de provações nas terras do Brasil e servindo de marinheiro a bordo de diversos navios, veio aqui dar em barqueiro.

Uns lembram-se de o conhecer creança, e outros recordam-se de ouvir dizer que esteve doido, e sabem ter elle ás vezes accessos de loucura, e dizem os medicos que com intervallos lucidos extraordinarios. Uns procuram-me como objecto de curiosidade e estudo; outros fogem de mim; e quer Deus que eu viva por aqui tambem um tanto longe d'elles, até para ahi cair de puro cansaço algum dia a esse rio que me irá deitar ás praias, se quizer ter a caridade de me não deixar comer pelos peixes!—Agora, amigo, vamos para terra. Ouviu um bocado de novella; é moço talvez lhe aproveite. É uma historia tão natural como outra qualquer. O soffrimento estancou-me as lagrimas; agora estas coisas da vida dão-me vontade de rir.

O velho sorriu-se; mas depois suspirou, e, apezar do seu protesto, chorou. Depois, quasi authomaticamente guiou o barco atè ao caes, e não me dirigiu mais uma unica palavra. Tinha o olhar espantado, e fazia singulares tregeitos com a bôcca.

D'ahi a alguns minutos eu estava em casa, escrevendo esta narrativa tirada das expansões do singular velho e á qual puz o seguinte commentario:

«Basta uma phantasia de mulher para fazer a desgraça de um homem.»

Nunca mais tornei a ver o infeliz barqueiro.

O RAPAZ DA CAMISA LAVADA

(A THOMAZ QUINTINO ANTUNES)

O RAPAZ DA CAMISA LAVADA

(CONTO Á MANEIRA DOS DE ANDERSEN)

Já sei o que hei de fazer, dizia muito triste o pequeno Leandro, conversando, como o outro que diz, com o seu travesseiro, a um canto do velho e humido lar paterno. Morreu meu pae. Minha mãe ficou pobre. Sou o mais velho dos meus irmãos; tenho onze annos; vou correr mundo, comer o pão que o diabo amassou, ganhar a vida. Somos oito irmãos, e os bocados de pão que minha mãe ajunta são sómente quatro. Toca a fazer a trouxa.

E arranjou um saquito, aonde metteu umas ceroulas velhas, umas calças remendadas, e umas meias rotas. No outro dia despediu-se, cortado de saudades, e metteu a pé pela estrada que ia desembocar a uma grande cidade.

A mãe, ao vêl-o afastar-se, exclamou com lagrimas de mãe:

— Coitadinho! Deus o fade bem.

Uma irmãsita tornou resignada:

— Póde ser que seja feliz.

Um irmão de dez annos acrescentou com ingenuidade:

— O homem fez-se para os trabalhos.

Uma visinha interesseira observou:

— Ora! Ainda espero que elle nos faça muito bem a todos.

Um negociante egoista, compadre do defunto chefe da familia, resmungou:

— Que o leve o diabo para bem longe. Escusa de vir por ahi pedir-me alguma esmola, a pretexto da amisade que eu tinha com o pae.

E o Leandro foi-se caminho fóra, trincando um bocado de broa dura que lhe dera um tio rico, pernoitando por palheiros e cavallariças, e soffrendo um frio de rapar, porque era no pino do inverno.

Chegado á opulenta cidade andou tres dias desarrumado, mortinho de fome, e ao fim de muito procurar caiu nas mãos de um emprezario de venda de palitos e rocas, o qual o contratou a vintem por dia e de comer, devendo vestir e calçar á sua custa. Era pouquissimo, era, mas o negocio do homem não lhe dava para larguezas, e elle sempre havia de ganhar alguma coisa para lhe remunerar o capital de experiencia e aptidão, e pagar os cuidados, sustos e riscos do commercio da canna tornada em rocas, e do salgueiro convertido em palitos.

No outro dia, ás cinco da manhã, já se ouvia nas ruas uma voz pequenina e timida, bradando em tom de álerta de comparsa anemico:

— Merca palitos e rocas!

E as criadas chamavam o pequenito, e compravam-lhe, e elle dizia comsigo:

— Ao menos já tenho de comer e de calçar. Este patrão que eu sirvo foi Deus que m'o deparou. Se não fosse elle, que seria de mim!

E caminhava, e gritava, e subia escadas, e suava, e estafava-se, sempre alegre, e com as calcitas rotas, coitadinho, e a jaquetita descosida, e sempre calado e satisfeito, dando graças a Deus por tanta fortuna.

Algumas pessoas que o viam n'aquella labutação olhavam-n'o com ar compassivo e diziam:

Primeira. — Bom rapazinho. Era digno de melhor sorte.

Segunda. — Ha por ahi tanto tolo mandrião e patife afortunado, e só para uma creaturinha d'estas é que não se chega a fortuna!

Terceira. — Alguns estão a dormir, e chove-lhes o dinheiro pelas gretas do telhado; este anda desde pela manhã até á noite, e nem ganha para concertar as calças e lavar a camisa.

Outros sujeitos mais brutaes, e menos dados á commiseração, diziam-lhe:

— Ó rapaz, tu não tens agua para te lavar? Trazes a camisa que é mesmo um tição!?

E elle córava, envergonhava-se, e corria, e transudava, e esfalfava-se, clamando sempre:

— Merca palitos e rocas!

Começou a notar que os que o accusavam de trazer o peitilho como um tição o tratavam com desdem, e já não o chamavam para lhe comprar os palitos, e aos outros quasi que se ia pegando a mesma molestia, e Leandro chorava a occultas o seu infortunio. Cogitou muito no modo de o remediar, e um dia passando por um fanqueiro, e vendo

á porta umas camisas brancas e luzidias, suspirou. Mirou-as com inveja misturada de saudade, limpou uma lagrima, e foi-se a scismar. No dia seguinte passou lá, olhou outra vez e tornou a suspirar. Voltou pelo mesmo sitio no terceiro dia. Era aquelle o seu namoro. Ao quarto atreveu-se a perguntar ao caixeiro:

— Faz favor de me dizer se esta camisa é muito cara?

— Ora! barbas te dera maio para tu lhe chegares ao preço! tornou o caixeiro com desdem.

Leandro córou, deu outro suspiro, e retirou-se. N'essa noite pouco dormiu. Mas não desistiu. No outro dia passou por lá. As contrariedades são o mais vigoroso estimulo para certos temperamentos. D'esta vez estava na loja outro caixeiro:

— Faz favor de me dizer quanto custa uma d'estas camisas?

— Cinco tostões, porque, quer comprar alguma?

— Não, senhor. Era para saber.

— Eu logo vi. Pedaço de tolo!

Leandro estremeceu com o insulto, e retirando-se, disse comsigo, rilhando os dentes de desesperado:

— Assim Deus me ajude como eu hei de comprar uma camisa d'estas!

E do vintem que o patrão lhe dava quotidianamente ia guardando n'um pé de uma meia velha, um dia sim, outro não, cinco réis. Dos quinze réis restantes eram cinco para mandar á mãe, e dez para concertos de sapatos, que elle rompia muito, e mais não chegavam.

O caso é que ao fim de quasi um anno, duzen-

tos dias, Leandro tinha juntos quinhentos réis. Beijou o dinheiro com effusão, e tremulo de prazer foi a correr ao fanqueiro, e comprou a camisa. O caixeiro quando viu os cinco tostões sobre o balcão fez tanta zumbaia ao freguez, que pouco faltou para lhe arrumar um — vossa senhoria.

No domingo proximo o Leandro estreiou a camisa. Ergueu-se ainda de noite, e foi á missa das almas. Lá, resou dois Padres Nossos em acção de graças, e percebeu que uns varredores, e uns aguadeiros que estavam na egreja o entremiravam de soslaio, e diziam alludindo á camisa:

— Bravo ao luxo!

De tarde pediu ao patrão para o deixar ir a passeio, e foi-se por ali fóra até ao campo.

Logo ao sair a porta loja em que elle dormia com os companheiros pareceu-lhe que lhe ficavam roendo na pelle, e até lhe chegou aos ouvidos esta voz:

— Já a formiga tem catarrho!

Mais adiante encontrou tres conhecidos, dos que d'antes o lastimavam por ser pobre e infeliz, e quando ia, n'uma expansão de sincera e justa alegria, mostrar-lhes a camisa, viu-os olharem-o com sobrecenho, mirando cada um d'elles a camisa propria, e dizerem:

Primeiro. — Ora o traste! Então não me enganou?

Segundo. — Vão lá ter dó de um patife d'estes. Hypocrita! Com uma camisa melhor que a minha, e a fingir-se um pobretão.

Terceiro. — Mariola! Aquillo só atirando-lhe uma chapada de lama para cima do peitilho. Eu nunca

lhe comprei palitos, mas agora não lh'os queria nem que elles fossem de oiro.

Até lhe constou que a tal visinha lá da terra, que ficára com muitas esperanças n'elle, quando soube do caso da camisa nova balbuciára:

— Olhem que aquelle maroto não foi capaz de me mandar nem um chavo. E cansei-me eu a puxar-lhe as orelhas para o fazer homem. Assim paga o diabo a quem o serve.

Tudo isto eram facadas para o Leandro, que chegou a julgar-se perdido quando soube que um invejoso de camisa suja fôra avisar o patrão de que elle o roubava na venda, calumnia que o emprezario de rocas e palitos rejeitou por inverosimil. Esteve até o honrado rapaz para despir a camisa nova e vestir a velha: mas, encontrando um homem serio, de gravata lavada, seu freguez, que tambem ganhára camisas trabalhando incessantemente, e contando-lhe com as lagrimas nos olhos o acontecido, elle disse-lhe:

— Não sejas pateta. O que elles queriam era que tu lh'a desses. Trata de ajuntar para outra e deixa-os fallar.

Leandro recolheu á loja mais animado, resolvido a continuar a trabalhar para ajuntar novas moedas de cinco réis, e dizendo comsigo:

— Mas é triste: «Não podem vêr uma camisa lavada á gente!»

INDICE